

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

GILSON ALBERTO NOVAES

A EXPRESSÃO CROMÁTICA
COMO OS ARTISTAS SE ENCANTAM COM AS CORES

São Paulo

2024

GILSON ALBERTO NOVAES

A EXPRESSÃO CROMÁTICA
COMO OS ARTISTAS SE ENCANTAM COM AS CORES

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação, Arte e História da Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Rizolli

São Paulo
2024

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N935e Novaes, Gilson Alberto.
A expressão cromática : [recurso eletrônico] como os artistas se encantam com as cores / Gilson Alberto Novaes. 14 MB ; il.
Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2024.
Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Marcos Rizolli. Referências Bibliográficas: f. 122-130.
1. Teoria Das Cores. 2. Artistas. 3. Pintores. 4. Luz. 5. Pigmento. I. Rizolli, Marcos, orientador(a). II. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Marcela Da Silva Matos - CRB 8/10691

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: Gilson Alberto de Novaes

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Arte e História da Cultura

Título do Trabalho: A expressão cromática: como os artistas se encantam com as cores.

O presente trabalho foi realizado com o apoio de ¹:

- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- Instituto Presbiteriano Mackenzie/Isenção integral de Mensalidades e Taxas
- MACKPESQUISA - Fundo Mackenzie de Pesquisa
- Empresa/Indústria:
- Outro:

¹ Observação: caso tenha usufruído mais de um apoio ou benefício, selecione-os.

GILSON ALBERTO NOVAES

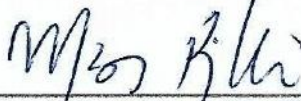
A EXPRESSÃO CROMÁTICA
COMO OS ARTISTAS SE ENCANTAM COM AS CORES

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação, Arte e História da Cultura.

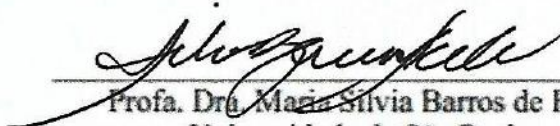
Orientador: Prof. Dr. Marcos Rizolli

Aprovado em: 21/02/2024

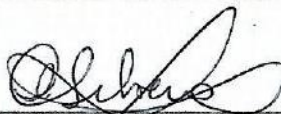
BANCA EXAMINADORA




Prof. Dr. Marcos Rizolli
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Profa. Dra. Maria Silvia Barros de Held
Universidade de São Paulo



Profa. Dra. Isabel Orestes Silveira
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof. Dr. José Marcos Cavalcanti de Carvalho
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará



Prof. Dr. Marcelo Martins Bueno
Universidade Presbiteriana Mackenzie

À minha esposa Rosani, companheira de todas as horas e grande incentivadora desta pesquisa.

Aos meus filhos Eduardo e Gisane e aos netos Leonardo, Guilherme, Luiza e Henrique, dádivas divinas que dão “cor e esperança” à minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o maior Pintor do mundo, Criador de todas as cores e tons, que me deu saúde e sabedoria para concluir o Doutorado, um objetivo alcançado, aos meus olhos, fora do “meu tempo”, mas no tempo dEle!

Ao Prof. Dr. Marcos Rizolli, meu Orientador, pelas sugestões e apoio incansáveis, fundamentais para a realização desta pesquisa.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie, uma Instituição centenária, de fé e ciência, na qual tenho a honra de trabalhar há mais de vinte anos e que me possibilitou concluir essa jornada.

A todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa sobre as cores! As cores encantam as pessoas de todas as idades: crianças, jovens, adultos, idosos... Um olhar mais cuidadoso sobre os grandes mestres da pintura e logo percebe-se como, cada um em sua modalidade de atuação, manifestou sua preferência por determinada cor, manifestações essas no tempo, no espaço e em diferentes materialidades e técnicas artísticas. Essa pesquisa estuda a “Teoria da Cor”, basicamente, nas obras de Leonardo da Vinci, Isaac Newton, Johann Wolfgang von Goethe, Michel Eugène Chevreul, Konrad Fiedler e Johannes Itten, oferecendo ênfase aos discos das cores criados por alguns deles, buscando sintetizar cada teoria, no seu devido tempo, na profissão de cada um, bem como em suas regiões geográficas e como fizeram abordagens diferentes sobre o tema “Teoria das Cores”. Adotou-se como campo de estudo, um fenômeno de interesse interdisciplinar. As diferentes teorias das cores desses estudiosos da visualidade foram desenvolvidas em diferentes campos do conhecimento, o que mostra claramente a potência interdisciplinar do presente objeto de estudo, cujo argumento é a cor. Leonardo era um artista italiano, Newton, um físico inglês, Goethe, um filósofo alemão, Chevreul, um químico francês, Fiedler, um escritor e artista belga e Itten, um pintor, professor e escritor suíço. Apresentadas as teorias, a pesquisa vai mostrar no tempo e no espaço, uma relação “Artista/Cor”, buscando n’ a expressão cromática, como os artistas se encantam com as cores. Por meio de revisão bibliográfica e análise de documentos, pesquisou-se as cores primárias — amarelo, vermelho e azul — e as secundárias — roxo, verde e laranja —, além de uma cor terciária — o marrom. Para cada cor, identificou-se um artista que a tenha usado com mais frequência em sua obra, usando-a com prioridade sobre as demais, combinando e interagindo umas com as outras. As sete cores e os sete artistas pesquisados, geraram no presente trabalho, seus respectivos “discos das cores”, mostrando no círculo cromático, as cores de preferência de cada um. Estudar as cores ao longo do tempo e do espaço, permitirá conhecer como esses artistas viveram seus dias e suas opções por determinadas cores em detrimento de outras. A presente pesquisa pretende atingir artistas, estudantes de arte, acadêmicos de um modo geral, abordando um tema que até então não se tem notícia, porém sendo notória aos olhos dos críticos de arte, a predileção desses pintores e artistas sobre determinadas cores: Van Gogh, Yves Klein, Matisse, Monet, Tom Wesselmann, Iberê Camargo e Rembrandt.

Palavras-chave: Teoria das cores. Artistas. Pintores. Luz. Pigmento.

ABSTRACT

This work is the result of a research on colors! Colors enchant people of all ages: children, youth, adults, elderly... A more careful look at the great masters of painting and we will soon realize how, each in his mode of action, manifested his preference for a certain color, whose manifestations in time, space and in different materialities and artistic techniques. This research study the "Color Theory", basically, in the works of Leonardo da Vinci, Isaac Newton, Johann Wolfgang von Goethe, Michel Eugène Chevreul, Konrad Fiedler and Johannes Itten, offering emphasis to the color discs created by some of them, seeking to synthesize each theory, in due time, in the profession of each one, as well as in their geographical regions and how they made different approaches on the theme "Color Theory"!... I was adopted as a field of study, a phenomenon of interdisciplinary interest. The different color theories of these visuality experts were developed in different fields of knowledge, which clearly shows the interdisciplinary power of the present object of study, whose argument is color! Leonardo was an Italian artist, Newton, an English physicist, Goethe, a German philosopher, Chevreul, a French chemist, Fiedler, a Belgian writer and artist, and Itten, a Swiss painter, teacher and writer. Once introduced the theories, the research will show us in time and space, a relationship "Artist/Color", seeking in "*the chromatic expression, how artists are enchanted with colors*". Through literature review and analysis of documents, we searched the primary colors - yellow, red and blue and secondary - purple, green and orange, and a tertiary color, the brown. For each color, we identify an artist who has used it more intensively in his work, using it with priority over the others, combining and interacting ones with each other. The seven colors and the seven artists surveyed, generated in this work, their respective "color discs", showing in the color wheel, the colors of preference of each one. Studying colors over time and space will allow us to know how these artists lived their days and their options for certain colors to the detriment of others. This research aims to reach artists, art students, academics in general, addressing a theme that until then has not been heard, but being notorious in the eyes of art critics, the predilection of these painters and artists on certain colors: Van Gogh, Yves Klein, Matisse, Monet, Tom Wesselmann, Iberê Camargo, and Rembrandt.

Key words: Color Theory. Artists. Painters. Light. Pigment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Aristóteles	23
Figura 2 – Leonardo da Vinci.....	24
Figura 3 – Homem Vitruviano.....	26
Figura 4 – Isaac Newton, retrado por Godfrey Kneller (1863)	27
Figura 5 – Prisma de Newton. Decomposição da luz ao atravessar um prisma	28
Figura 6 – Johann Wolfgang von Goethe.....	30
Figura 7 – Michel Eugène Chevreul.....	33
Figura 8 – Johannes Itten.....	35
Figura 9 – Disco de Cores de Isaac Newton.....	38
Figura 10 – Disco de Cores de Goethe	41
Figura 11 – Disco de Cores de Chevreul	42
Figura 12 – Disco de Cores de Itten	43
Figura 13 – Disco de Cores de Itten	44
Figura 14 – Vicent van Gogh (1853-1890): <i>Self-Portrait with Straw Hat</i>	46
Figura 15 – <i>Sunflowers</i> (Girassóis), 1888 – Van Gogh. Parte da 1ª série de quadros.....	49
Figura 16 – Disco das Cores: Girassóis em um Vaso, 1888.....	50
Figura 17 – <i>Le Café de Nuit</i> (Café Noturno), 1888	51
Figura 18 – Amoreira no Outono, 1889	52
Figura 19 – Campo de trigo, 1889	53
Figura 20 – Marmelos, limões, peras e uvas, 1887-1888	54
Figura 21 – Disco de Cores de Van Gogh: conjunto da obra	55
Figura 22 – Henri Matisse	56
Figura 23 – <i>L'Atelier Rouge</i> (O Ateliê Vermelho), 1911.....	59
Figura 24 – Disco de Cores da Obra "O Ateliê Vermelho", (1911).....	61
Figura 25 – <i>Red Interior Scene with Tiger Painting and Ornate Sofa</i>	62
Figura 26 – <i>The dessert: harmony in red</i> (A sobremesa: harmonia em vermelho), 1908.....	63
Figura 27 – <i>Odalisque in red jacket</i> (Odalisca em jaqueta vermelha), 1937	64
Figura 28 – <i>The Goldfish</i> (Peixe dourado), 1911	65
Figura 29 – Disco de Cores de Henri Matisse: conjunto da obra	66
Figura 30 – Yves Klein.....	67
Figura 31 – IKB 191, 1962.....	70
Figura 32 – Disco das Cores: IKB 191	71

Figura 33 – Antropometria do Período Azul, 1960	72
Figura 34 – Barbara (ANT 113), 1960	73
Figura 35 – Cavalo, 1949	74
Figura 36 – Azul, 1960	75
Figura 37 – Disco Das Cores – Yves Klein: conjunto da obra.....	76
Figura 38 – Iberê Camargo	77
Figura 39 – As idiotas, 1991.....	80
Figura 40 – Disco das Cores: As idiotas, 1991.....	82
Figura 41 – Mulher e Manequim, 1991	82
Figura 42– Iberê, 1987	83
Figura 43 – Contraste, 1982	84
Figura 44 – Infância. Carretéis, 1958	85
Figura 45 – Disco Das Cores – Iberê Camargo: conjunto da obra	86
Figura 46 – Oscar-Claude Monet	87
Figura 47 – Ponte Sobre Uma Lagoa Azul de Lírios de Água, 1899	90
Figura 48 – Disco das Cores: Ponte Sobre Uma Lagoa Azul de Lírios de Água, 1899	91
Figura 49 – Impressão, Nascer do Sol, 1872	92
Figura 50 – Lírios D'Água, 1916.....	93
Figura 51 – Litoral em Trouville, 1881	93
Figura 52 – Bancos do Sena, Vetheuil, 1880	94
Figura 53 — Disco das Cores – Claude Monet: conjunto da obra	95
Figura 54 – Tom Wesselmann.....	96
Figura 55– Natureza Morta #44, 1964.....	99
Figura 56 – Disco Das Cores: Natureza Morta #44, 1964	100
Figura 57 – <i>Great American Nude</i> 8, 1967	101
Figura 58 – <i>Bedroom Painting #4</i> , 1968	101
Figura 59 – <i>Great American Nude #53</i> (1964).....	102
Figura 60 – <i>Drawing for Great American Nude #78</i> , 1966-1977	103
Figura 61 – Disco das Cores – Tom Wesselmann: conjunto da obra.....	104
Figura 62 – Rembrandt Harmenszoon van Rijn. Autorretrato aos 34anos.....	105
Figura 63 – Autorretrato com boina levantada, 1659	108
Figura 64 – Disco das Cores: Autorretrato, 1659	109
Figura 65 – A lição de anatomia do Dr. Nicolaes Tulp, 1632	110
Figura 66 – A Ronda Noturna, 1642	111
Figura 67 – O copista	112

Figura 68 – O artista em Seu Estúdio, 1628.....	113
Figura 69 – Disco das Cores – Rembrandt: conjunto da obra.....	114

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
2 TEORIA DAS CORES.....	23
2.1 ARISTÓTELES.....	23
2.2 LEONARDO DI SER PIERO DA VINCI	24
2.3 ISAAC NEWTON.....	27
2.4 JOHANN WOLFGANG VON GOETHE.....	30
2.5 MICHEL EUGÈNE CHEVREUL.....	33
2.6 JOHANNES ITTEN.....	35
3 OS DISCOS DAS CORES COMO ELEMENTOS DE ESTUDOS CRÍTICOS.....	37
3.1 ISAAC NEWTON.....	38
3.2 JOHANN WOLFGANG VON GOETHE.....	39
3.3 MICHEL EUGÈNE CHEVREUL.....	41
3.4 JOHANNES ITTEN.....	43
4 COMO OS ARTISTAS SE ENCANTAM COM AS CORES.....	45
4.1 O AMARELO, PREFERÊNCIA DE VAN GOGH.....	46
4.1.1 Reflexão	48
4.1.2 Galeria – Van Gogh.....	51
4.1.3 Disco Das Cores – Van Gogh: conjunto da obra	55
4.2 O VERMELHO DE HENRI MATISSE	56
4.2.1 Reflexão	59
4.2.2 Galeria – Henri Matisse	62
4.2.3 Disco Das Cores – Henri Matisse: conjunto da obra.....	66
4.3 O AZUL DE YVES KLEIN.....	67
4.3.1 Reflexão	70
4.3.2 Galeria – Yves Klein.....	72
4.3.3 Disco Das Cores – Yves Klein: conjunto da obra	76
4.4 A PREFERÊNCIA PELO ROXO/LILÁS DE IBERÊ CAMARGO	77
4.4.1 Reflexão	81
4.4.2 Galeria – Iberê Camargo	82
4.4.3 Disco Das Cores –Iberê Camargo: conjunto da obra.....	86
4.5 O VERDE NA PALETA DE CLAUDE MONET	87
4.5.1 Reflexão	90
4.5.2 Galeria – Claude Monet.....	92

4.5.3 Disco das Cores – Claude Monet: conjunto da obra	95
4.6 A COR LARANJA DE TOM WESSELMANN	96
4.6.1 Reflexão	99
4.6.2 Galeria – Tom Wesselmann	101
4.6.3 Disco das Cores – Tom Wesselmann: conjunto da obra	104
4.7 MARRON NA OBRA DE REMBRANDT	105
4.7.1 Reflexão	108
4.7.2 Galeria – Rembrandt	110
4.7.3 Disco das Cores – Rembrandt: conjunto da obra	114
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como autor desta tese, peço licença para realizar uma breve explicação sobre as escolhas e motivações que me trouxeram a esta pesquisa. Para atingir tal finalidade, faz-se necessário utilizar a primeira pessoa do singular como recurso de dissertação apenas neste tópico.

No mundo globalizado em que vivemos, percebemos a cada dia, com o avanço das tecnologias, que as cores ganham uma importância fundamental em todas as esferas da experiência humana.

Segundo Gianotti (2013, p. 165), as pessoas em geral sentem grande prazer com a cor. O olho necessita dela tanto quanto da luz. Vale lembrar o rejuvenescimento que se sente num dia nublado, ao ver o sol iluminar uma parte isolada da paisagem, tornando as cores visíveis.

Sempre fui um apaixonado pelas cores! Elas me encantam desde a infância, quando comecei a desenhar, ainda nos primeiros anos escolares. Uma caixa de lápis de cor, nunca faltou em minha mochila! Meus pais sabiam do meu gosto pelo desenho! Esses desenhos eram sempre muito coloridos! Meu dom pelas artes, particularmente pelo desenho, me acompanhou nos cursos Ginásial e Normal (formação de professores) e acabou me levando a cursar Educação Artística, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde trabalhei além do Desenho, com Pintura, Gravura, Xilogravura, Modelagem, Cerâmica, Escultura e Vitral. Lecionei na área das artes por vários anos e em todos os níveis, desde o antigo ginásial até a Universidade. Distanciei-me mais tarde das artes, quando tive, por questões pessoais, de trabalhar em outras áreas. Mais recentemente, tive oportunidade de retornar ao que sempre me encantou — o mundo das artes — agora com o Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, que me atraiu e me deu uma experiência fascinante!

Como disse, as cores sempre me chamaram a atenção! Para essa pesquisa optei pelas cores e os grandes artistas que as exploraram! Por lidar com o desenho geométrico também, na graduação em Educação Artística, poderia ter estudado, por exemplo, o ponto, nas obras de Paul Signac, ou a linha reta nas obras de Piet Mondrian, ou a linha curva, nas obras do próprio Van Gogh, ou mesmo a linha quebrada, no trabalho de Victor Vasarely da *Op Art*. Certamente seriam produzidos trabalhos interessantes, mas preferi optar pela cor.

Segundo Pedrosa, em sua obra “Da Cor à Cor Inexistente”,

[...] a cor não tem existência material: é apenas sensação produzida por certas organizações nervosas sob a ação da luz – mais precisamente, é a sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão. Seu aparecimento está condicionado, portanto, à existência de dois elementos: a luz (objeto físico, agindo como estímulo) e o olho (aparelho receptor, funcionando como decifrador do fluxo luminoso, decompondo-o ou alterando-o através da função seletora da retina) (2014, p. 20).

Todo esse fascínio e paixão pelas artes, sempre me levou a questionar, quando olho para as obras dos diferentes artistas, qual seria a razão pela qual, em suas diferentes manifestações artísticas, eles parecem deixar transparecer uma certa tendência para algumas tonalidades de cor em suas obras! Essas tendências, que permearam o tempo e o espaço, sempre me intrigaram!

A manifestação de cada um, traz uma camada de abordagens diferenciadas para a mesma questão, as quais pesquisamos!

Essa pesquisa estuda a Teoria das Cores, basicamente nas obras de Newton (1643-1727), Goethe (1749-1832), Chevreul (1786-1889) e Itten (1888-1967), que nos legaram nesses trezentos anos entre Newton e Itten, seus diferentes discos das cores, lembrando, porém, que outros teóricos também se debruçaram sobre o assunto.

Isaac Newton, em sua Teoria das Cores, estabeleceu as bases científicas com relação às cores, como sendo o resultado da interação da luz com prismas. Posteriormente, Goethe o contestou, mas o trabalho de Newton continua sendo importante e fundamental para a física da luz, bem como para muitas outras áreas da arte contemporânea.

Johann Wolfgang von Goethe, embora seja muito conhecido pelas suas obras na literatura, tendo sido um dos impulsionadores do Romantismo e o gênio que tornou possível o florescimento das letras alemãs, fez contribuições importantíssimas para a Teoria das Cores. Em 1810, publicou “*Teoria das Cores*” onde argumentou que a percepção das cores era subjetiva e influenciada por outros fatores, como os psicológicos e contextuais.

Michel Eugène Chevreul, um químico francês, demonstrou como a percepção de uma cor pode ser afetada pelas cores próximas, quando estudou as cores, e criou o conceito de simultaneidade das cores. Uma cor ser afetada pela presença de outra circundante, hoje é de suma importância na pintura e no *design*.

Johannes Itten, na condição de professor na Bauhaus, desenvolveu uma abordagem pedagógica para o ensino das cores, classificando-as em termos de temperatura, luminosidade e saturação, enfatizando a importância do contraste e da harmonia cromática. Seu legado é notório na educação artística e no *design* contemporâneos.

Antes destes, porém, tivemos Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), para quem as cores eram propriedade dos objetos e eram vistas quando, sobre esses objetos, incidiam luzes. Para ele, na sombra as cores não eram vistas! As cores eram quatro, correspondendo aos quatro elementos:

terra, ar, fogo e água. Assim, as cores seriam: amarelo-terra, azul-ar, -vermelho-fogo e verde-água. Sua visão era baseada na sua concepção de cor, observando que a luz do sol, ao atravessar ou refletir em um objeto qualquer, tinha sua intensidade reduzida, ou seja, escurecida.

Mais tarde, Leonardo da Vinci (1452-1519) tratou da Teoria das Cores, embora não nos tenha legado um disco das cores. Suas abordagens sobre o assunto, estão compiladas no seu livro “Tratado da Pintura e da Paisagem – Sombra e Luz”, cuja primeira edição só foi publicada, em italiano, na França, 132 anos após sua morte. Suas teorias foram expostas em suas anotações ao longo de sua vida, sendo a teoria mais corrente, um verdadeiro legado do Renascimento para as artes visuais.

Embora as preocupações de Leonardo com a cor já estivessem relacionadas a elementos da Óptica, da Física, da Química e da Fisiologia, os escritos se dirigiam fundamentalmente aos pintores, os maiores interessados pelo assunto na época.

A influência dos escritos de Leonardo já se fazia sentir durante sua vida. Copiados em partes, circulavam pelos ateliês italianos alguns dos conceitos do mestre relativos à pintura. Transformados em livro, viriam a ser mais tarde o manual da pintura acadêmica. (PEDROSA, 2014, p. 45-46).

Contudo, várias outras edições foram publicadas posteriormente, conforme ressalta Pedrosa.

Um ano depois, surgiria a tradução francesa. Em 1716, uma nova edição francesa, com desenhos de Poussin. Um século mais tarde (1817), seria lançada a edição italiana de Manzi. Em 1882, o texto integral *Codex vaticanus* e a edição alemã. Mas a verdadeira divulgação da obra ocorreria no século XX, com edições em numerosas línguas e a publicação de fragmentos e conceitos em quase todos os países do mundo. (Ibid., p. 46).

Quase quatrocentos anos depois de Leonardo, Konrad Fiedler (1841-1895) também tratou da Teoria das Cores, quando fundou a “Teoria da Visibilidade Pura”, pois partia do princípio de que a arte devia ser analisada por meio de uma “teoria do olhar artístico”, que desconsiderava o desenvolvimento técnico, os reflexos sociopolíticos, a biografia dos artistas, etc...

Assim, adotamos como campo de estudo, um fenômeno de interesse interdisciplinar. A arte como fenômeno interdisciplinar, vai nos mostrar que no campo da física, temos a “cor luz” e no campo da química temos a “cor pigmento”.

A cor-luz é a cor da onda eletromagnética — podendo ser do sol, de lâmpadas, de vela, de lanterna, etc — e que chega a um determinado corpo. É encontrada em objetos que emitem luz, como monitores, lanternas, televisão. A cor-luz é a cor formada pela emissão direta da luz.

A cor-luz (luz colorida) é a radiação luminosa visível que tem como síntese aditiva a luz branca. Sua melhor expressão é a luz solar, por reunir de forma equilibrada todos os matizes existentes na natureza. As faixas coloridas que compõem o espectro solar, quando tomadas isoladamente, uma a uma, denominam-se luzes monocromáticas. (Ibid., p.20).

Cor-pigmento é a luz refletida pelo corpo ou objeto e que nos faz enxergá-lo de uma determinada cor. É a cor que o olho humano percebe, é a cor das tintas! Segundo Pedrosa (Ibid., p. 20), “a cor-pigmento é a substância material que, conforme sua natureza, absorve, refrata e reflete os raios luminosos componentes da luz que se difunde sobre ela. É a qualidade da luz refletida que determina a sua denominação”.

Veremos, no tempo e no espaço, a relação artista/cor, para buscar responder “como os artistas se encantam com as cores”.

Para buscamos entender como os artistas, ao longo do tempo, em diferentes lugares do planeta e em diferentes manifestações artísticas usaram as cores em suas obras, conheceremos sete deles, cada um correspondente a uma das sete cores, sendo as cores divididas em primárias (amarelo, vermelho e azul), secundárias (roxo, verde e laranja) e terciária (marrom), selecionadas criteriosamente conforme a Teoria das Cores.

Para entendermos as preferências cromáticas em suas obras, conheceremos o contexto em que viviam esses sete artistas, o modo que sentiam a cor como elemento visual, a forma de as expressar em suas produções, buscando assim não apenas entender, mas também demonstrar essas preferências pessoais de cada um.

Os discos das cores de Newton, Goethe, Chevreul e Itten, nos servirão em seguida, como ferramenta metodológica para identificarmos essa relação, esse encantamento particular de cada um dos artistas por determinada cor. Assim, os discos dos estudiosos das cores se transformam nesse estudo, num método de análise do trabalho de cada um dos artistas analisados e suas respectivas tendências por determinadas cores!

Analisamos as obras de cada um dos sete artistas selecionados, observando como utilizaram as cores, em maior ou menor intensidade, demonstrando o encantamento de cada um pelas suas respectivas cores!

A presente pesquisa apresenta, de forma inédita para cada artista, um “Disco das Cores”, baseado no seu “conjunto da obra”, isto é, na plenitude de sua carreira, demonstrando sua preferência cromática. Também para cada “obra-capital” apresentamos um “Disco das Cores” específico daquela pintura.

Para cada artista/cor foram selecionadas cinco obras, sendo uma delas, a principal – “obra capital”, e mais quatro outras, formando uma “galeria” de cada artista, mostrando sua tendência àquela determinada cor.

Estudamos o amarelo, uma das cores primárias, em Van Gogh. Conhecemos a história de vida desse grande artista, que viveu apenas trinta e sete anos, cuja obra só foi valorizada após

sua morte! Sua preferência e admiração pelo amarelo, foi manifestada numa carta à sua irmã no sul da França em 1888, quando escreveu: “Agora estamos tendo um tempo lindo, sem vento, que é muito benéfico para mim. O sol, uma luz que, por falta de palavra melhor, só posso chamar de amarelo, amarelo brilhante de enxofre, ouro de limão pálido. Como é lindo o amarelo”.

No disco das cores, representando o “conjunto da obra” de Van Gogh, percebemos a predominância dos tons amarelos, seguidos do laranja escuro e claro, verde escuro, verde claro, marrom e vermelho em proporções menores.

Van Gogh pintou sete telas de girassóis em vasos, nos anos de 1888 e 1889. Sempre quis ser visto e conhecido como o pintor de girassóis. Disse certa vez: “Se Jeannin tem a peônia, Quost tem a malva-rosa, então eu realmente escolhi o girassol antes de outros”, demonstrando claramente sua admiração pelos girassóis e seu tom amarelo.

A obra-capital de Van Gogh, escolhida nessa pesquisa, é a tela “Girassóis”, produzida pelo autor em 1888, na sua primeira série dos girassóis que pintou. Nela, ao observarmos seu “disco das cores”, notaremos claramente a predominância dos tons de amarelo, laranja, seguidos com um pouco de verde e marrom.

Em Henri Matisse, um francês que se tornou um dos pintores mais renomados do século XX, conhecemos seu encantamento pelo vermelho e suas nuances, que para ele dava uma boa unidade aos demais elementos. Em várias de suas obras, o vermelho é vigorosamente utilizado como em “Sobremesa – Harmonia em Vermelho” ou em “Odalisca em Jaqueta Vermelha”.

O disco das cores que apresentamos para o conjunto da obra de Henri Matisse apresenta o vermelho figurando em quase a metade do círculo, seguido do rosa, do verde escuro e verde claro, azul escuro e azul claro e em proporção menor, o bege.

Para figurar como a obra capital de Matisse nessa pesquisa, optamos pela tela “O Ateliê Vermelho, 1911”, por tratar-se de uma das suas principais pinturas e por ter sido idealizada pelo pintor logo após suas pinturas fauvistas. O disco das cores dessa pintura, nos apresenta o vermelho em mais da metade do círculo cromático, seguido do bege, e em proporções bem menores, de rosa, verde escuro, verde claro, azul, preto e roxo.

Com Yves Klein, outro francês, veremos sua tendência e paixão, quase total pelo azul. Yves Klein foi um artista importante na arte europeia depois da Segunda Guerra Mundial. Conhecemos seu exibicionismo, seu amor à mágica e sua obsessão pelo azul ultramarino. Famoso pelos seus atos radicais, ficou conhecido pelos seus trabalhos monocromáticos, produzidos no azul intenso.

O disco das cores que apresentamos para o artista no conjunto de sua obra é quase que totalmente dedicado ao azul, seguido de beje claro e dourado numa proporção muito menor e ainda o rosa e vermelho em proporções ainda menores. Yves Klein é sinônimo de azul e azul é sinônimo de Yves Klein.

A obra-capital escolhida para Yves Klein é o “IKB 191” uma de suas pinturas monocromáticas em que usou seu *International Klein Blue – IKB*, um azul misturado pela primeira vez por ele no final dos anos 50, e que chegou a patentear-lo. O disco das cores da obra é totalmente azul, não aparecendo nenhuma outra cor.

Nas cores secundárias vemos na obra de Iberê Camargo, um brasileiro, gaúcho que pintava preferindo a cor roxa, com nuances de violeta, azul e preto. Nas três fases de sua carreira artística, Iberê não aderiu aos movimentos pós-modernos e seus desdobramentos concretos, neoconcretos e construtivistas. Sua primeira fase foram as paisagens e retratos, depois os carretéis com seus desdobramentos abstracionistas e finalmente os ciclistas e as figuras solitárias, obras em que o artista usou fortemente a cor roxa-lilás, preto e um pouco de azul.

Apresentamos o “disco das cores” do conjunto da obra de Iberê Camargo, aparecendo em mais da metade do círculo cromático, as cores roxo, lilás e azul escuro, demonstrando que essas cores escuras eram de fato suas preferidas, seguidas de verde escuro, e em proporções menores, marrom, verde claro, vermelho, beje e preto.

A “obra-capital” que apresentamos de Iberê Camargo é a tela “As Idiotas, 1991” e o disco das cores desse trabalho apresenta o roxo escuro em grande parte do círculo — mais da metade — seguido de roxo, azul claro, bordô escuro e preto.

Em Claude Monet, também francês, observamos que suas obras, quase sempre feitas ao ar livre, razão pela qual, nelas prevalece as cores verde e suas nuances, deixando uma sensação de tranquilidade e sossego. Monet considerava que a natureza e as cores estavam sempre em sintonia. Nos jardins de sua casa em Giverny, Monet realizou seu sonho: pintar a natureza!

O disco das cores do conjunto da obra de Claude Monet apresenta três tons de verde: escuro, médio e claro, totalizando oitenta por cento do círculo cromático, sendo completado em partes bem menores os demais vinte por cento: azul, vermelho, laranja e roxo.

A obra-capital que apresentamos para o grande pintor do Impressionismo, é a “Ponte sobre uma Lagoa de Lirios d’Água”, onde seu correspondente disco das cores apresenta setenta e cinco por cento entre os tons de verde, claro e escuro, seguidos de proporções bem menores de roxo, rosa e bordô, completando os vinte e cinco por cento do círculo cromático.

Fechando as cores secundárias, estudamos o laranja, uma mistura do amarelo com o vermelho. na obra de Tom Wesselmann, um norte-americano que pertenceu aos movimentos Pop Art e Arte Moderna.

Tom Wesselmann produziu uma série — “*Great American Nude*” —, onde a cor laranja foi predominantemente utilizada, aliada ao amarelo.

O disco das cores do conjunto da obra de Tom Wesselmann está composto nas cores laranja escuro, laranja claro, amarelo, vermelho e em proporções reduzidas o roxo e o bege e o marrom

Como sua obra-capital escolhemos seu trabalho “*Natureza Morta #44, 1964*”, onde quase a totalidade do disco das cores — noventa por cento — é destinada às cores laranja e amarelo, seguido do vermelho, bordô e preto em proporções muito menores.

Completando o ciclo de sete cores e para representar as terciárias, voltaremos no tempo para buscarmos conhecer, no holandês Rembrandt, um dos maiores nomes da história da arte europeia e o mais importante da história holandesa, a sua visível preferência pelo marrom.

Em Rembrandt, apresentamos o disco das cores de seu conjunto da obra com setenta por cento do círculo cromático tomado pelos tons de marrom, escuro e claro, seguido de considerável espaço para o vermelho claro e, em proporções bem menores, o bege e outro tom de marrom, mais claro ainda.

Sua obra-capital foi escolhida como sendo o seu “*Autorretrato com boina e gola levantada*”, pintado em 1659, onde a predominância dos tons de marrom ocuparam espaço no disco das cores em oitenta por cento de sua totalidade, seguido pelos tons bege claro e escuro e uma pequena parte de preto.

Esses sete artistas completam nossa pesquisa, abrangendo as sete cores, representadas por eles, buscando variar no tempo e no espaço: cores primárias: Van Gogh (amarelo) – 1853/1890, holandês; Yves Klein (azul) - 1928/1962, francês; Matisse (vermelho) – 1869/1954, francês; cores secundárias: Monet (verde) – 1840/1926, francês; Wesselmann (laranja) – 1931/2004, americano; Iberê Camargo (roxo) – 1914/1994, brasileiro e representando as cores terciárias: Rembrandt (marrom) – 1606/1669 holandês.

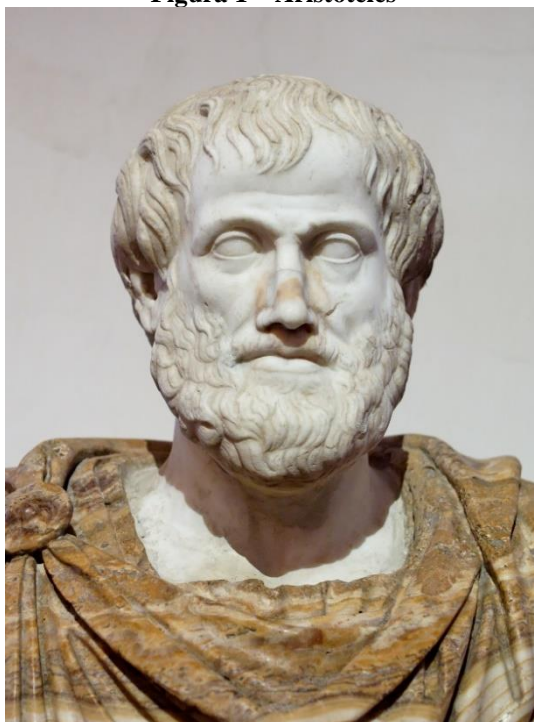
Com essa pesquisa, alcançamos artistas, estudantes de arte e as pessoas de um modo geral, sensíveis às cores que nos rodeiam, porquanto abordamos um tema pouco explorado que é a predileção dos pintores e artistas por determinadas cores, deixando para cada um, o seu “disco das cores” - um círculo cromático, com suas cores preferidas.

Ao estudar as razões dessas tendências, pretendo levá-los a admirar ainda mais o trabalho desses artistas ao longo do tempo, espalhados pelo mundo, bem como permitir conhecer sobre suas cores, suas teorias, sua aplicação e como elas nos encantam.

2 TEORIA DAS CORES

2.1 ARISTÓTELES

Figura 1 – Aristóteles



Fonte: PARASKEVAS, George; KOUTSOUFLIANIOTIS, Konstantinos; PATSIKAS, Michail; NOUSSIOS, George. What is the history of the term “azygos vein” in the anatomical terminology? **Surgical and Radiologic Anatomy**, v. 41, 2019. DOI: 10.1007/s00276-019-02238-3. Disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Aristotle-384-322-BC-The-ancient-Greek-philosopher-Public-domain_fig2_332685073>. Acesso em: 07 dez. 2023.

Para estudar a Teoria das Cores, é preciso reportar à antiguidade. Pitágoras (570-500 a.C.) foi um dos primeiros a registrar estudos de espaços de cores, quando criou um espaço semicircular relacionando as notas da escala musical de tons e meio tons aos planetas que, por sua vez, eram representados por determinadas cores. (FISCHER, 2020)

Depois dele, vários filósofos gregos como Empédocles¹ (492-431 a.C.), Demócrito² (460-370 a.C.) e Platão³ (428-347 a.C.) trataram do tema, mas a mais antiga teoria das

¹ Filósofo grego, pré-socrático, conhecido por ter criado a Teoria Cosmogênica dos quatro elementos clássicos que influenciou o pensamento ocidental até meados do século XVIII.

² Filósofo grego, pré-socrático. Entendia que todos os elementos do universo eram compostos por átomos.

³ Filósofo e matemático grego, considerado um dos principais pensadores da história da filosofia.

cores que se conhece é a do filósofo grego Aristóteles⁴ (384 a.C. – 322 a.C.). Aristóteles concluiu, em sua obra “*On Sense and the Sensible*” que as cores existiam na forma de raios enviados por Deus e eram propriedade dos objetos, isto é, assim como seu peso, material, textura, os objetos também tinham cores. Para o filósofo as cores mais simples seriam aquelas dos elementos: terra, ar, fogo e água. Baseava-se na observação de que a luz do sol, ao atravessar ou refletir em um objeto qualquer, tinha sua intensidade reduzida e escurecida.

Por esse processo, a cor seria produzida, derivada de uma transição do claro para o escuro, ou de outra maneira. Aristóteles via as cores como uma mistura, uma composição, uma sobreposição de preto e branco. Defendia o filósofo que a origem das cores se dava a partir do enfraquecimento da luz branca, ou seja, a cor seria derivada de uma transição do claro para o escuro. (CALANDRINE, 2018 *apud* MARANHÃO, 2021, p. 4)

2.2 LEONARDO DI SER PIERO DA VINCI

Figura 2 – Leonardo da Vinci



Fonte: PINTEREST. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/313915036522634816/>. Acesso em: 20 out. 2022.

Leonardo da Vinci nasceu em Anchiano, Itália em 15 de abril de 1452 e faleceu em 02 de maio de 1519, em Amboise, França.

⁴ Filósofo grego, período clássico na Grécia antiga, para quem a física era a chave da natureza das coisas, não apenas da forma como se comportavam no presente, mas também no que potencialmente viriam a transformar-se.

Era filho ilegítimo de um tabelião florentino, Piero e de uma jovem chamada Catarina. Piero negou-se a dar ao filho o seu nome, o que tornou famosa a aldeia de Vinci, uma comuna (município) da região da Toscana, província de Florença.

Viveu com a mãe até os quatro anos, indo depois morar com o avô paterno. Desde cedo revelou vocação para o desenho e pintura. Com dezesseis anos foi levado para Florença, para ser aprendiz no ateliê do pintor e escultor Andrea del Verrocchio. Aos vinte e cinco anos, em razão de sua capacidade artística juntou-se aos artistas que trabalhavam para Lourenço de Medici, famoso mecenas que governava Florença.

É conhecido não só pela sua obra mais famosa do mundo a “Mona Lisa”, mas também pelo seu legado artístico, sendo por isso um dos principais pintores da Renascença.

Pintor, escultor, cientista, matemático, arquiteto e inventor, da Vinci foi um homem à frente do seu tempo, realizando consideráveis estudos nas áreas de anatomia humana, ótica, engenharia civil, botânica, música, entre outras. Construiu máquinas, inventou teorias, e por essa razão, é descrito como um polímata – aquele que estuda muitas ciências.

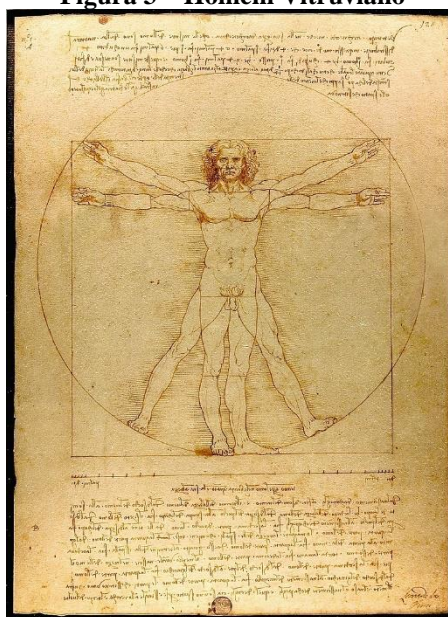
Apenas doze de suas telas tem autenticidade reconhecida. Muitas de suas obras se perderam ou mesmo ficaram inacabadas. Leonardo da Vinci valorizou o movimento e os contrastes de luz e sombra.

Em grande parte de suas obras pelas várias áreas de estudo, encontra-se a matemática, onde buscava constatações de tudo o que explorava! Para ele, não havia evidência na natureza à qual não se pudesse aplicar os conceitos matemáticos.

Entre seus trabalhos intrigantes, destaca-se o “Homem Vitruviano”, um de seus desenhos mais famosos. Feito em tinta sobre papel, o desenho foi encontrado em um diário do artista, por volta do ano de 1490. Para criar o “Homem Vitruviano”, da Vinci se baseou em conceitos do arquiteto romano Vitrúvio, que relacionou medidas do corpo humano à arquitetura. Segundo esse arquiteto, a proporção ideal de uma figura humana deveria entrar em um círculo e em um quadrado.

O intrigante nessa obra é que nem o próprio arquiteto, Vitrúvio, conseguiu a façanha de encaixar as proporções do corpo humano dentro dessas formas com tanta perfeição como Leonardo da Vinci o fez.

Figura 3 – Homem Vitruviano



Nota: Desenho de Leonardo DaVinci, fotografado por Luc Viatour. Fotografia de 08/09/2007. Equipamento utilizado: Nikon case D80 optical Sigma 17-70mm F2,8/4,5 Macro. Dimensões: 2258 x 3070. Tamanho do arquivo: 5900 Kb. Foto de domínio público.

Fonte: VIATOUR, Luc. **Vitruve:** Da Vinci Bxl 11 Luc Viatour. Disponível em: <<https://lucnix.be/picture.php/?/113554/search/psk-20240314-GSDWuN46cZ>>. Acesso em 20 out. 2022.

Diversas constatações matemáticas podem ser tiradas quando se observa essa obra.

Nota-se que a área total do círculo é exatamente igual à área total do quadrado.

Da Vinci foi grande amante e estudioso da Geometria, tendo dedicado muito tempo ao trabalho com figuras geométricas. Sua realização mais notável é o “poliédrico”, que são ilustrações feitas para Luca Bartolomeo Pacioli, um frade franciscano e célebre matemático italiano, que viveu entre 1445 e 1517, tendo ficado conhecido por seu compêndio de matemática do século XV, “*Summa de Arithmetica, Geometrica, proportioni et proportionalita*” (Resumo de Aritmética, Geometria, Proporção e Proporcionalidade) em 1494 e “*De divina proportione*” (Da Proporção Divina) em 1509.

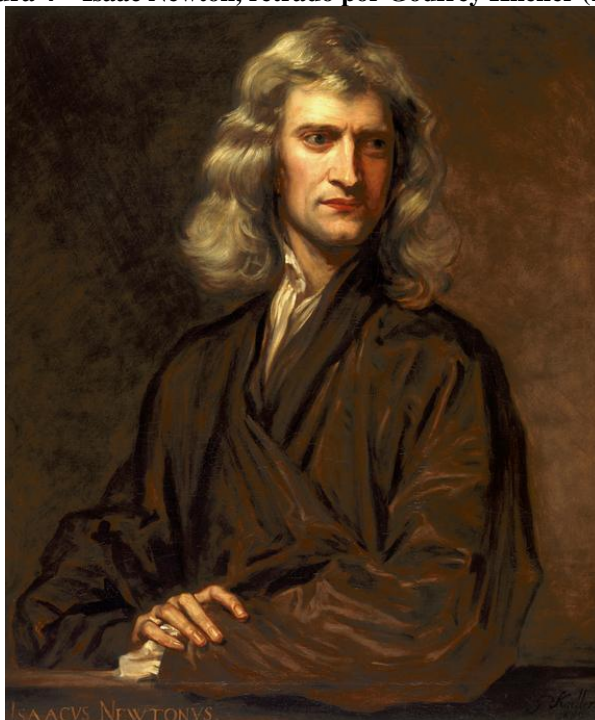
Em meados do século XV, Leonardo da Vinci reuniu anotações para dois livros distintos. Esses escritos foram mais tarde reunidos em um só livro intitulado “Tratado da Pintura e da Paisagem”. Ele se opôs a Aristóteles ao afirmar que a cor não era uma propriedade dos objetos, mas sim da luz. Havia uma concordância ao afirmar que todas as outras cores poderiam se formar a partir do vermelho, verde, azul e amarelo. Afirmava ainda que o branco e o preto não eram cores, mas extremos da luz.

Da Vinci foi o primeiro a observar que a sombra pode ser colorida, a pesquisar a visão estereoscópica e o primeiro a tentar construir um fotômetro — um aparelho que mede a intensidade da luz através de parâmetros fotográficos. Este converte a luz em corrente

elétrica, podendo ser medida em valores referentes à velocidade de obturação ou abertura de diafragma

2.3 ISAAC NEWTON

Figura 4 – Isaac Newton, retrado por Godfrey Kneller (1863)



Nota: Pintura a óleo do artista alemão Gottfried Kneller (1646-1723). Descrição: 74 x 62 cm. Acervo Fonte: SCIENCE MUSEUM. **Isaac Newton (1863)**. Disponível em: <<https://collection.sciencemuseumgroup.org.uk/objects/co65496/portrait-of-isaac-newton-oil-painting-portrait>>. Acesso em: 09 dez. 2023.

Isaac Newton nasceu em 04 de janeiro de 1643, em *Woolsthorpe Manor*, Reino Unido e faleceu em 31 de março de 1727, em *Kensington*, Londres, Reino Unido.

Foi um matemático, físico, astrônomo, teólogo e autor, conhecido em seus dias como um filósofo natural, reconhecido como um dos cientistas mais influentes de todos os tempos.

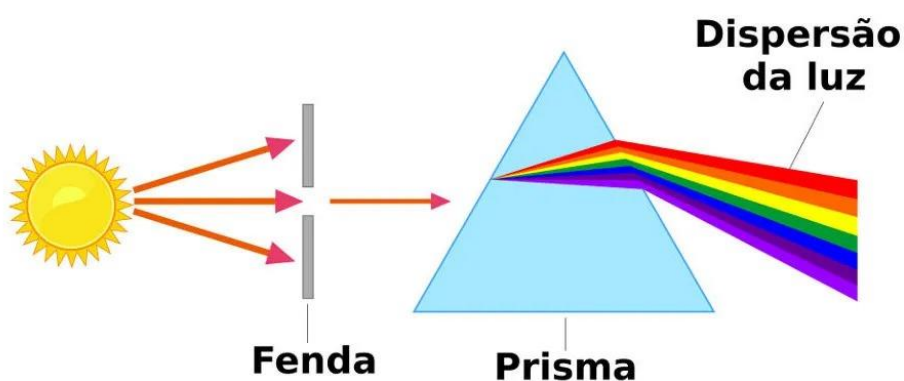
A Teoria das Cores de Newton estabeleceu as bases científicas para a compreensão das cores como resultado da interação da luz com prismas. As conclusões de Newton são fundamentais para a física e para outras áreas da arte contemporânea que se baseiam na manipulação da luz.

Newton construiu o primeiro telescópio refletor prático e desenvolveu uma teoria sofisticada da cor com base na observação de que um prisma separa a luz branca nas cores do espectro visível. Seu trabalho sobre a luz foi coletado em seu livro altamente influente “Ótica”, publicado em 1704.

Posteriormente, provou-se que a teoria de Newton não explicava satisfatoriamente o fenômeno da cor, mas sua teoria foi mais aceita devido ao seu grande reconhecimento pela gravitação. Apesar disso, Newton fez importantes experimentos sobre a decomposição da luz com prismas e acreditou que as cores eram devidas ao tamanho da partícula de luz. Newton realizou vários experimentos e revolucionou a luz.

Em 1665, na feira de *Woolsthorpe*, uma aldeia em *Lincolnshire*, onde Newton nasceu, comprou um prisma de vidro e realizou um experimento no quarto de sua casa. Observando como um raio de sol e um furo na veneziana se decompunha ao atravessar o prisma, sua atenção foi atraída pelas cores do espectro, onde a luz que emergia do prisma se decompunha nas sete cores do espectro, em raios sucessivos: vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul anil e o violeta. Desta maneira ele produziu seu pequeno arco-íris artificial.

Figura 5 – Prisma de Newton. Decomposição da luz ao atravessar um prisma



Fonte: HELERBROCK, Rafael. Dispersão da luz branca. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/fisica/a-dispersao-luz-branca.htm>>. Acesso em 09 nov. 2023.

Newton publicou em 1701 o artigo “*Scala graduum Caloris. Calorum Descriptiones & signa*”, expondo a sua teoria sobre as cores, na Revista *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*.

Em seguida, Newton repetiu a experiência com dois prismas e comprovou que é possível decompor e recompor a luz branca.

Newton também teve a ideia de estabelecer relações entre elas e os sons da escala musical, dividindo as infinitas cores do espectro em sete grupos de cores: todos os graus de vermelho, laranja, amarelo, verde, azul anil e violeta.

Depois, através de um dispositivo (círculo) dividido em sete partes, com cada uma das quais pintadas com uma das cores do espectro, observou que, ao girar rapidamente, as cores se superpunham sobre a retina do olho do observador, dando a sensação do branco, conhecido como o Disco de Newton.

Newton escreve sobre a observação experimental do fenômeno inverso ao da dispersão das cores do espectro pelo prisma:

[...] composição surpreendente e maravilhosa foi aquela da brancura. Não há nenhum tipo de raio que sozinho possa exibi-la. Ela é sempre composta. Frequentemente tenho observado que, fazendo convergir todas as cores do prisma, sendo desse modo novamente misturadas como estavam na luz inteiramente e perfeitamente branca. (NEWTON, 1701 *apud* ROCHA, 2002, P. 221)

Nota-se que a luz se propaga em forma de variações transversais e atravessam com menor ou maior facilidade, todas as substâncias chamadas transparentes.

Para Newton, a luz é composta por corpos luminosos, que chega até aos olhos do observador e produz a sensação de luminosidade, como a emissão, por parte de pequenas partículas.

Em 1687, lançou as bases da mecânica clássica em seu livro “Princípios Matemáticos da Filosofia Natural”. Ele ainda fez contribuições seminais à óptica, compartilhando crédito com Gottfried Wilhelm Leibniz pelo desenvolvimento do cálculo infinitesimal.

Newton formulou as leis do movimento e da gravitação universal que criaram o ponto de vista científico dominante até serem substituídas pela teoria da relatividade de Albert Einstein.

Sua descrição matemática da gravidade serviu para provar as leis de movimento planetário de Kepler, explicar as marés, as trajetórias dos cometas, a precessão dos equinócios e outros fenômenos, erradicando a dúvida sobre a heliocentricidade do Sistema Solar.

Demonstrou que o movimento dos objetos na Terra e nos corpos celestes poderia ser explicado pelos mesmos princípios. Sua inferência de que a Terra é um esferoide oblato foi posteriormente confirmada pelas medidas geodésicas de Maupertuis, La Condamine e outros.

Formulou uma lei empírica do resfriamento, fez o primeiro cálculo teórico da velocidade do som e introduziu a noção de um fluido newtoniano.

Contribuiu para o estudo de séries de potências, e generalizou o teorema binomial a expoentes não inteiros, além de desenvolver um método para aproximar as raízes de uma função e classificou a maioria das curvas do plano cúbico.

Newton acreditava na teoria corpuscular da luz. Divergia totalmente de Christian Huygens (1629-1695), um físico, matemático e astrônomo neerlandês, que acreditava na teoria ondulatória.

2.4 JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

Figura 6 – Johann Wolfgang von Goethe.



Fonte: DREAMS TIME. **Retrato antigo de Johann Wolfgang von Goethe.** Disponível em: <<https://pt.dreamstime.com/retrato-antigo-de-johann-wolfgang-von-goethe-foto-ch-as-antigas-letras-est%C3%A9ticas-do-livro-oesersquo-publicado-por-friedrich-image210341514>>. Acesso em: 09 dez.2023.

Johann Wolfgang von Goethe, um polímata, poeta e escritor alemão (1749-1832), se apaixonou pela questão da cor e passou quarenta anos de sua vida tentando terminar o que considerava sua obra máxima: um tratado sobre as cores, que pudesse por abaixo a teoria de Newton.

Sua principal objeção a Newton era de que a luz branca não podia ser constituída por cores, cada uma delas mais escura que o branco. Defendia a ideia de que as cores eram resultado da interação da luz com a “não luz” ou a escuridão.

O experimento da luz decomposta em cores ao passar por um prisma, foi explicado por ele como um efeito do meio translúcido – o vidro, enfraquecendo a luz branca.

O amarelo seria a impressão produzida no olho pela luz branca vinda em sua direção através de um meio translúcido. O sol e a lua parecem amarelados, por sua luz passar pela atmosfera até chegar ao solo.

Por sua vez, o azul seria o resultado da fuga da luz até a escuridão. O céu é azul porque a luz refletida na Terra volta em direção ao espaço negro através da atmosfera. Da mesma forma o mar, onde a luz penetra alguns metros em direção ao fundo escuro. Ou as montanhas ao longe que parecem azuladas.

O verde seria a neutralização do azul e do amarelo. Como no mar raso ou numa piscina, onde a luz refletida no fundo segue em direção à superfície (amarelo) ao mesmo tempo que vai do sol em direção ao fundo (azul). A intensificação do azul, ou seja, a luz muito enfraquecida ao ir em direção à escuridão torna-se violeta, do mesmo modo que o amarelo intensificado, como o sol nascente, mais fraco, tendo que passar por um percurso maior de atmosfera até ficar avermelhado aos olhos.

A interpretação do arco-íris é assim modificada. Os dois extremos tendem ao vermelho, que representa o enfraquecimento máximo da luz.

Goethe realmente descobriu aspectos que Newton havia ignorado sobre a fisiologia e psicologia da cor: 1) observou a retenção das cores na retina; 2) a tendência do olho humano em ver nas bordas de uma cor complementar, e 3) notou que objetos brancos sempre parecem maiores do que os objetos com ausência de luz – preto.

Além disso, Goethe também reinterpreto as cores, pigmentos de Jacob Christoph Le Blon (1667-1741), um pintor e gravador alemão que inventou o sistema de três e quatro cores de impressão – vermelho, amarelo e azul, renomeando-os de púrpura, amarelo e azul claro, se aproximando com muita precisão das atuais tintas magenta, amarelo e ciano utilizadas em impressão industrial.

É necessário notar que as observações de Goethe em nada feriram a teoria de Newton, parte devido ao enorme prestígio do físico inglês, parte porque suas explicações para os fenômenos eram muitas vezes insatisfatórias e ele não propunha nenhum método científico para provar suas teses. Com isso, sua publicação “A Teoria das Cores” caiu em

descrédito na comunidade científica, além de não despertar interesse entre os artistas, ainda era considerada muito complexa para os leigos.

As observações de Goethe foram resgatadas no início do século XX pelos estudiosos da “*Gestalt*”, doutrina que defende que, para se compreender as partes, é preciso antes, compreender o todo.

Atualmente, o estudo da teoria das cores nas universidades se divide em três matérias com as mesmas características que Goethe propunha para cores: a cor física (óptica física), a cor fisiológica (óptica fisiológica) e a cor química (óptica físico-química).

Denominamos cores físicas aquelas cuja origem se deve a certos meios materiais, incolores, que podem ser transparentes, turvos, translúcidos, ou completamente opacos. Tais cores são assim produzidas no olho mediante causas externas determinadas ou, se de algum modo já se produziram fora de nós, refletidas no olho... (GIANNOTTI, 2013, p. 113.).

Cores fisiológicas são aquelas produzidas por condicionantes fisiológicos, internos no ser humano. Pertencem ao subjetivo, têm uma existência muito fugaz, e apresentam-se para indivíduos diferentes com as mesmas disposições e ordenações.

Nós as chamamos de fisiológicas, pois pertencem ao olho saudável e são consideradas condições necessárias à visão; indicam uma viva alternância interna e externa do olho. (*Ibid.*, p. 79).

[...]

Denominamos químicas as cores estimuladas em certos corpos, mais ou menos fixas, que neles se intensificam, deles podem ser extraídas e transmitidas a outros corpos, às quais, por essa razão, atribuímos uma certa qualidade imanente. Em geral, caracterizam-se pela durabilidade. (*Ibid.*, p. 127).

Nas cores químicas a ênfase é dada ao aspecto químico, à cor como característica do material, parte da estrutura interna, que está aderida à matéria.

O conteúdo é basicamente a teoria de Newton, acrescida de observações modernas sobre ondas. Os estudos de Goethe ainda podem ser encontrados em livros de psicologia, arte e mesmo livros infanto-juvenis que apresentam ilusões de óptica.

2.5 MICHEL EUGÈNE CHEVREUL

Figura 7 – Michel Eugène Chevreul



Nota: Gravura de C. Cook. Sem direito autoral (domínio público)

Fonte: SMITHSONIAN LIBRARIES. **Portrait of Michel Eugène Chevreul**. Disponível em: <<https://library.si.edu/image-gallery/73370>>. Acesso em 10 dez. 2023.

Michel Eugène Chevreul nasceu em Angers, na França, em 31 de agosto de 1786 e faleceu em Paris em 09 de abril de 1889, com 102 anos. Foi um químico francês que iniciou sua carreira na profissão em 1804. Nove anos mais tarde, era professor de química na Lycée Charlemagne e depois, diretor da tapeçaria Gobelins (França) onde deu continuidade ao estudo do contraste da cor.

Seus primeiros trabalhos com gorduras animais revolucionaram a fabricação de sabonetes e velas e levaram ao isolamento dos ácidos graxos heptadecanóico, esteárico e oleico. Na área médica, Chevreul foi o primeiro a demonstrar que os diabéticos excretam glicose na urina e a isolar a creatina. Em 1826 entrou para a Academia Francesa de Ciências.

Suas primeiras constatações ao chegar na fábrica Gobelins foram as reclamações sobre os corantes usados: o pigmento negro parecia diferente quando próximos dos azuis. Foi identificado então que a cor percebida do fio era influenciada pelas cores dos fios próximos.

Chevreul escreveu “Memórias sobre a influência que duas cores podem ter umas sobre as outras quando vistas simultaneamente” em abril de 1828. Uma nova publicação sobre o assunto só viria a sair onze anos depois, em razão da dificuldade de cores confiáveis para ilustrar o material.

Em seu estudo explicava que as cores quando aproximadas uma das outras “mudavam” de cor em relação quando eram vistas separadamente. O livro englobava vários campos, além da óbvia tapeçaria, como: pintura, vestuário, vitrais etc. A obra foi traduzida para várias línguas, sendo o primeiro de uma sequência de outros livros que tratavam das cores.

Assim, em 1839, Chevreul publicou os resultados de sua investigação na obra “*De la loi du contraste simultané des couleurs*” — Sobre a lei do contraste simultâneo de cores — que foi traduzido para o inglês e publicado em 1854 com o título “Os princípios de harmonia e contraste de cores”.

Essa obra de Chevreul é de suma importância para o estudo da Teoria das Cores. Ela explica o fenômeno de contraste simultâneo, quando as cores podem parecer diferentes, quando são vistas uma ao lado das outras.

A simultaneidade do contraste das cores foi, entretanto, segundo Pedrosa (2014, p.54), uma descoberta, a mais importante para o colorido nas artes visuais, feita por Leonardo da Vinci.

Esta descoberta revela a essência da beleza do colorido, oriunda da ação das cores umas sobre as outras, ao mesmo tempo que mostra a relatividade da aparência da cor. Scherffer, Goethe e mais tarde Chevreul perceberam o alcance dessa descoberta, a ponto de Chevreul fazer dela o centro de sua teoria (Lei do Contraste Simultâneo das Cores). (PEDROSA, 2014, p. 54).

A publicação de Chevreul também mostra que ele desenvolveu um sistema inovador para a harmonização de cores, visando otimizar a percepção visual. Na fábrica, onde trabalhava Chevreul testou as lãs tingidas de preto com outras pintadas nos melhores mercados da Europa e concluiu que a qualidade do material não era a questão do problema. A palidez dos seus pretos não era devido ao corante ou absorção, mas um fenômeno relacionado as cores justapostas — cores que estão ao redor. Concluiu também que cores da mesma matiz ficam mais claras em fundos escuros e mais escuras em fundos claros.

Quanto às cores complementares, Chevreul chegou à conclusão que quando duas cores do círculo cromático complementares aparecem justapostas, suas cores são realçadas ainda mais. Essa sua conclusão foi crucial para pintores que usavam cores complementares em suas obras.

Chevreul chegou a admitir que o cérebro humano enxerga as diferenças de forma ainda mais exagerada do que a realidade, o que viria a ser confirmado pela neurociência. Suas ideias chegaram ao escritor e artista Charles Blanc e se popularizou com pinturas de Georges Seurat, Paul Signac, Paul Gauguin e Vincent Van Gogh.

Paul Signac, que estudou nos livros de Chevreul, interpolava pontos de tintas em cores complementares para aumentar a luminosidade de suas pinturas.

A teoria da mistura ótica era entendida como a justaposição de pigmentos para que eles fossem misturados óticamente em vez de fisicamente nas tintas.

Com relação à Van Gogh, apesar de suas pinturas serem muito pesquisadas em razão de sua suposta loucura e pela predominância do amarelo, observa-se que o amarelo nunca vinha sozinho. Em grande parte de seus quadros, o amarelo era oposto ao violeta como uma composição estruturada com o uso de cores complementares.

Van Gogh, um entusiasta do uso das cores harmoniosas, numa das muitas cartas que escreveu ao seu irmão Téo, descreveu combinações de cores e lhe enviou um livro de Charles Blanc, responsável por disseminar as ideias de Chevreul em seus textos.

2.6 JOHANNES ITTEN

Figura 8 – Johannes Itten



Fonte: CÔRTE, João. **Johannes Itten**: o mestre da teoria das cores. Obras de Arte. Disponível em: <<https://www.obrasdearte.pt/post/100-maiores-artistas-internacionais-johannes-itten>>. Acesso em 10 dez. 2023.

Johannes Itten nasceu em 11 de novembro de 1888, em *Süderen-Linden*, na Suíça e faleceu em 15 de março de 1967, em Zurique. Foi pintor, professor e escritor associado à Escola *Bauhaus*, onde desempenhou papel fundamental no desenvolvimento da teoria dos núcleos, bem como sua aplicação prática na pintura.

Em seu trabalho de pesquisas desenvolveu um disco de cores, que ainda hoje nos permite descobrir combinações harmoniosas entre cores, ou seja, os sete contrastes de cor.

Foi professor de escola primária e aprendeu pintura com Adolf Hoelzel, que lhe ensinou arte e teoria da composição. Itten chegou a lecionar arte numa pequena cidade perto de Berna, tendo ido depois para Viena, onde dirigiu uma escola de arte. Nesse tempo, foi apresentado a Walter Gropius, um arquiteto alemão, que o convidou para apresentar uma palestra sobre os “Ensinos dos Mestres Antigos” na sessão inaugural da Bauhaus, em 21 de março de 1919. Sete meses depois, em outubro daquele ano, ocupou a cadeira de professor da Bauhaus, onde ficou até março de 1923, quando pediu demissão.

Johannes Itten foi um dos protagonistas durante a primeira fase da Bauhaus, tendo influenciado, tanto nas oficinas, como na organização e na estruturação de cursos de Design.

Quem o influenciou fortemente foi Franz Cizek, um pintor de gênero e retrato, austríaco, professor e reformador da educação artística, que desenvolveu um sistema de ensino baseado no estímulo da criatividade individual, por meio da produção de colagens de diferentes texturas e materiais. Sua metodologia era baseada em dois conceitos opostos: intuição e método ou experiência subjetiva e reconhecimento objetiva.

Desenvolveu um curso preliminar (*Vorkurs* – curso preliminar na Bauhaus, ministrado por ele, Johannes Itten, por László Moholy-Nagy, e Josef Albers), cujo objetivo era “eliminar da mente do aluno todos os preconceitos que eles traziam, fazendo-os recomeçar do zero, como se o aluno tivesse entrado na escola pela primeira vez”. O desejo de Itten era o de libertar o poder criativo individual do aluno e dar a ele uma nova compreensão dos materiais e da natureza, familiarizando-os com os princípios básicos, subjacentes a toda atividade criativa nas artes visuais, permitindo que cada aluno trabalhasse em sua habilidade específica.

Em seu livro “A Arte da Cor”, Itten desenvolveu conceitos fundamentais sobre a compreensão das cores. Seu círculo cromático, onde os núcleos são organizados de forma sistemática, dá aos artistas a oportunidade de explorar relações entre os núcleos de maneira mais lógica e estética.

3 OS DISCOS DAS CORES COMO ELEMENTOS DE ESTUDOS CRÍTICOS

No início do capítulo anterior, mencionou-se que, para estudar a Teoria das Cores, seria necessário recorrer à antiguidade. Assim, foram citados Pitágoras (570-500 a.C.), Empédocles (492-431 a. C.), Demócrito (460-370 a.C.) e Platão (428-347 a.C.) que trataram do tema.

Foi Aristóteles (384-322 a.C.) entretanto, que produziu a mais antiga Teoria das Cores, porém, nem ele e nem Leonardo da Vinci (1452-1519), que tanto estudaram o assunto, legaram discos das cores. Devido a isso, eles não foram analisados nesta pesquisa.

Foram os estudiosos da visualidade Newton, Goethe, Chevreul e Itten, que legaram seus discos de cores — ou círculos cromáticos —, que são utilizados até hoje por pintores e todos aqueles que buscam harmonizar as cores em qualquer atividade, buscando pelas cores complementares, pelas cores análogas, pela tríade de cores ou mesmo pelo monocromatismo, para encantarem seus expectadores.

Nas cores complementares, busca-se os discos das cores, para se combinar duas delas opostas no disco; nas cores análogas, utiliza-se uma cor primária e outras duas “vizinhas” a ela, no disco das cores. São chamadas de coadjuvantes, pois aparecem em menor escala; na tríade de cores, escolhe-se três cores cujas distâncias são iguais no disco das cores, formando um verdadeiro triângulo equilátero e finalmente o “monocromatismo”.

Em trezentos anos, desde Newton até Itten, a preocupação com as cores sempre atraiu estudiosos dos elementos visuais. Em qualquer campo de atuação que estivessem, as cores estavam presentes e as paixões por suas teorias sempre foram levadas a sério.

Isaac Newton (1643-1727) foi um físico inglês, além de matemático, astrônomo, teólogo e autor, que em seus experimentos, estudou a influência da luz solar na composição das cores, quando estas atravessavam um prisma. Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), foi poeta, escritor, dramaturgo, cientista e um filósofo alemão que se encantou com a cor durante quase toda sua vida. Michel Eugène Chevreul (1786-1889) foi um professor e químico francês, também estudou o contraste da cor, mostrando que as cores, quando próximas umas das outras, mudam de cor, se comparadas quando vistas separadamente e legou seu disco de cores, e finalmente, Johannes Itten (1888-1967) foi um pintor, professor e escritor suíço, associado à Escola Bauhaus; desenvolveu o seu disco de cores, utilizado até hoje pelos artistas na harmonização das cores.

3.1 ISAAC NEWTON

Figura 9 – Disco de Cores de Isaac Newton



Fonte: INSTITUTO DE FÍSICA DA USP. **Disco de Newton**. Laboratório de Demonstrações. Disponível em: <<https://labdemo.if.usp.br/disco-de-newton-2/>>. Acesso em: 20 out. 2023

Isaac Newton, um cientista, físico e matemático inglês muito reconhecido pelos seus inúmeros trabalhos no campo da mecânica, não se limitou somente a esse ramo da física. No ano de 1672, ele publicou um trabalho onde apresentava ideias sobre as cores dos corpos. Passados aproximadamente três séculos e meio, ainda hoje as ideias propostas por ele são aceitas.

Por meio de um simples experimento, Isaac Newton percebeu a dispersão da luz branca, ou seja, conseguiu visualizar que se esta incidisse sobre um prisma de vidro, totalmente polido, dava origem a inúmeras outras cores. Foi a partir daí que Newton começou seus estudos sobre as cores dos corpos. Muitos anos antes dele, já se tinha a ideia de que a luz branca dava origem a um feixe colorido quando atravessava um prisma de vidro. No entanto, nessa época tinha-se

a ideia de que o aparecimento das cores a partir da luz branca acontecia em razão das impurezas que esta recebia quando incidia sobre o prisma de vidro.

Newton, curioso em descobrir o motivo pelo qual tal acontecimento ocorria, pegou um prisma totalmente polido e o colocou frente a um orifício que ele mesmo fizera na janela do seu quarto. Com esse feito, ele percebeu que a luz branca, proveniente do Sol, se dispersava em feixes coloridos e a esse conjunto de cores chamou *spectrum*.

Newton não era a favor da ideia de que esse colorido surgia devido a impurezas existentes no prisma. Assim sendo, realizou novo experimento onde deixava apenas uma cor passar através de um segundo prisma. Com isso, verificou que ele não adicionava nada ao feixe de luz que incidia sobre ele. Dessa forma, o físico lançou a hipótese de que a luz não era pura, mas sim formada pela mistura ou superposição de todas as cores do espectro e concluiu ainda que a luz se decompõe devido à refração que sofre ao passar de um meio para outro com índices de refração diferentes.

Além de fazer o estudo sobre a dispersão da luz, Newton teorizou sobre as cores dos corpos. Segundo ele, “as cores de todos os corpos são devidas simplesmente ao fato de que eles refletem a luz de uma certa cor em maior quantidade do que as outras”.

Essa teoria teve grande oposição no meio científico, fato esse que levou Isaac Newton a publicar seus trabalhos sobre a óptica somente muitos anos mais tarde.

Concluindo,

Depois que Newton viu a luz do dia através de um prisma e depois de dividi-la em cores individuais e contar sete cores principais, ele percebeu ainda que essa série voltava a si mesma de acordo com a tonalidade. Ao ligar o extremo violeta do espectro ao início vermelho, ele criou seu círculo de cores, que teve um impacto duradouro. Com a forma circular de Newton, a transição da ordem de cores unidimensional para bidimensional é concluída. É útil perceber que, embora este passo tenha sido realizado por um físico, tem pouco a ver com física. É o nosso cérebro que transforma a linha da física no círculo que Newton desenhou pela primeira vez. Newton criou o branco a partir de todas as cores. (Disponível em: <https://www.colorsystm.com/?page_id=683&lang=en> . Acesso em: 15 nov. 2023)

3.2 JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

Johann Wolfgang von Goethe também conhecido pelas suas obras literárias, muito contribuiu para a Teoria das Cores. Em 1810, publicou “Teoria das Cores” um livro onde argumenta que a percepção das cores era subjetiva e influenciada por fatores psicológicos e contextuais. Foi ele quem introduziu o conceito de “cores harmônicas” que se baseia no fato de

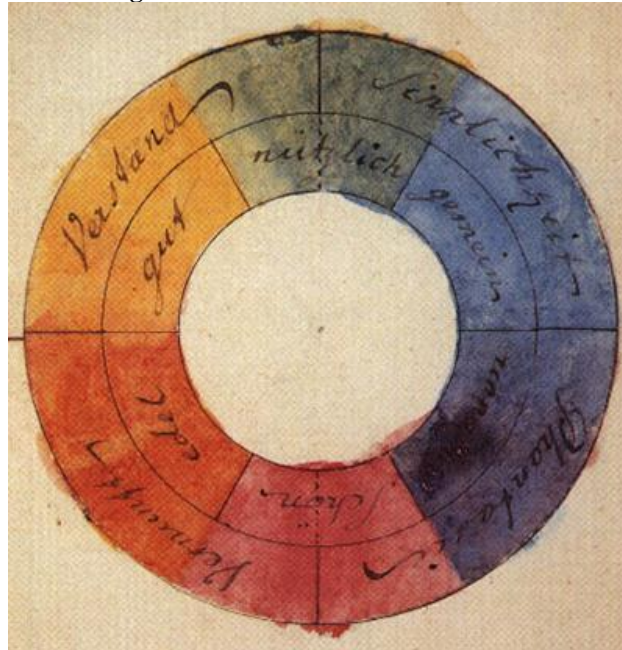
que as cores se relacionam de maneira agradável ao observador, quando organizadas devidamente. Tal enfoque subjetivo da cor influenciou a arte contemporânea, particularmente a arte abstrata e a psicologia das cores, trazendo uma compreensão mais emocional e mais expressiva das cores.

Como visto anteriormente, a “Teoria das Cores de Goethe” difere da abordagem científica de Newton. Alguns princípios essenciais de sua Teoria são:

- 1) **Efeito Psicológico dos núcleos:** Goethe valoriza a importância do impacto emocional e psicológico dos núcleos na percepção humana. Para Goethe as cores têm um poder intrínseco de chamar, tornar presente, emoções e sentimentos.
- 2) **Contraste simultâneo:** para Goethe os núcleos podem parecer mudar ou influenciar umas às outras cores, quando vistas em conjunto.
- 3) **Classificação das Cores:** estabeleceu dois grupos principais: cores quentes (vermelho, laranja e amarelo) e cores frias (azul, verde e roxo). Goethe atribuiu características emocionais e simbólicas para cada grupo: núcleos quentes – calor e emoção e núcleos frios – calma e serenidade.
- 4) **Estudo da cor como especificações ópticas:** Goethe, para compreender a difração e a dispersão da luz, realizou experimentos ópticos, todavia, sua abordagem foi mais qualitativa do que quantitativa. Questionou a ideia de Newton de que a luz branca era composta de núcleos separados e afirmou que a cor era um específico complexo.
- 5) **Disco das Cores (Círculo Cromático):** Goethe criou o seu próprio Disco das Cores, onde os núcleos são organizados conforme suas relações perceptuais e emotivas. O Disco das Cores de Goethe é totalmente diferente do círculo cromático baseado na física.

Goethe apresentou um diagrama circular (desenho original de Goethe – figura abaixo), em que as três cores primárias: vermelho, azul e amarelo se alternam com as três cores secundárias laranja, violeta e verde. O vermelho ocupa o lugar mais alto do círculo e o verde o mais baixo. O semicírculo do verde, do amarelo ao vermelho é conhecido como lado positivo; seu oposto é o lado negativo. Como já dito, Goethe procurou superar o sistema de Newton. Com a sua visão do efeito sensual-moral das cores, Goethe aproxima-se do seu objetivo inicial: nomeadamente, trazer ordem aos aspectos estéticos mais caóticos da cor. Ele coloca a coloração dentro das categorias separadas de «poderoso», «suave» e «radiante» e, conseqüentemente, estabelece o seu conceito.

Figura 10 – Disco de Cores de Goethe



Fonte: COLORSYSTEM. Johann Wolfgang von Goethe
https://www.colorsystem.com/?page_id=766&lang=as. Acesso em: 15 nov. 2023.

Disponível em

3.3 MICHEL EUGÈNE CHEVREUL

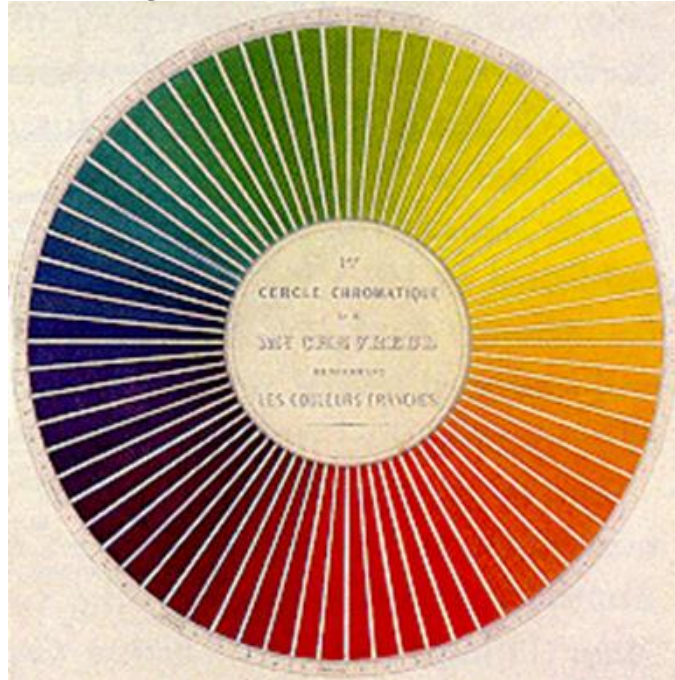
Michel Eugène Chevreul, um químico francês que teve seus primeiros trabalhos relacionados com gorduras animais, que revolucionaram a fabricação de sabonetes e velas. Esse trabalho levou ao isolamento dos ácidos graxos heptadecanóico, esteático e oleico. Também contribuiu na área médica, demonstrando que os diabéticos excretam glicose na urina e foi o primeiro a isolar a creatina.

Em seu livro “*De la Loi du Contraste Simultané des Couleurs*”, Chevreul explica que quando trabalhava na *Gobelins Manufactory* em Paris, descobriu que alguns corantes eram de fato deficientes, mas o corante preto frequentemente criticado era de primeira linha. Os tecidos tingidos com esse preto foram considerados fracos e avermelhados, quando cercados por azuis profundos e/ou roxos.

Ainda conforme a mesma publicação, Chevreul denominou esse efeito de contraste simultâneo, definindo-o como a tendência de uma cor parecer deslocar-se em direção à complementar de seu vizinho, tanto em termos de matiz quanto de escuridão.

Chevreul construiu um Círculo de Cores de 72 partes, cujos raios representam três misturas primárias de laranja, verde e violeta e outras seis misturas secundárias além das três cores primárias vermelho, amarelo e azul.

Figura 11 – Disco de Cores de Chevreul



Fonte: COLORSYSTEM. Michel Eugène Chevreul. Disponível em: http://www.colorsistem.com/?page_id=792&lang=en. Acesso em: 15 nov. 2023.

Os setores que ocorrem são divididos cada um em cinco zonas e todos os raios em 20 seções. Os diferentes níveis de brilho podem ser encontrados aqui. Aliás, aqui encontramos pela primeira vez um papel ativo do cérebro na criação das cores, e podemos nos acostumar com a ideia de que as cores também são ações do mundo em nossas cabeças. Chevreul foi, provavelmente, o químico que mais contribuiu para o desenvolvimento da arte.

3.4 JOHANNES ITTEN

Figura 12 – Disco de Cores de Itten



Fonte: TIPOGRAFOS.NET. **Johannes Itten**. Disponível em: <<http://tipografos.net/bauhaus/itten.html>>. Acesso em 15 nov.2023

Johannes Itten foi a mais importante figura durante a primeira fase da Bauhaus, influenciando nas oficinas, na organização e na estruturação de cursos de *Design*.

O disco de cores desenvolvido por ele é baseado no espectro visível e formado por 12 cores, entre elas as chamadas cores primárias— azul, vermelho e amarelo — que são muito próximas às cores primárias da teoria subtrativa — e, além disso, são usadas como cores primárias por pintores e artistas em geral.

Nas suas pesquisas, Itten desenvolveu a roda de cores, que permite descobrir combinações harmoniosas de cores — os sete contrastes de cor.

Figura 13 – Disco de Cores de Itten



Fonte: Disponível em <<https://arianepadilha.wordpress.com/2009/12/04/circulo-cromatico/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

As cores primárias são mostradas no triângulo central. Existem também as cores secundárias, que nascem da mistura de 2 tons primários. São: o verde, laranja e violeta — presentes no hexágono. Por fim, existem os tons terciário: amarelo-laranja, vermelho-laranja, vermelho-violeta, azul-violeta, azul-verde e amarelo-verde.

Os tons secundários são formados pela mistura de dois tons primários e os tons terciários pela mistura entre um tom primário e um secundário.

4 COMO OS ARTISTAS SE ENCANTAM COM AS CORES

Conforme mencionado nas Considerações Iniciais, no campo da metodologia, apresentou-se neste capítulo os estudos relacionados aos sete artistas e as sete cores, selecionadas criteriosamente de acordo com a Teoria das Cores: as três primárias: amarelo, vermelho e azul, as três secundárias: roxo, verde e laranja e uma, representando as terciárias, o marrom.

O “encantamento” de cada artista a que se refere, está no fato da pesquisa ter conduzido à conclusão de que todos, em seu tempo, em seu espaço e usando diferentes técnicas, usaram determinadamente certas cores, induzindo, assim, a criação de discos de cores (exclusivos e inéditos), para cada um deles.

Para cada artista, foi escolhida uma “obra-capital” — uma obra conhecida, relevante — na qual a cor utilizada preferencialmente por ele está visível, seguida de um breve comentário a seu respeito e o respectivo “disco das cores” daquela obra específica.

Na sequência, foi produzida uma “galeria” composta de outras quatro obras do mesmo artista, também com breves citações, demonstrando o uso acentuado daquela cor em seus trabalhos artísticos.

O ineditismo do presente trabalho está na apresentação dos “discos das cores” de cada artista, criados exclusivamente nessa pesquisa, a partir das cores utilizadas por eles, com a predominância da respectiva cor. Será possível observar que, não apenas na “obra-capital”, mas também nas quatro obras de sua respectiva galeria, a tendência daquele artista em toda sua carreira por aquela determinada cor.

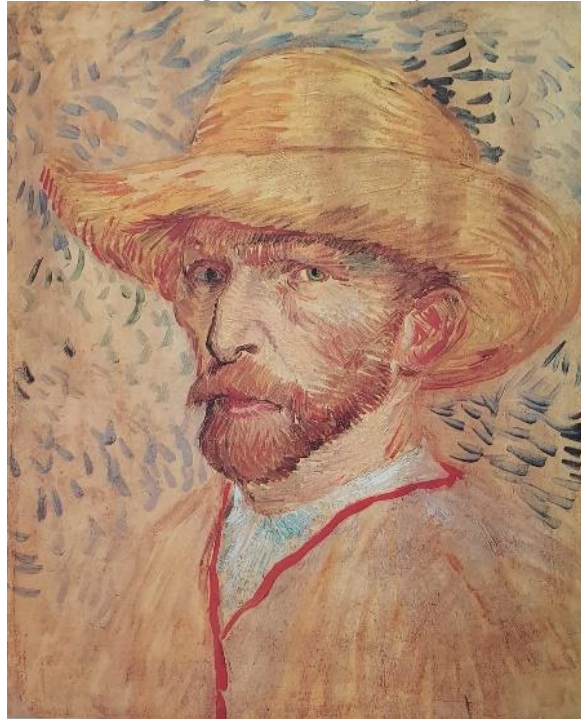
A elaboração dos discos das cores de cada artista deu-se exclusivamente pela sensibilidade artística do autor desta pesquisa, dispensando os diversos mecanismos digitais disponíveis.

Assim, produziu-se um segundo disco das cores de cada artista, intitulado de “conjunto da obra”, isto é, refletindo uma análise cromática de todo o trabalho daquele artista durante sua vida, mostrando prevalecer a respectiva cor.

A ordem de apresentação das cores/artistas não obedece ao critério cronológico, mas sim ao critério de grupo de cor. As cores primárias: amarelo, azul e vermelho aparecem primeiro, seguidas das cores secundárias: verde, laranja e roxo. A cor marrom, escolhida para representar as terciárias, foi representada por Rembrandt e, por isso, o referido artista foi estudado por último, embora o pintor holandês tenha vivido antes de todos os demais.

4.1 O AMARELO, PREFERÊNCIA DE VAN GOGH

Figura 14 – Vincent van Gogh (1853-1890): *Self-Portrait with Straw Hat*



Nota: Vincent van Gogh (1853 - 1890), Paris, August-September 1887. Técnica: tinta óleo em papel cartão. Dimensões: 40.9 cm x 32.8 cm. Credits (obliged to state): Van Gogh Museum, Amsterdam (Vincent van Gogh Foundation).

Fonte: VAN GOGH MUSEUM. **Self-Portrait with Straw Hat**. Disponível em: <<https://www.vangoghmuseum.nl/en/collection/s0164V1962>>. Acesso em 15 nov. 2023.

Se escutar uma voz dentro de você dizendo:
'Você não é um pintor', então pinte sem parar,
de todos os modos possíveis, e aquela voz será silenciada.

Vincent van Gogh

VINCENT WILLEM VAN GOGH nasceu em Groot Zundert, uma minúscula aldeia na Holanda, no dia 30 de março de 1853 e faleceu em 29 de julho de 1890 em Auvers-sur-Oise, na França. Foi uma criança rebelde e nada sociável, altamente emocional, carente e com problemas de autoafirmação. Seu pai, Theodore Van Gogh, era um pastor protestante e sua mãe, Anna-Cornelia Carbentus, era filha de um encadernador da corte. Já nos séculos XVI e XVII, os Van Gogh's eram eminentes burgueses e tinham gosto pelas artes. Ainda bem jovem, demonstrou um extraordinário interesse pela natureza.

Aos dezesseis anos, abandonou a escola e começou a trabalhar. Tornou-se depressivo, sofrendo seguidas crises nervosas, passando longos períodos em solidão, momentos de dor, de desespero, de melancolia. Em 1880 foi para Bruxelas, onde estudou anatomia e perspectiva,

passando os dias desenhando. No ano seguinte, mudou-se para Haia, onde buscou vender suas pinturas e encontrar seu primo, Anton Rudolf, que era um artista bem sucedido. Após receber sugestões dele, Van Gogh passou a pintar aquarelas, nas quais aparecem marinheiros, pescadores e camponeses.

Em 1886, Van Gogh mudou-se para Paris e deparou-se com obras de pintores impressionistas, quando passou a se interessar por elas. Antes disso, pintava quadros com tons mais escuros. A partir de então, passou a usar cores puras primárias e secundárias e suas obras passaram a ter luminosidade e leveza. Familiarizou-se com os impressionistas Monet, Renoir e Pissarro e, mais adiante, tornou-se amigo de Gauguin.

Em 1888, Van Gogh encontrava-se com a saúde precária e, seguindo conselhos de Toulouse-Lautrec, mudou-se para o campo, em Arles, onde passou a pintar ao ar livre. Na época, Van Gogh pintou suas obras mais importantes. Foram mais de 100 quadros.

Entre suas obras mais conhecidas está a série de pinturas a óleo, chamada Girassóis, onde a predominância do amarelo é visível! As primeiras dessas pinturas foram feitas para decorar o quarto de seu amigo Paul Gauguin. O amarelo para Van Gogh era um emblema de felicidade. Na literatura holandesa, o girassol é um símbolo de devoção e lealdade.

Sua preferência pela cor amarela foi posteriormente associada a uma contaminação por Dedaleira (*Digitalis purpurea*), uma planta utilizada na medicina para o tratamento de diversas doenças, inclusive crises maníaco-depressíveis. Van Gogh costumava usá-la para amenizar suas crises de seu corpo e mente. O uso dessa substância em excesso desenvolve nos pacientes a “xantopsia”⁵, uma doença que altera a percepção das cores em seu usuário, fazendo-os ver objetos com tonalidade amarelada. Assim, Van Gogh via o mundo através de um filtro amarelo, transferindo para suas pinturas apenas os tons que observava.

De todo modo, apesar da predominância dos tons de amarelo em suas obras, deve-se reconhecer que o amarelo está sempre equilibrado com o uso do azul e/ou do branco, mesmo que aplicado de forma sutil.

Com uma “xantopsia aguda”, os brancos e os amarelos seriam indistinguíveis para o pintor, assim como os azuis dos verdes. Alguns especialistas concluíram que ele sofria da doença em grau moderado.

⁵ Distúrbio da visão provocado pela intoxicação por ácido pícrico, por digitálicos, santonina etc., que faz com que todos os objetos pareçam ter a cor amarela. (Michaelis – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa)

Outras hipóteses sugerem ser possível que o pintor sofresse de “glaucoma subagudo de ângulo fechado”, uma diminuição da visão, o que explicaria os halos coloridos, círculos luminosos que Van Gogh pintou em algumas de suas obras, como “O café noturno”.

Alguns autores apenas citam a forma como Van Gogh evitava o verde, o verde vivo, o vermelho, o rosa e o bege. As cores que mais usadas foram a amarela e o azul, que são vistas da mesma forma por quem é ou não daltônico. O quadro “Campo de Trigo com Ciprestes” é um exemplo.

Van Gogh explicou em suas cartas que, para ele, os sons tinham cores e que certas cores, como o amarelo ou o azul, eram como fogos de artifício acariciando seus sentidos. Por isso, o “Girassóis” e o “Noite Estrelada” são, até hoje, telas vibrantes dotadas de vida e de movimento.

O pintor conseguiu captar com inusitada certeza a “teoria da turbulência dos fluidos”⁶, que o matemático russo Andréi Nikoláyevich Kolmogórov descreveu em 1941. Ou seja, 52 anos depois de Van Gogh ter pintado “A Noite Estrelada”.

Van Gogh morreu no anonimato, após uma vida atormentada que o levou ao isolamento e, finalmente, ao suicídio. Sua fama só aconteceu após sua morte. Em toda sua vida, vendeu apenas um quadro: “A Vinha Encarnada”. No dia de sua morte, no sótão da Galeria Goupil, em Paris, setecentos quadros amontoavam-se sem comprador.

4.1.1 Reflexão

Van Gogh é reconhecido como um dos grandes expoentes do pós-impressionismo pois suas obras carregam a maioria dessas características, destacando-se para uma maior expressividade das emoções por meio do uso consciente das cores e luzes.

Entre os anos de 1886 e 1889, Vincent van Gogh pintou uma série de sete quadros de girassóis. Esta (fig. 14), é uma das quatro telas, feitas entre agosto e setembro de 1888.

⁶ A “Teoria da Turbulência dos Fluidos” prevê a existência de um intervalo de equilíbrio, onde leis de caráter universal descrevem as quantidades fenomenológicas associadas ao escoamento turbulento.

Figura 15 – *Sunflowers (Girassóis)*, 1888 – Van Gogh. Parte da 1ª série de quadros



Nota: Óleo em tela. Dimensões: 95cm x 73cm. Localização: National Gallery, Londres, Inglaterra.
 Fonte: YAN, Su; HUANG, Jun-Jie; VERINAZ-JADAN, Herman; DALY, Nathan; HIGGITT, Catherine; DRAGOTTI, Pier. A Fast Automatic Method for Deconvoluting Macro X-Ray Fluorescence Data Collected From Easel Paintings. **IEEE Transactions on Computational Imaging**, 2023, DOI: 10.1109/TCI.2023.3288343. Disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Vincent-van-Gogh-Sunflowers-NG3863-1888-Oil-on-canvas-38-39-CThe-National_fig5_371804585>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Trata-se de um dos quadros mais conhecidos de Van Gogh, quase todo pintado em amarelo, sua cor favorita, preferência esta que se manifestou em Paris, sob influência da arte japonesa.

As cores, sombras de amarelo e marrom, somadas à técnica, expressam um mundo de esperança e sol. Na época em que este quadro foi pintado (1888), este mundo estava escapando lentamente das mãos de Van Gogh, que estava em desespero. Possivelmente a superfície do quadro, agitada, quase maníaca, possa refletir o estado de espírito do artista, que se aproximava do final trágico de sua vida breve.

Van Gogh disse em carta dirigida ao seu irmão Theo, em agosto de 1888:

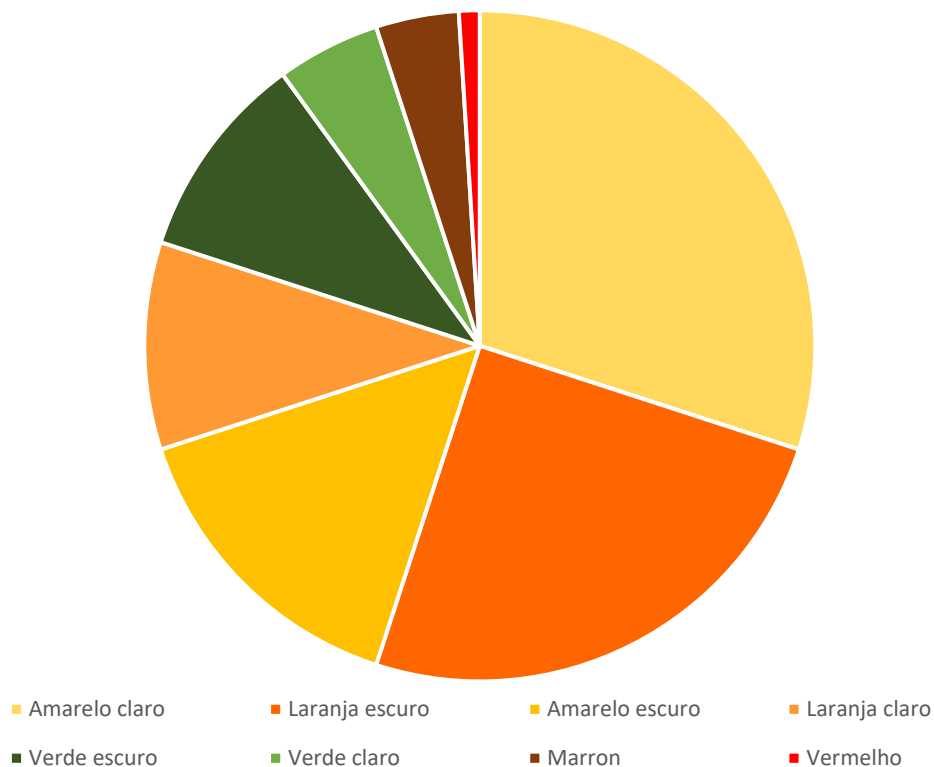
Sou intenso nisso, pintando com o entusiasmo de um marselês comendo *bouillabaisse*⁷, o que não vai surpreendê-lo quando você sabe que o que eu estou pintando são alguns girassóis. Se eu levar a cabo esta ideia, haverá uma dúzia de painéis. Então a coisa toda será uma sinfonia em azul e amarelo. Estou trabalhando nisso todas as manhãs desde o nascer do sol, pois as flores desaparecem tão rapidamente. Estou agora na quarta pintura de girassóis. Este quarto é um arranjo com 14 flores ... dá um efeito singular.

⁷ *Bouillabaisse* é um prato típico da culinária da França, comum na região do Mediterrâneo - um caldo preparado à base de peixes brancos.

Van Gogh realmente não pintou os girassóis dentro de um vaso, como aparece na tela. Como gostava de pintar aquilo que via, presume-se que tenha colocado as flores e o vaso em frente ao seu cavalete. Pelo fato de que não seria possível inserir quatorze girassóis com seus caules espessos dentro do vaso, além do fato de que, nos dias em que pintou os quadros, ventava e chovia muito na região do vale do Rio Ródano e, por isso, precisou trabalhar dentro da Casa Amarela, pois seria impossível manter seu cavalete e a tela do lado de fora.

Detalhe que se observa na obra, é a linha azul que separa a mesa da parede amarela. Essa linha irregular, logo acima da mesa, está ligeiramente inclinada, sendo o lado esquerdo mais alto. Van Gogh, como sempre, foi ousado ao quebrar a simetria e adicionar mais vibração à sua obra.

Figura 16 – Disco das Cores: Girassóis em um Vaso, 1888



Fonte: Elaborado pelo autor

Ao estabelecer o Disco das Cores da obra “*Quatorze Girassóis em um Vaso*”, observa-se a predominância do amarelo claro, sendo o fundo do quadro. O laranja escuro é a cor seguinte em razão das quatorze flores de girassóis estarem num primeiro plano. O amarelo escuro vem em seguida, sendo a mesa que suporta o vaso. O laranja claro e o verde escuro fazem parte de alguns girassóis e a haste das plantas. Verde claro, marron e vermelho compõem o miolo das flores.

4.1.2 Galeria – Van Gogh

Figura 17 – *Le Café de Nuit* (Café Noturno), 1888



Nota: Óleo em tela. Dimensões 72cm x 92cm. Localização: Yale University Gallery, Connecticut, Estados Unidos. Fonte: CARTWRIGHT, Mark. Vincent van Gogh. Traduzido por Joana P. Silveira. **World History Encyclopedia**. Última modificação 17 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-20649/vincent-van-gogh/>>. Acesso em 15 nov. 2023.

Numa das muitas cartas que Van Gogh escreveu ao seu irmão Théo, em Arles, dia 08 de setembro de 1888, ele diz textualmente:

Então, para grande alegria do senhorio, do carteiro que eu já pintei, dos visitantes noturnos vagabundos e de mim mesmo, passei três noites consecutivas pintando, e dormi durante o dia.

Penso, com frequência, que a noite é bem mais viva e tem um colorido mais rico do que o dia.

Agora, quanto receber de volta o dinheiro que paguei ao senhorio por meio da minha pintura, não insisto nisso, pois o quadro é dos mais feios que já fiz.

É equivalente, embora diferente dele, aos ‘Comedores de Batatas’.

Tentei expressar as terríveis paixões humanas com o vermelho e o verde.

A sala é de um vermelho sangrento e de um amarelo escuro, com uma mesa de bilhar verde no meio; há quatro lâmpadas amarelo-limão com um brilho alaranjado e verde. Em toda parte, há choque e contraste dos vermelhos e verdes mais díspares nas pequenas figuras dos vagabundos adormecidos, na sala vazia e triste, na violeta e no azul.

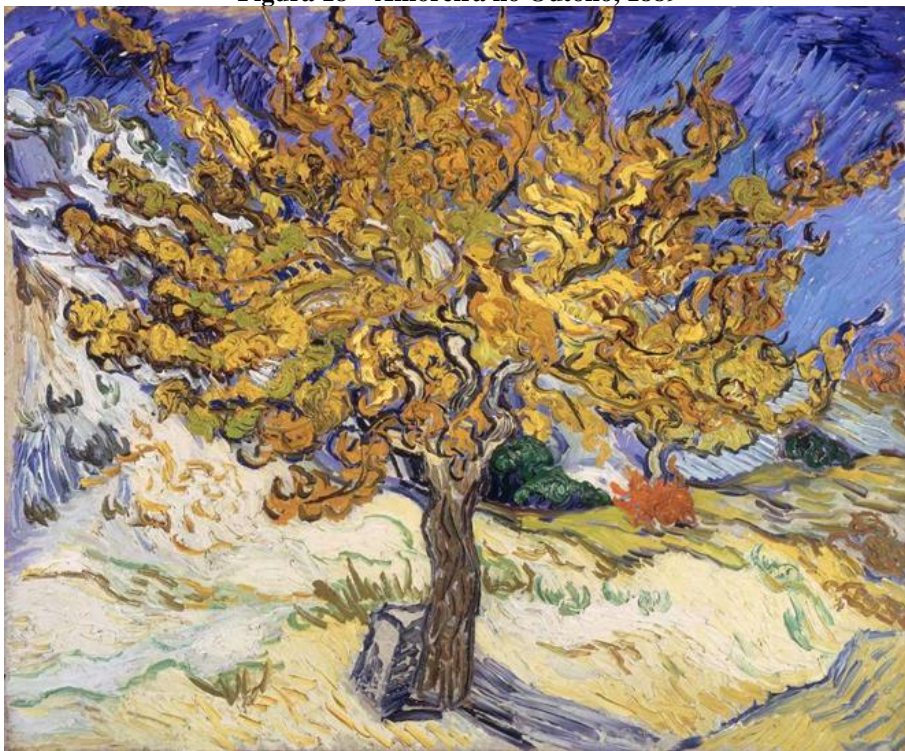
O vermelho-sangue e o verde amarelado da mesa de bilhar, por exemplo, contrastam com o suave verde Luís XV do balcão, sobre o qual há um buquê rosado.

A roupa branca do dono do bar, de pé num canto dessa fornalha, transforma-se num amarelo-limão, ou num luminoso verde-pálido.

Ainda em *Arles*, também em setembro, Van Gogh escreveu outra carta para Théo, falando da mesma obra:

Em meu quadro “Café Noturno” procurei expressar a ideia de que o café é um lugar onde uma pessoa pode arruinar-se, enlouquecer ou cometer um crime. Por isso tentei expressar, por assim dizer, os poderes em uma taverna, com os contrastes de rosa suave, vermelho-sangue, cor de vinho e do verde suave à Luís XV e Veronese, contrastando os verdes amarelados e os verdes azulados duros, tudo isso numa atmosfera de fornalha infernal, de um amarelo-enzofre. E, não obstante, com uma aparência de alegria japonesa e o bom humor de Tartarin.

Figura 18 – Amoreira no Outono, 1889



Nota: Óleo em tela. Dimensões: 54cm x 65 cm.

Fonte: SANTHATELA. **Amoreira no Outono**. Disponível em: <<https://santhatela.com.br/wp-content/uploads/2019/02/van-gogh-amoreira-outono-d.jpg>>. Acesso em 15 nov. 2023.

Esse quadro, Van Gogh pintou em outubro de 1889, menos de um ano de sua morte. Grande parte de suas obras foram feitas num período de altos e baixos, pintadas num período de grande autoconsciência e ainda assim, cercada pelos caos. As cores brilhantes nesse quadro, mostram seu interesse no *impressionismo* mas também deixam claro seu conhecimento sobre a Teoria das Cores.

Figura 19 – Campo de trigo, 1889



Nota: Óleo sobre tela. Dimensões: 50cm x 61cm.

Fonte: KUADROS. **Campo de trigo**. Disponível em: <<https://kuadros.com/pt-br/products/campo-de-trigo-vincent-van-gogh>>. Acesso em 15 nov. 2023.

O “Campo de Trigo” foi pintado por Van Gogh em 1889, durante um período em que passou no Hospital Psiquiátrico *Saint-Paulo-De-Mausole* em *Saint-Rémy-De-Provence*, na França, para tratar de problemas mentais.

A obra mostra um campo de trigo dourado até o horizonte, com um céu azul e muitas nuvens brancas. Van Gogh usou pinceladas grossas e arrojadas, buscando criar um senso de movimento e textura no campo de trigo, que parece estar em um ângulo inclinado.

É impressionante o uso da cor trabalhada por Van Gogh nesse quadro. Ele usou uma paleta brilhante e saturada, criando uma sensação de vitalidade e energia na tinta. O amarelo dourado do campo de trigo contrasta com o azul do céu, trazendo uma sensação de equilíbrio e harmonia.

Mesmo doente, Van Gogh pintava e criava obras de arte incríveis. O “Campo de Trigo” é uma delas.

Críticos de arte afirmam que Van Gogh teria feito esse quadro, ainda internado, para homenagear seu amigo, o pintor Paul Gauguin, que o teria encaminhado ao Hospital Psiquiátrico.

Figura 20 – Marmelos, limões, peras e uvas, 1887-1888



Nota: Quinces, Lemons, Pears and Grapes, Paris, Setembro-October 1887. Tinta óleo sobre tela. Dimensões: 48,9cm x 65,5cm. Em exposição: Van Gogh Museum, Amsterda, (Vicent van Gogh Foudation). Disponível em: <<https://www.vangoghmuseum.nl/en/collection/s0023V1962>>.

Fonte: MEISTERDRUCKER. **Marmelos, limões, peras e uvas, 1887-1888**. (Quinces, lemons, pears and grapes, 1887-1888). Disponível em: <<https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Vincent-van-Gogh/784664/Marmelos,-lim%C3%B5es,-peras-e-uvas,-1887-1888.html>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Quando pintou essa tela, Van Gogh residia em Arles, na França, onde interagiu com muitos outros artistas como Paul Gauguin, Émile Bernard e Henri de Toulouse-Lautrec. Nota-se nesta obra, uma clara mostra da habilidade do artista em transcender a representação da natureza, acrescentando-lhe uma carga emocional por meio do uso intenso das cores, com expressivas pinceladas. Van Gogh não só retrata objetos do dia a dia, mas os transforma em ícones de sua visão de mundo. Marmelos, limões, peras e uvas para Van Gogh deixam de ser unicamente frutas, mas sim, sua expressão pela busca de um significado e beleza. As cores usadas nessa obra, o amarelo, o laranja, o vermelho e o verde nos dão uma sensação de movimento e vida, não significando apenas uma forma de representá-las, mas um meio de transmitir suas emoções, refletindo a influência que o movimento expressionista exerceu sobre o artista. Críticos de arte consideram Van Gogh como um dos precursores do movimento expressionista.

4.1.3 Disco Das Cores – Van Gogh: conjunto da obra

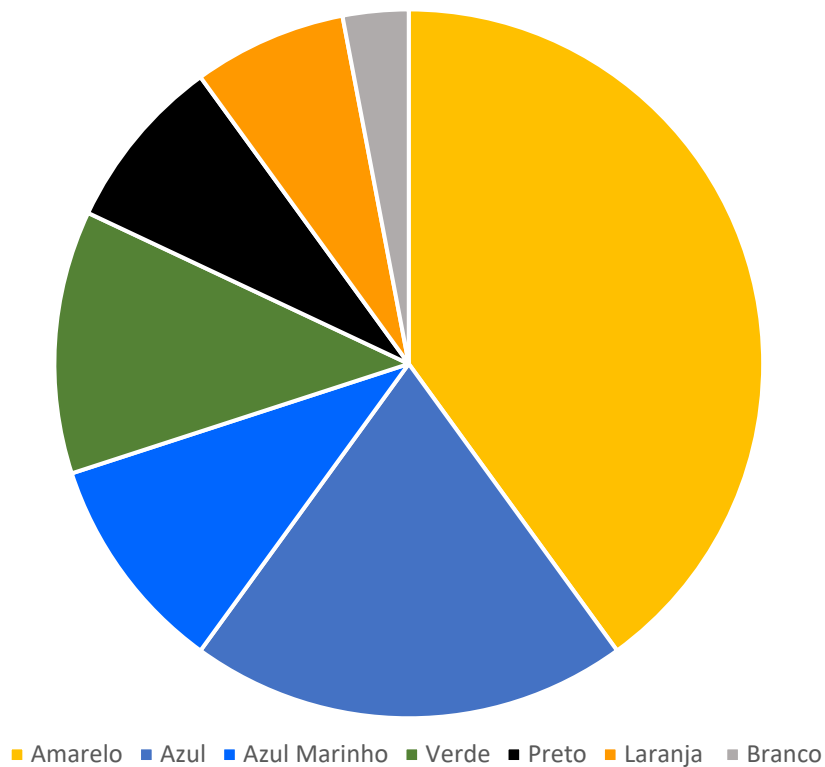
Se não fosse o Van Gogh, o que seria do amarelo?
Mário Quintana

Conhecido por sua expressão emotiva e ousada das cores, Van Gogh em sua paleta mostra frequentemente contrastes, onde se destacam cores complementares.

Ao estudar suas obras, nota-se a predominância do amarelo no Disco das Cores do grande pintor, seguida por duas tonalidades de azul, o que aumenta a vibração de suas imagens. Seu Disco das Cores é complementado em menor escala pelo verde, preto, laranja e branco.

Assim, eis o Disco das Cores de Van Gogh:

Figura 21 – Disco de Cores de Van Gogh: conjunto da obra



Fonte: Elaborado pelo autor.

4.2 O VERMELHO DE HENRI MATISSE

Figura 22 – Henri Matisse



Fonte: PENSADOR. **Biografia de Henri Matisse.** Disponível em: https://www.pensador.com/autor/henri_matisse/biografia/. Acesso em: 09 dez. 2023.

"As flores são para mim as melhores lições de composição das cores. Proporcionam impressões cromáticas, que ficam indelevelmente marcadas em minha retina como o ferro em vermelho vivo"
Henri Matisse⁸

HENRI ÉMILE BENOIT MATISSE ou simplesmente HENRI MATISSE, nasceu em *Cateau-Cambrésis*, no norte da França, no dia 31 de dezembro de 1869 e faleceu em Nice, França, no dia 03 de novembro de 1954.

Foi pintor, desenhista, gravurista e escultor. Sua obra é considerada uma das expressões mais significativas da arte de vanguarda. Foi um dos fundadores do Fauvismo – o primeiro movimento moderno do século XX e do Expressionismo.

Seu pai, um comerciante de cereais bem sucedido, entendia que os artistas eram verdadeiros boêmios irresponsáveis e por isso incentivou o filho a ingressar na Faculdade de Direito, em Paris, em 1887. Matisse formou-se em Direito e a exercer a profissão, mas nas suas horas vagas tomava aulas de desenho, que era o que gostava e onde estava o seu talento.

O conflito de aptidões do filho, entretanto, não passou despercebido pela sua mãe que lhe presenteou com um estojo de pintura, enquanto Matisse convalescia de uma cirurgia de

⁸ Coleção Folha Grandes Mestres da Pintura; 8. Barueri: Editorial Sol 90, 2007.

apendicite, em 1889. Com esse material ele realizou o seu primeiro quadro – Natureza Morta com Livros e Velas (1890), uma pintura convencional da arte acadêmica.

No ano de 1891, entretanto, Matisse deixou a carreira de advogado e retornou à Paris, iniciando seus estudos, preparando-se para a admissão na Escola de Belas Artes, decepcionando profundamente seu pai.

O aprendizado começou na Academia Julian, tornando-se aluno de William-Adolphe Bouguereau, um pintor acadêmico francês e presidente da Sociedade de Pintores e Gravadores.

Insatisfeito com as repreensões de Bouguereau, Matisse passou a frequentar o curso do pintor Gustave Moreau, que o aceita como discípulo.

Cinco anos após abandonar a carreira de advogado, em 1896, Matisse já estava participando de exposição no Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes com suas telas: “Mulher Lendo” (1894), que foi comprada pelo governo para a residência presidencial, “Natureza- Morta com Pêssegos” (1896) e “Natureza-Morta com Faca Negra” (1896). Nesse período, manteve contato com Auguste Rodin e Camilli Pissarro.

Em 1897, em Luxemburgo, interessou-se pelo impressionismo. Visitou o pintor John Peter Russell, na ilha Belle-Isle, na costa da Bretanha (região administrativa do oeste da França), que o introduziu ao impressionismo. Russell mostrou-lhe o trabalho de Van Gogh, seu amigo, mas completamente desconhecido até então.

O estilo de Matisse mudou completamente. Mais tarde chegou a dizer: “Russell foi meu professor e Russell explicou a teoria da cor para mim”.

Com a modelo Caroline Joblau, ele teve uma filha, Marguerite, nascida em 1894. Em 1898, Henri Matisse casou-se com Amélie Noellie Parayre e educaram Marguerite juntos. Tiveram dois filhos, Jean (1899) e Pierre (1900). Marguerite serviu frequentemente como modelo para Matisse.

Matisse viajou para Londres, Córsega e Toulouse, cidade natal de sua mulher. Eles eram muito pobres nos primeiros anos de casamento. Matisse era um artista em dificuldades, com esposa e seus dois filhos. Amélie, a esposa, era grandemente engajada na carreira do marido, que agia como esposa e gerente pessoal de Matisse.

Em 1899, Matisse deixou a escola de Belas Artes. Seu pai cortou sua mesada na expectativa de que ele desistisse da “loucura” de deixar o Direito para ser artista. Não adiantou. Ele passou a trabalhar como decorador de frisos e sua esposa abriu um salão de costura.

No ano de 1901, expôs sua obra no Salão dos Independentes. Três anos depois, em 1904 fez sua primeira exposição individual na Galeria Vollard. No ano seguinte, expõe com os

Fauvistas, no Salão de Outono, uma obra-prima pontilhada, uma característica que logo abandonaria – “Luxo, Calma e Volúpia”.

Nesse período, Matisse fez várias viagens que lhe foram inspiradoras, visitando a Argélia, Itália, Alemanha, Marrocos, Rússia, Estados Unidos e Taiti.

Em 1906 expôs no Salão dos Independentes, quando encabeçou a rebelião dos “Fauvistas”. Nessa época, pintou as telas: “Alegria de Viver” (1905), “Retrato de Madame Matisse” (1905) e “Natureza-morta com Tapete Vermelho” (1906).

Em 1908, Matisse abriu uma academia em Paris e começou a ganhar fama no exterior, expondo em Nova York, Londres e Moscou. Pintou “Harmonia em Vermelho”. Três anos depois, pintou “Natureza-Morta com Peixes Vermelhos”, obras essas consideradas de transição: as pinceladas, claramente visíveis, eram o que restava do passado.

Em 1918, estabeleceu contato com Pierre-Auguste Renoir e expôs junto com Pablo Picasso. Em 1921, Matisse instalou-se em Nice, França. Em 1930, junto com Gauguin, viajou para o Taiti, em busca de inspiração. Em 1935, pintou “Nu Vermelho” e em 1940, “Natureza Morta com Ostras”.

Ainda em 1940, Matisse desenvolveu uma nova técnica: colagem, com papéis coloridos, dedicando-se a essa técnica durante os últimos anos de sua vida, após passar por uma grave cirurgia no intestino, em 1941. São dessa época, em 1952, a série de “Nu Azul”, com 4 telas e “O Periquito e a Sereia”.

Em 1943, Matisse instalou-se em Vence, na França, onde iniciou a arquitetura e a decoração da Capela do Rosário do Convento Dominicano daquela cidade, pintando os vitrais e os azulejos.

Em 1947, com seu trabalho consagrado, Matisse recebeu a Legião de Honra e em 1950 recebeu o Grande Prêmio na XXV Bienal de Veneza.

Entre os anos de 1913 e 1917, período que ele considerou o mais importante, sua pintura chegava a ser austera: linhas retas e formas geométricas. Mais tarde, seu estilo foi ficando mais solto: figuras femininas e o interior eram seus principais temas, sempre trabalhados em estilo livre e usando cores decorativas. Passou os invernos de 1916 e 1917 em Nice e depois, decidiu ficar na Côte d'Azur, que ele considerou um paraíso.

Henri Matisse foi reconhecido internacionalmente, com exposições em Moscou, Berlim, Munique e Londres. Em 1945, promove uma grande retrospectiva no Salão de Outono, quando realizou trabalhos com tapeçaria inspirados pelo céu e mar da Polinésia Francesa. Em 1952 foi inaugurado o “Museu Henri Matisse” em Cateau-Cambrésis, sua terra natal.

Seu trabalho “A tristeza do rei” foi o último autorretrato. Henri Matisse faleceu em Nice, França, no dia 03 de novembro de 1954 e foi sepultado no cemitério de Cimiez, naquela cidade.

Figura 23 – L’Atelier Rouge (O Ateliê Vermelho), 1911.



Nota: Óleo sobre tela. Dimensões: 181 x 219,1 cm. Localização: Museu de Arte Moderna (MoMA), Nova Iorque, Estados Unidos.

Fonte: HENRI MATISSE.ORG. **L’Atelier Rouge**. Disponível em: <<https://www.henrimatisse.org/the-red-studio.jsp>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

4.2.1 Reflexão

O Ateliê Vermelho, é uma das principais obras de Henri Matisse e foi idealizada pelo pintor logo após suas pinturas fauvistas.

Segundo Robert F. Reiff:

[...] a obra é uma expressão singular e culminante de vários aspectos-chave do desenvolvimento artístico de Matisse até então. Ou seja, a pintura reflete a influência do Fauvismo, do Impressionismo, do Pós-Impressionismo, das suas primeiras viagens ao estrangeiro e do seu próprio código artístico emergente.⁹

O Ateliê Vermelho retrata seu local de trabalho, construído por ele em 1909, totalmente tomado de um tom de vermelho vibrante. Ao observar qualquer fotografia existente do ateliê de Matisse será possível notar que o mesmo ambiente está presente nesta tela. As pinturas que

⁹ REIFF, Robert F. Matisse and ‘The Red Studio.’ *Art Journal*, v. 30, n. 2, p. 144–47, 1970. JSTOR, Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/775426>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

aparecem, o prato de cerâmica e as esculturas, são obras do próprio Matisse e são da época fauvista.

Em o “Ateliê Vermelho”, pela primeira vez Matisse representa o espaço à base de uma única combinação de vermelho, que parece prolongá-lo indefinidamente. Os quadros que aparecem na pintura, “Marinheiro, Grande Nú, Luxe”, contraponteiavam uma grande harmonia vermelha e se integram no sistema geral do quadro.

Observa-se que as peças, utensílios e ferramentas de seu uso comum, foram por ele captados fora do cumprimento de suas funções. Os lápis, as facas, os suportes das esculturas são verdadeiras naturezas-mortas próximas à uma cômoda. Molduras amontoadas no chão, esperam pelas mãos do artista!

No canto superior esquerdo da tela, vê-se uma figura azul-clara. Não se sabe se é um futuro suporte de quadro ou se é uma janela. Móveis e louças parecem flutuar em meio a um ambiente lúdico, imaterial, onde o espaço e o tempo não podem ser medidos, pois não há correspondência com nenhum instrumento de medição, pois são transparentes. Nesse ambiente, o vermelho toma conta da tela, quase por inteiro. Como símbolo mais representativo da obra, pode-se destacar o relógio de pêndulo, sem o pêndulo e sem os ponteiros.

Matisse nesse quadro, não pintou o artista em seu local de trabalho. O pintor não existe aí como trabalhador, mas sim como uma espécie de criador que torna a arte possível.

O vermelho que domina essa pintura, evoca seu trabalho anterior, “The Dessert: Harmony in Red” (A Sobremesa: Harmonia em Vermelho), pintado em 1908, e que é considerado por alguns críticos, sua obra-prima. Trata-se de uma pintura fauvista que segue o exemplo dado pelo Impressionismo, com a falta geral de um ponto focal central. Todavia, o vermelho tão saliente, também ilustra diferenças convincentes, como a perspectiva forçada exagerada, tons mais finos de cor e uma composição reduzida. Tudo isso aponta para uma crescente preocupação de Matisse com a orquestração de cores puras e a busca de uma composição estável com os meios mais simples.

A obra carrega a influência do Impressionismo na sua falta de focalização, todavia fica evidente que o ponto focal foi abandonado em favor do equilíbrio e harmonia que Henri Matisse tanto almejava.

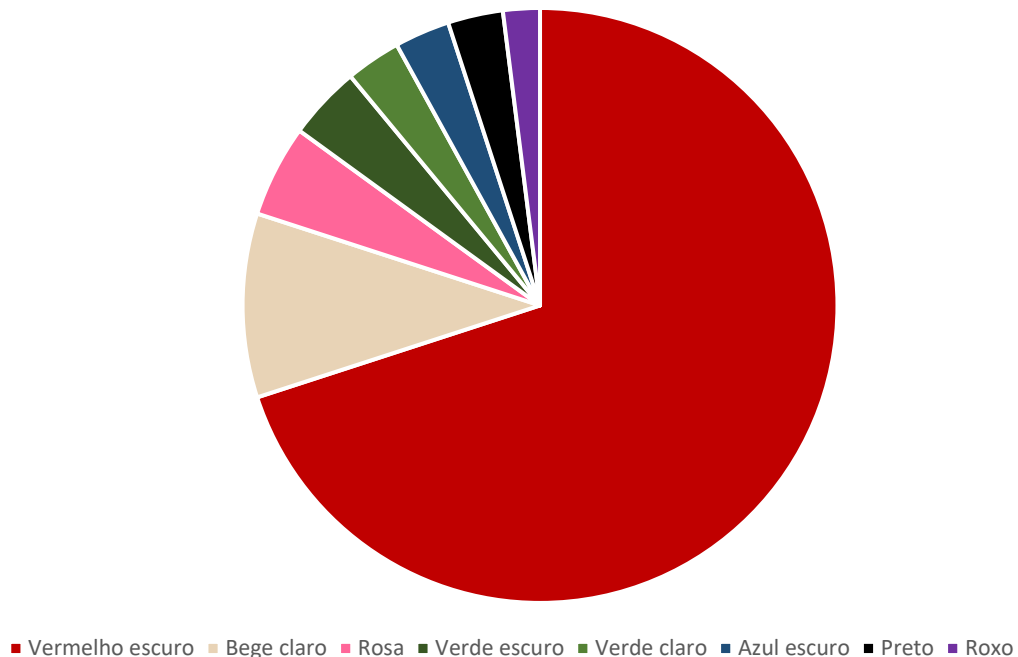
Também o uso expressivo da cor e da perspectiva forçada pode ser comparada à obra do pós-impressionista Vincent Van Gogh, denominada “The Night Café”. Isso tudo deixa claro que Matisse adaptou esses elementos, aos seus próprios interesses estéticos.

Até o Fauvismo, estilo que Matisse desenvolveu com diversos outros artistas em Paris, deixa sua marca na obra pelo uso de cores ousadas e pelo desdém pela pintura realista e representativa.

Segundo Watkins (2003), “Matisse fez várias viagens importantes pouco antes da criação do *“L’Atelier Rouge”*. Visitou uma exposição islâmica em Munique; as cidades mouriscas de Sevilha, Córdoba e Granada, na Espanha, além de São Petersburgo e Moscou”.¹⁰

Os críticos de arte e observadores mais atentos, percebem que isso impactou fortemente o desenvolvimento de sua estética, à medida que seus tons e motivos decorativos se tornam mais exóticos – quase lúdicos em suas experimentações com formas e cores.

Figura 24 – Disco de Cores da Obra "O Ateliê Vermelho", (1911)



Fonte: Elaborado pelo autor.

¹⁰ WATKINS, Nicholas. Matisse, Henri. **Grove Art Online**, Oxford University Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1093/gao/9781884446054.article.T055953>.

4.2.2 Galeria – Henri Matisse

Figura 25 – *Red Interior Scene with Tiger Painting and Ornate Sofa*



Nota: Guache sobre madeira. Dimensões: 22,9cm x 30,5cm.

Fonte: SAATCHI ART. **Red Interior Scene with Tiger Painting and Ornate Sofa**. Disponível em: <<https://www.saatchiart.com/art/Painting-Red-Interior-Scene-with-Tiger-Painting-and-Ornate-Sofa-after-Matisse/385295/3599478/view>>. Acesso em: 07 dez. 2023.

Matisse pinta essa obra em tons de vermelho vibrante, em escarlata atrás do papel de parede com estampa rosa; um tom de vermelho forte no tapete e uma poltrona numa cor rosa profunda, tendendo para o roxo. Alguns salpicos de ouro acrescentam um pouco de brilho à obra; o buquê de flores brancas e a moldura da janela alivam um pouco os tons vermelhos. Algumas árvores podem ser vistas do lado de fora da janela. Numa grande obra de arte na parede, vê-se um leão e um tigre brincando...

Figura 26 – *The dessert: harmony in red* (A sobremesa: harmonia em vermelho), 1908

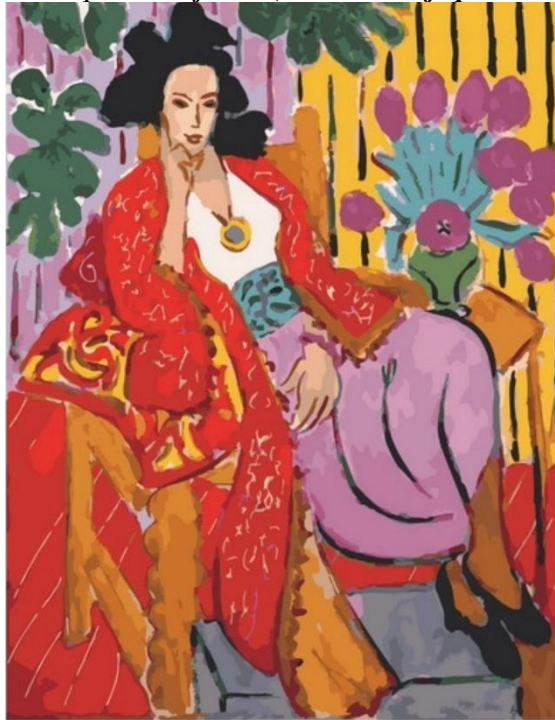


Nota: Óleo sobre tela. Dimensões: 180cm x 220cm. Localização: Hermitage Museum, Saint Petersburg, Rússia.
 Fonte: HENRI MATISSE.ORG. **The dessert: Harmony in red, 1908.** Disponível em: <https://www.henrimatisse.org/the-dessert-harmony-in-red.jsp#prettyPhoto>. Acesso em: 13 dez. 2023.

Henri Matisse recorre a uma linguagem de sinais plásticos e à cor pura, tentando superar o caráter decorativo da obra. Limitou-se à perspectiva: quando suprime parte da linha que delimita a mesa, quando contorna a cadeira, quando emoldura a janela e ao encerrar sua vista uma zona verde e outra azul.

As três cores primárias — vermelho, amarelo e azul —, cumprem missões diferenciadas: o azul e o amarelo (e seu complementar, o verde) definem conteúdos e formas, enquanto o vermelho, numa aventura cromática, harmoniza o conjunto e atua no fundo. A cor única, como fundo, descansa a vista e confere ao conjunto um caráter imaginário.

Figura 27 – *Odalisque in red jacket* (Odalisca em jaqueta vermelha), 1937



Nota: Pintura óleo em tela. Dimensões: 29cm x 21cm.

Fonte: HENRI MATISSE.ORG. **Odalisque in red jacket**. Disponível em: <<https://www.henrimatisse.org/images/works/odalisque-in-red-jacket-1937.jpg>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

Para uma apreciação completa da pintura “Odalisca em Jaqueta Vermelha”, é fundamental contextualizá-la temporalmente, remontando-a ao ano de sua criação, 1927, e considerar o estado de saúde do seu autor, Henri Matisse. O cenário pós-Primeira Guerra Mundial testemunhou uma notável transformação na sensibilidade dos artistas, que se aventuraram por novas e diversas formas de expressão. Matisse, já consagrado como um dos líderes do Fauvismo, encontrava-se em um estágio avançado de sua carreira, tendo estabelecido um estilo distintivo caracterizado por cores vibrantes e uma abordagem arrojada da forma.

No entanto, 1927 marcou um período desafiador para Matisse, uma vez que sua saúde estava fragilizada. Após submeter-se a uma cirurgia, ele enfrentou um longo período de convalescença, durante o qual se viu confinado a uma cadeira de rodas.

Mesmo nessa situação adversa, sua dedicação à pintura permaneceu inabalável. A obra “Odalisca em Jaqueta Vermelha” retrata uma figura feminina em um ambiente exótico, um tema que frequentemente permeava a obra de Matisse.

A figura da odalisca, vestindo uma jaqueta vermelha ricamente adornada, é colocada em um cenário ornamental, caracterizado por elementos geométricos e arranjos florais. A composição emana uma sensação de sensualidade e enigma, conferindo à obra uma aura cativante.

Assim, ao se compreender a pintura “Odalisca em Jaqueta Vermelha” de Matisse, contextualizada no ano de 1927 e sob as circunstâncias de saúde do artista, somos levados a apreciar não apenas a riqueza visual da obra, mas também a resiliência e a dedicação de Matisse à sua expressão artística, mesmo diante de desafios físicos significativos.

Figura 28 – *The Goldfish (Peixe dourado)*, 1911



Nota: Óleo sobre tela. Dimensões: 140cm x 95 cm. Localização: Pushkin State Museum, Moscou, Rússia.
 Fonte: HENRI MATISSE.ORG. **The Goldfish**. Disponível em: <<https://www.henrimatisse.org/goldfish.jsp>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

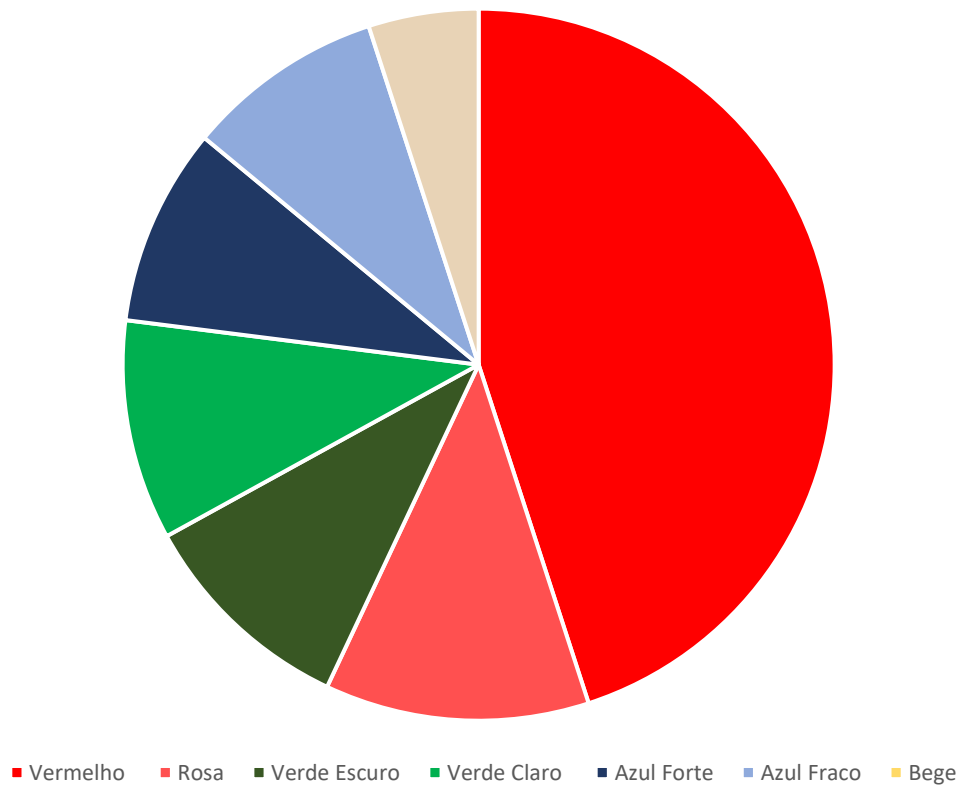
Ao pintar essa obra, Matisse estava ciente da influência libertadora da estética e da criação de imagens da arte japonesa em seus antecessores – dos impressionistas aos pós-impressionistas.

Os peixes, nas obras de Matisse aparecem mais de dez vezes. O quadro “*Goldfish*” integra uma série que Matisse pintou entre a primavera e o verão de 1912. A obra foi possivelmente inspirada pelas muitas imagens orientais de peixes dourados que Matisse teria visto. A cuidadosa colocação dos peixes mostra movimento, acrescentando vida à composição. As cores parecem ser descritivas. A tinta preta fornece contraste e reforça o impacto das cores. Observa-se na superfície do aquário, as imagens refratadas dos peixes dentro da água.

4.2.3 Disco Das Cores – Henri Matisse: conjunto da obra

HENRI MATISSE em sua paleta trabalhou com várias cores, porém sempre com predominância no vermelho. Suas obras “Natureza-morta em vermelho de Veneza” (1908), “Harmonia em vermelho” (1908) e “O Ateliê Vermelho” (1911) são mostras de sua tendência ao vermelho. Como vemos em seu “Disco das Cores”, usou também outras cores em menor escala como rosa, verde em várias tonalidades, bem como o azul e o amarelo.

Figura 29 – Disco de Cores de Henri Matisse: conjunto da obra



Fonte: Elaborado pelo autor.

4.3 O AZUL DE YVES KLEIN

Figura 30 – Yves Klein



Nota: Fotografia de Yves Klein na ocasião da sessão de fotos de Peter Morley. “The Heartbeat of France”, Fevereiro de 1961. Studio of Charles Wilp, Düsseldorf, Germany
 Fonte: YVES KLEIN. *Yves Klein Bio*. Disponível em: <<https://www.yvesklein.com/en/bio/>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

O azul não tem dimensões; está além das dimensões, enquanto as outras cores não estão... Todas as cores despertam ideias associativas específicas... enquanto o azul sugere no máximo o mar e o céu, e elas, afinal, são na natureza real, visível, o que há de mais abstrato.
 Yves Klein

YVES KLEIN nasceu em Nice, na França em 28 de abril de 1928 e faleceu em Paris, em 06 de junho de 1962, com 34 anos.

A opção por Yves Klein para estudar a cor azul foi pelo fato de que seu trabalho foi voltado para um contexto teórico e de história da arte. Por outro lado, também metafísico e filosófico. Klein buscou combinar estes contextos.

Num Programa de Doutorado em que o cerne é a interdisciplinaridade, é importante estudar a obra de Yves Klein, que permeia essas áreas ao longo da sua produção artística. Além disso, ele foi praticamente, um artista de uma cor só, e onde notabilizou-se: o azul.

O *International Klein Blue* (IKB), atualmente conhecido como “Azul Klein” é a designação da tonalidade de azul que Yves Klein obteve com a mistura de uma determinada

quantidade de pigmentos. Sua fórmula foi registrada em 19 de Maio de 1960, no *Institut National de la Propriété Industrielle* (INPI), sob o número 63471, que protege a composição química do azul IKB, todavia ele nunca patenteou o IKB.

É considerado um artista muito importante da arte europeia após a Segunda Guerra Mundial. Sempre mostrou uma queda pelo exibicionismo. Amava a mágica e os rituais arcanos da sociedade mística *Rosicrucian*¹¹ e a influência que ambos viriam a se manifestar em sua arte.

De 1942 a 1946, Klein estudou na Escola Nacional da Marinha Mercante e na Escola Nacional de Línguas Orientais. Nesta época, ele tornou-se amigo de Arman Pierre Fernandez e Claude Pascal, quando começou a pintar.

Klein compôs sua primeira sinfonia monotônica em 1947 e a partir daí até 1961, apresentou repetidas vezes esse seu trabalho, a “Sinfonia Monotônica” (ou Monótona), na Galeria Internacional de Arte Contemporânea, em Paris. Sua composição tratava-se de uma peça musical composta de apenas uma nota, repetida durante vinte minutos. Em seu texto “*The Chelsea Hotel Manifesto*”, Klein se refere à mesma dizendo que propôs ali, uma nova concepção de música.

Na pintura, Klein começou com monocromos já em 1949. Sua primeira exibição pública foi a publicação do livro de artista “*Yves Peintures*” em novembro de 1954, em Madri. Nele, Klein apresentava uma série de monocromos ligados às cidades onde viveu anteriormente.

Em 1955, Klein estabeleceu-se definitivamente em Paris, onde fez uma exibição individual no *Club des Solitaires*. Suas pinturas monocromáticas foram exibidas na Galeria Colette Allendy e na Galeria Iris Clert em Paris.

Essas mostras exibiam monocromos nas cores laranja, amarelo, vermelho, rosa e azul. As respostas do público, entretanto, decepcionaram profundamente Klein, pois as pessoas iam de pintura em pintura, ligando-as como uma espécie de mosaico.

Analisando essas reações do público, Klein percebeu que os espectadores pensavam que suas diversas telas de cores uniformes representavam um novo tipo de decoração interior, brilhante e abstrata. Ficou chocado com esse mal-entendido dos visitantes à sua exposição. Percebeu então, que teria que dar mais um passo na direção da arte monocromática. A partir daí, o artista passou a se concentrar em uma única cor primária: o azul.

Assim, a partir de 1956, durante suas férias em Nice, na França, seus trabalhos monocromáticos passaram a ser quase que exclusivamente produzidos em um matiz azul intenso.

¹¹ Sociedade que professa doutrinas religiosas esotéricas, venerando os emblemas da rosa e da cruz como símbolos da ressurreição e redenção de Cristo e reivindicando vários poderes ocultos.

Em 1958, uma exposição de Yves Klein tornou-se famosa. Um público, estimado em mil expectadores, lotou a Galeria Iris Clert, em Paris, e espantou-se com o que via! Despojando a galeria de todos os seus móveis, Klein pintou-a inteiramente de branco. O evento ficou conhecido como “O Vazio”. No coquetel da exposição, foi servida uma bebida, que fez com que os presentes mais tarde, urinassem azul. Um espanto geral.

Em 1960 fundou o movimento *Nouveau Réalisme* (Novo Realismo) juntamente com o crítico de arte Pierre Restany.

Yves, ao criar o matiz ultramarino para suas obras monocromáticas, comparou-o a uma janela aberta para a liberdade. Para conseguir esse pigmento puro, ele contou com a ajuda de um químico. Queria evocar a imaterialidade e a imensidão de sua própria visão particular e utópica do mundo. Esse tom de azul excedeu as fronteiras da arte e ganhou uso em revestimentos, tecidos e objetos.

Klein experimentou usar um ligante polimérico para preservar a luminescência e a textura de um pigmento azul ultramarino, o que veio a resultar na sua fórmula patenteada e conhecida como IKB, =PB29, =CI 77007, em 1960. Essa cor, entretanto, nunca foi produzida comercialmente.

Seu desempenho mais notório ocorreu em março de 1960. Na abertura da exposição *Anthropometries of the Blue Epoch* (Antropometrias da Época Azul) em Paris, Klein aparece diante da plateia vestindo um fraque formal com uma gravata borboleta branca. Enquanto isso, nove músicos tocavam sua “Sinfonia Monotônica”, que compôs em 1947, ao mesmo tempo ele comandava três modelos nuas, que se cobriam com tinta azul pegajosa e imprimiam imagens de seus corpos sobre uma tela em branco, no chão.

As modelos haviam se transformado, segundo ele, em “pincéis vivos”. Este tipo de trabalho ele denominou de “Antropometria”.

Em outras pinturas, utilizando este mesmo método de produção, Klein produziu “gravações” de chuva enquanto estava dirigindo na chuva, numa velocidade de mais de 100 km/h com uma tela atada ao teto de seu carro. Já em outras telas, há formas provocadas por sua queima com jatos de fogo.

Klein apresentou sua obra sob diversas formas em que a arte é reconhecida. São pinturas, um livro, uma composição musical, mas removendo o conteúdo esperado destas formas: pinturas sem imagens, um livro sem palavras, uma composição musical sem composição de fato, restando apenas o meio de expressão artística, tal como ele é. Desta forma ele tentou criar para sua plateia uma “Zona de Sensibilidade Pictórica Imaterial”.

Ao contrário de representar objetos de um modo subjetivo e artístico, Klein quis que seus temas fossem representados por suas impressões: a imagem de suas ausências.

O trabalho de Klein reporta-se intensamente não apenas a um contexto teórico e de história da arte, mas também metafísico e filosófico, e em seu trabalho ele visou combinar estes contextos. Ele tentou fazer sua audiência experimentar um estado em que uma ideia poderia ser simultaneamente “sentida” e “entendida”.

Segundo Kerry Brougher, curador da grande retrospectiva de 2010 “Yves Klein: *With the Void, full Powers*” (Yves Klein: Com o Vazio, Plenos Poderes) no *Hirshhorn Museum* em Washington: “Para Klein, a cor pura ofereceu uma maneira de usar a arte não apenas como forma de pintar um quadro, mas como uma maneira de criar uma experiência espiritual, quase alquímica, além do tempo, aproximando-se do imaterial”.

Figura 31 – IKB 191, 1962



Nota: Pigmento puro e resina sintética sobre gaze montada em painel. Dimensões: 73cm x 54cm. Localização: Museu de Arte Moderna, Nova Iorque, Estados Unidos.

Fonte: WIKIART. **International Klein Blue**. Disponível em: <<https://www.wikiart.org/pt/yves-klein/international-klein-blue>>. Acesso em: 20 out. 2023.

4.3.1 Reflexão

O “IKB 191” é uma das pinturas monocromáticas em que Yves Klein usou o IKB, um tom azul profundo, misturado pela primeira vez por ele. Trata-se de uma obra-chave do artista,

produzida em 1962, feita utilizando seu próprio tom de azul ultramarino. Faz parte de uma série de trabalhos em que ele usou sua cor característica, o IKB. É uma tela grande, sem título, totalmente revestida de IKB, tendo sua superfície lisa e uniforme.

Yves Klein desenvolveu essa cor no final dos anos 50, pois acreditava que o IKB representaria o infinito e o vazio. Usou desse instrumento para expressar suas ideias sobre a natureza espiritual e imaterial da arte.

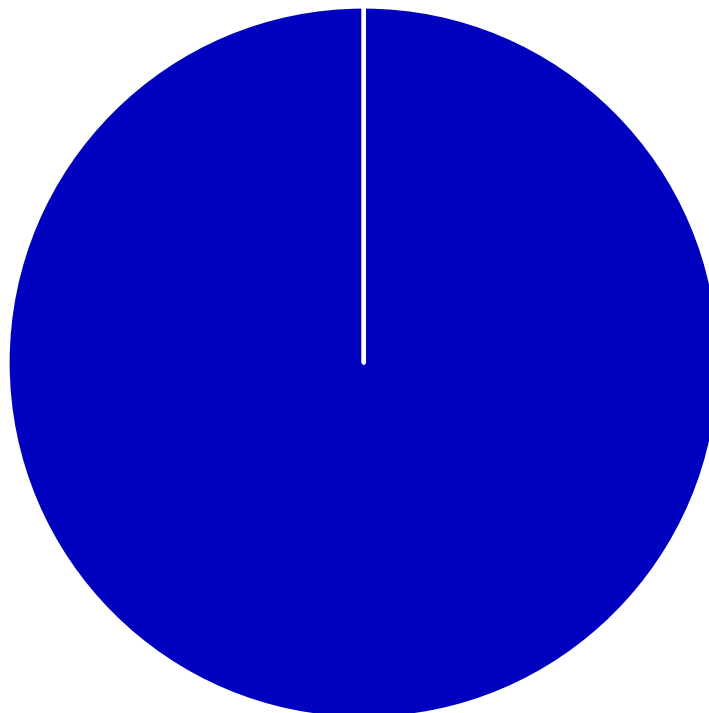
Conforme informado anteriormente, a fórmula que resultou na cor do IKB 191 foi patenteada, contudo, a cor em si, não. Dessa forma, a cor nunca foi produzida comercialmente.

Essa tonalidade provoca um impacto visual em razão de sua forte dependência do ultramarino, um pigmento azul profundo, originalmente obtido pela moagem de “*lápis-lazúli*” em pó, que é uma rocha metamórfica azul-escura, uma pedra semipreciosa, valorizada desde a antiguidade em razão de sua cor intensa.

É considerada uma das mais importantes obras de Klein, a qual convida os espectadores a contemplarem a profundidade e as qualidades espirituais da sombra. Essa obra e sua exploração da cor, tiveram um impacto duradouro no mundo da arte contemporânea.

Atualmente encontra-se exposta no Museu de Arte Moderna de Nova York.

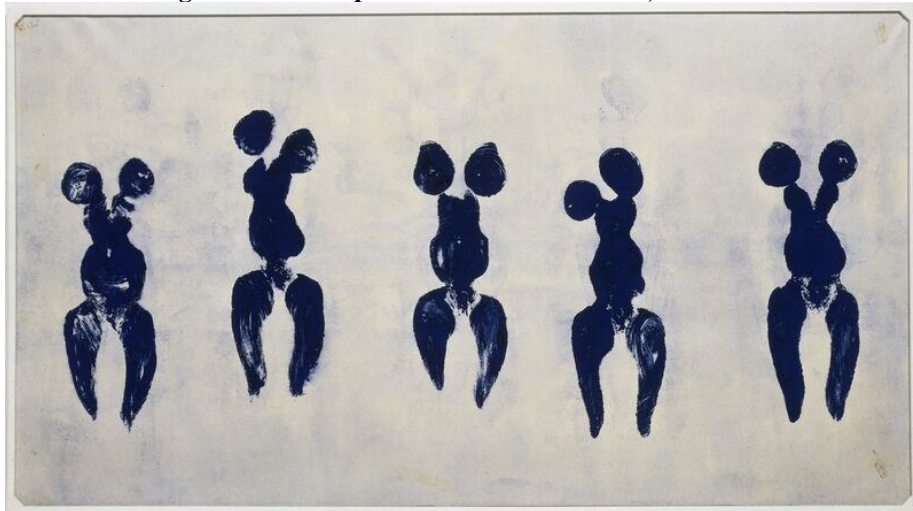
Figura 32 – Disco das Cores: IKB 191



■ Azul Klein

4.3.2 Galeria – Yves Klein

Figura 33 –Antropometria do Período Azul, 1960



Nota: Pigmento puro e resina sintética sobre papel aplicado sobre tela. Dimensões: 156,5cm x 282,5cm.

Fonte: ARTSY. Yves Klein: Antropometria do Período Azul (ANT 82), 1960. Disponível em: <<https://www.artsy.net/artwork/yves-klein-anthropometry-of-the-blue-period-ant-82>>. Acesso em: 20 out. 2022.

Em 1960, Yves Klein realizou sua famosa Antropometria, uma ação em que ele contratou algumas modelos que cobriram seus corpos com tinta azul e imprimiram-se em uma tela grande, esticada no chão.

Enquanto isso, uma orquestra tocava a “Sinfonia Monotônica” composta pelo próprio Yves Klein, e plateia assistia à performance. Ele usou mulheres como pincéis vivos, numa evidente objetivação dos corpos femininos nesta obra.

Proposta por um homem branco, gozando de um grande privilégio social e executada por mulheres expostas como objetos de desejo para a plateia, em sua maioria composta de homens que assistiam à performance, a postura sensualizada das modelos e as manifestações dos homens boquiabertos, configuram a ação como uma proposta sexista que parte de uma relação de poder hierarquizada.

Nem a beleza do azul, nem a sofisticação da orquestra, serviam para esconder a intencionalidade machista da proposta.

Figura 34 – Barbara (ANT 113), 1960



Nota: Pigmento seco e resina sintética sobre papel aplicado sobre tela. Dimensões: 200cm x 145cm.

Fonte: ARTNET. **Barbara (ANT 113), 1960. Leilão.** Disponível: <https://www.artnet.com/artists/yves-klein/barbara-ant-113-_dWQ4PA1Cny9wr9h8UVw7A2>. Acesso em: 23 jun. 2023.

Em 1960, Yves Klein estava em busca de novas abordagens para sua prática artística, introduzindo notavelmente as chamadas “antropometrias” em seu repertório. Estas obras foram desenhadas pelo uso do corpo feminino como instrumento pictórico, em uma representação simbólica de pincéis vivos. Este conjunto de criações artísticas evidenciou a convergência entre a expressão artística, a corporeidade e a espiritualidade, tendo como elemento distintivo a predominância da cor azul.

A obra de Klein buscava a exploração da dimensão espiritual, a busca pelo vazio e a imaterialidade dentro do contexto artístico, atribuindo-lhe um status de artista vanguardista.

O título da obra “Barbara”, faz referência à jovem modelo que colaborou com o artista, permitindo que seu corpo fosse utilizado como um instrumento para marcar a tela disposta no chão. Esta técnica inovadora desafiava as convenções artísticas da época, já que frequentemente utilizavam o corpo feminino como objeto de exploração e representação na arte.

Figura 35 – Cavalo, 1949



Nota: Aquarela sobre papel. Dimensões: 22,5cm x 27,2cm.

Fonte: WIKIART. Yves Klein. Disponível em <<https://www.wikiart.org/en/yves-klein/horse>>. Acesso em: 09 fev. 2024.

A partir de 1949, Yves Klein começa, na pintura, com seus monocromos. Essa obra, “O Cavalo”, pintada naquele ano, é uma das últimas em que o artista usa outras cores que não o azul.

Em 1955, fez a exibição individual no *Club des Solitaires*, exibindo monocromos nas cores laranja, amarelo, vermelho, rosa e azul. Como visto anteriormente, a reação do público não agradou o artista. Foi quando então, passou a concentrar-se em uma única cor primária: o azul.

A partir de 1956, seus trabalhos monocromáticos se fixaram, quase que totalmente em um matiz azul.

Figura 36 – Azul, 1960



Fonte: ARTSDOT.COM. **Azul**. Disponível em: <<https://pt.artsdot.com/@/8XZ7Q4-Yves-Klein-Azul>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

Yves Klein foi um artista de uma cor só: o azul. Em sua obra “Azul, 1960”, ele a explorou na sua plenitude.

O profundo do azul ultramarino mostra a superfície monocromática, que representa o vazio e a transcendência espiritual, pois o autor estava à época, muito envolvido com a espiritualidade e a filosofia. A obra mostra também, sua busca por algo que fosse além da materialidade, representando o auge de suas pesquisas com a cor.

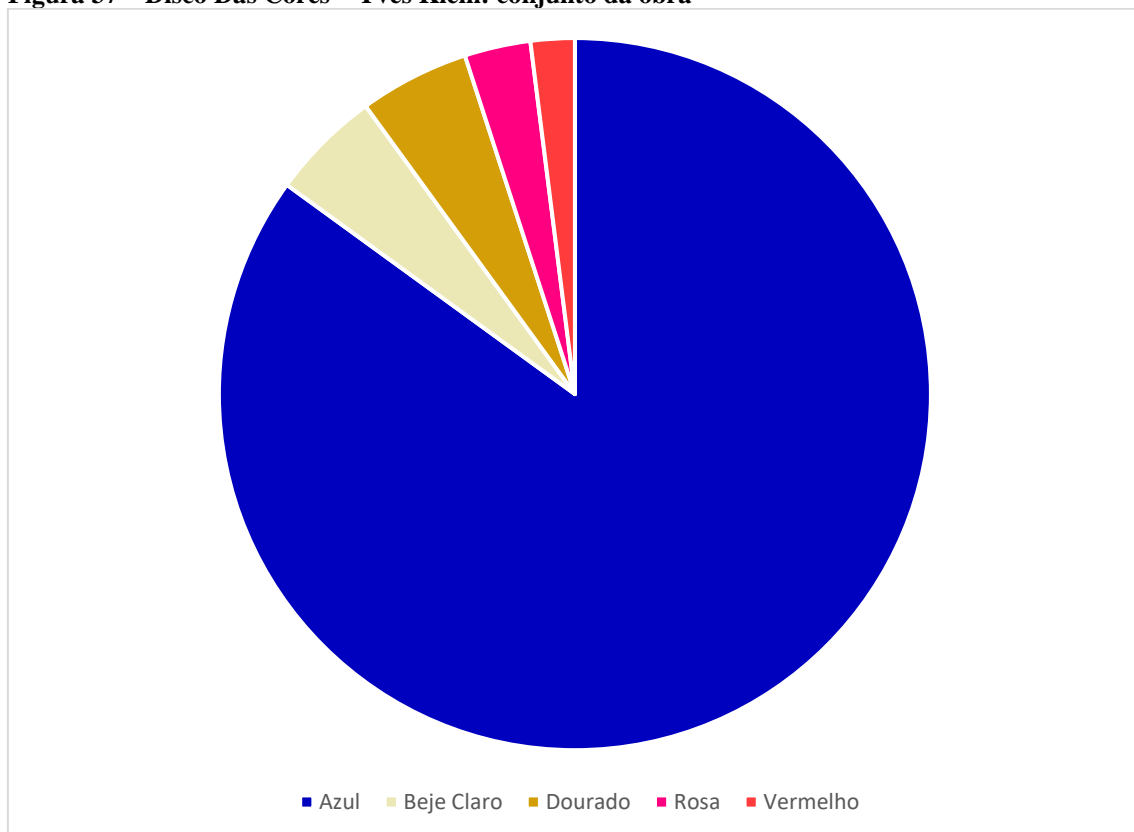
Yves Klein tinha convicção de que o seu azul IKB, uma cor vibrante e profunda, trazia consigo qualidades espirituais e imateriais.

Em “Azul, 1960”, Klein leva seu espectador a aprofundar sua reflexão. Fica evidente que o autor não só explorava a cor constantemente, como também manifestava seu desejo de ir além do físico, alcançando o espiritual através de sua arte.

4.3.3 Disco Das Cores – Yves Klein: conjunto da obra

O Disco das Cores do conjunto da obra de Yves Klein tem mais de oitenta por cento de sua área ocupada com a cor azul. Nem poderia ser diferente, para um artista que foi chamado de “artista de uma só cor”. Em 1962, produziu sua obra-chave: o “IKB 191”, uma de suas pinturas monocromáticas em que usou o IKB, esse tom azul profundo, conseguido por ele. Esse trabalho faz parte de uma série em que usou de sua cor característica, o IKB. Em sua vida artística, Yves Klein usou outras cores, mas em proporções muito menores.

Figura 37 – Disco Das Cores – Yves Klein: conjunto da obra



Fonte: Elaborado pelo autor.

4.4 A PREFERÊNCIA PELO ROXO/LILÁS DE IBERÊ CAMARGO

Figura 38 – Iberê Camargo



Fonte: IMBROISI, Margaret. Iberê Camargo. In: História das Artes, Caderno Prazer em Conhecer, publicado: 22 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/ibere-camargo/>>. Acesso em 15 dez. 2023.

IBERÊ BASSANI DE CAMARGO, nasceu em Restinga Seca (RS), em 18 de novembro de 1914 e faleceu em 09 de agosto de 1994, em Porto Alegre (RS).

Adolescente ainda, com 14 anos, foi estudar pintura na Escola de Artes e Ofícios de Santa Maria (RS), com Frederico Lobe e Salvador Parlagreco. Aos 22 anos, ingressou no curso de Arquitetura no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre (RS), ao mesmo tempo em que estudava pintura com João Fahrion (1898-1970), um pintor, ilustrador, desenhista, gravador, professor e poeta gaúcho. Concluiu o curso de Arquitetura em 1939.

Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1942 e, com bolsa de estudos concedida pelo governo do Rio Grande do Sul, frequentou por um curto período na Escola Nacional de Belas Artes.

Iberê não estando satisfeito com a proposta acadêmica da Escola, foi estudar com Alberto da Veiga Guignard (1896-1962), um pintor e professor. Logo em seguida, em 1943 fundou, com outros artistas, um Grupo em torno de Guignard, para que pudessem ter aula com ele de desenho e pintura, no Rio de Janeiro, capital do país.

Em 1947, Iberê recebeu como prêmio, uma viagem ao exterior, partindo para a Europa, em 1948, onde estudou artes em Roma e Paris. Retornou ao Brasil em 1950 e em 1952 tornou-se membro da Comissão Nacional de Artes Plásticas. Em 1953, fundou o curso de gravura do

Instituto Municipal de Belas Artes do Rio de Janeiro, hoje Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

Em 1954, junto com Djanira da Motta e Silva (1914-1979), pintora, desenhista, ilustradora e cenógrafa e Milton Dacosta (1915-1988), pintor, desenhista, gravador e ilustrador, Iberê participa da organização do Salão Preto e Branco. No ano seguinte – 1955, participa do Salão Miniatura, ambos realizado em protesto às altas taxas de importação de material artístico.

Entre os anos de 1960 e 1965, promoveu curso livre de pintura em duas temporadas, no Theatro São Pedro, em Porto Alegre. Em 1961 foi escolhido o melhor pintor brasileiro, na 4ª Bienal, salas especiais de pinturas.

Em 1962, pintou por encomenda da Companhia de Navegação Costeira, dois grandes painéis para os navios Princesa Isabel e Princesa Leopoldina. Em 1966, executou um painel de 49 m² oferecido pelo Brasil para figurar na sede da Organização Mundial de Saúde (OMS), em Genebra na Suíça.

A partir de 1970, começou a lecionar na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Um episódio em sua vida, entretanto, o marcou profundamente, influenciando inclusive em sua obra: em 1980, Iberê matou a tiros um homem que o agrediu na rua, tendo sido, porém, absolvido sob o argumento de legítima defesa.

Em 1986, recebeu o título de *Doctor Honoris Causa* da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM.

Entre suas publicações, constam o artigo “Tratado sobre Gravura em Metal”, em 1964, o livro “A Gravura”, em 1992, e em 1988, o livro de contos “No Andar do Tempo” (obra composta por nove contos e um esboço autobiográfico). Sobre última obra (No andar do tempo), o artista Nuno Ramos observou que o livro “confirma o que já parecia óbvio a quem percorresse distraidamente as obras de Iberê Camargo: alguma coisa próxima à literatura sempre esteve lá”.

No livro, Iberê Camargo diz:

Tenho uma visão pessimista do Brasil, quase apocalíptica do mundo. Nossa independência não foi ainda alcançada. Discute-se a mudança do maquinista, não o rumo do trem. E só este importa. Com a filosofia “eu gosto de levar vantagem em tudo” não se constrói uma sociedade justa e feliz.

Vivemos vinte anos de prepotência, de mata e enforca. Nunca tanto poder em mãos de tão poucos. Poder que não salvou as nossas águas, que não salvou os nossos peixes, que não salvou as nossas florestas, que não salvou a nossa fauna, que não salvou a nossa flora, que não salvou as nossas riquezas do subsolo, que não salvou o homem brasileiro. Sinistro poder que só nos fez mal! Vejo o mundo ameaçado pela insanidade. ... É preciso criar no Brasil uma consciência ecológica. Talvez um partido.”¹²

Sua marca, na quase totalidade de sua produção pictórica será a de uma obra em que elementos da memória autobiográfica e afetiva estão quase sempre presentes. Desde as paisagens impressionistas e/ou expressionistas dos anos 1940, passando pelas “Séries dos carretéis” (1950-1970) — uma abstração ainda expressionista, alcançou, a partir de 1980, a grande fase das figuras solitárias com ou sem suas bicicletas.

Os críticos dividem a obra de Iberê em três fases: 1) as paisagens e retratos do começo; 2) os carretéis e seus desdobramentos abstracionistas; e 3) os ciclistas e as figuras solitárias — séries “Ciclista” e “Tudo te é falso e inútil” (1992-1994) —, além de pinturas como “As idiotas” (1991) e “Crepúsculo na boca do monte” (1991).

É importante observar que um dos grandes méritos de Iberê foi a sua “não adesão”, ao longo de sua formação, aos movimentos pós-modernos e seus desdobramentos concretos, neoconcretos e construtivistas, o que lhe permitiu, na década de 1980, já na sua maturidade, estar próximo à pintura das novas gerações e, além disso, servir como referência aos artistas mais novos.

A partir de 1958, acentuou-se na obra de Iberê uma tendência ao escurecimento de sua paleta. Com uma hérnia de disco, foi obrigado a pintar apenas em seu ateliê, deixando as cores das paisagens e fixando-se em objetos ou em naturezas-mortas. Nesses quadros, predominam o roxo, violeta e azul escuro.

¹² CAMARGO, Iberê. *No Andar do Tempo*. São Paulo: L&PM Editores, 1988, p. 99-100.

Figura 39 – As idiotas, 1991



Nota: Óleo sobre tela. Dimensões: 200cm x 250cm. Localização: Acervo Fundação Iberê, Porto Alegre (RS)
Fonte: GOOGLE ARTS & CULTURE. **As idiotas**. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/as-idiotas-the-idiotas-iber%C3%AA-camargo/EQHAp6jiGwYGfw?hl=pt-br>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

4.4.1 Reflexão

Neste momento de reflexão, recorre-se ao crítico de arte Ronaldo Brito, que analisou brilhantemente a obra de Iberê Camargo:

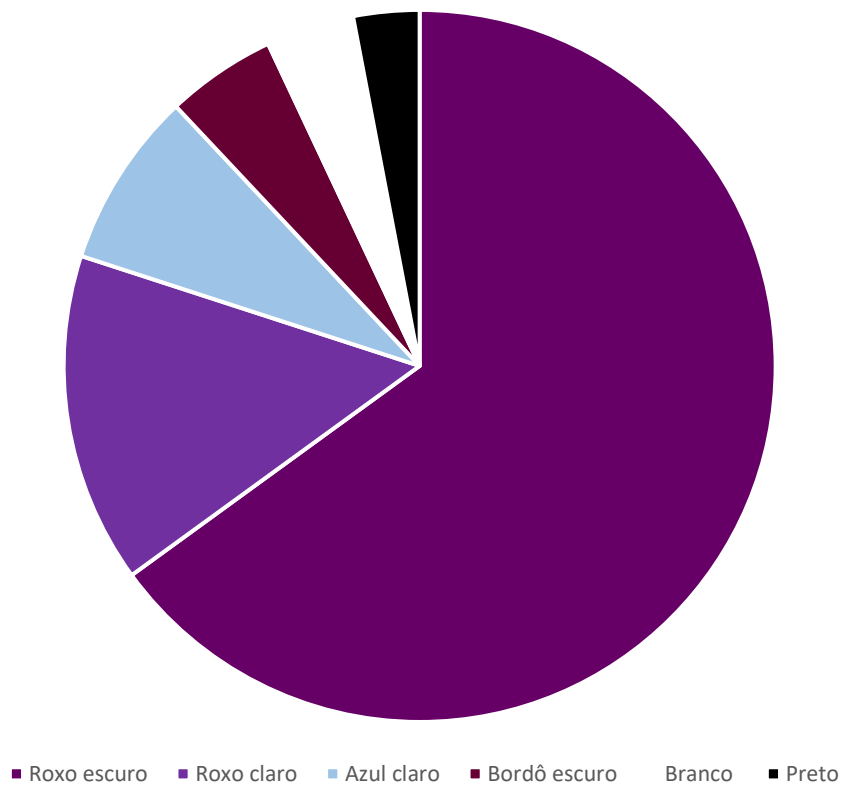
A principal virtude da crítica, frente a telas tão impressionantes, talvez seja saber calar-se. E só consentir palavras prementes, inevitáveis, que tenham o poder de transmitir a perplexidade duradoura que essas pinturas imprimem em nossa percepção. De fato, não pedem contemplação e sim convívio espiritual. Tudo nelas — desde a escala formidável até a sabedoria trágica de sua visão retrospectiva — exhibe uma densidade e uma intensidade existenciais que não se colocam à disposição do olhar. O pensamento visual promove aqui, a contracorrente, a vontade de permanência do singular: resistindo à deliquescência e à desqualificação generalizadas das aparências, típicas de nosso cotidiano, tais obras destinam-se a ficar.

Mas é um estranho espetáculo, talvez uma espécie fascinante de contra-espetáculo, o que finalmente apresentam. Trazem à luz o fluxo do tempo e sua capacidade aterradora de dispersar e dizimar. E, no entanto, todo o terrível que surge, surge com um brilho, uma atualidade, fruto da determinação de um Eu lírico empenhado nada menos do que em redimir a vacuidade, a própria futilidade da vida.

Inspirado por uma ética da autossuperação, comum aos expressionismos no sentido lato, a poética de Iberê Camargo seria uma declaração enfática em favor da potencialização constante da vida. O real será movimento, esforço e ânsia de realização, ou será apenas uma vã esperança, ilusão medíocre de coerência e harmonia. A prática da pintura, no contexto da modernidade tardia, consiste no discreto exercício heroico de renovar a dinâmica plástica da vida: atentar, acreditar naquilo que vemos, senti-lo plenamente, eis o que se torna mais e mais difícil no receptivo Império da Imagem. [...]

Não há, pois, como decidir se contemplamos o olhar opaco da idiotia absoluta ou a fisionomia compreensiva, ironicamente implacável, da lucidez integral. Nem há garantias que o dilema seja crucial para a experiência estética dessas obras. Existe, sim, quero crer, um fato inegável: ao evidenciar com semelhante grau de virtuosismo a miséria, a demência do presente, essas telas tratam, na medida de seu alcance, de salvá-lo. E o que viéssemos a especular não passaria provavelmente de uma antecipação ociosa e pretensiosa. Todos os que se disponham a enfrentá-las terão com certeza que encontrar as suas próprias palavras para não conseguir defini-las. (BRITO, 1994, p. 87-93)

Figura 40 – Disco das Cores: As idiotas, 1991



Fonte: Elaborado pelo autor.

4.4.2 Galeria – Iberê Camargo

Figura 41 – Mulher e Manequim, 1991



Nota: Óleo sobre tela. Dimensões: 40cm x 57cm. Localização: Acervo Fundação Iberê, Porto Alegre (RS).
 Fonte: FUNDAÇÃO IBERÊ. **Mulher e manequim, 1991**. Disponível <<http://iberecamargo.org.br/obra/p186/>>.

Algumas obras de Iberê Camargo como essa – “*Mulher e Manequim*” de 1991, apresentam proporções menores, se comparadas com os diversos desenhos das “*Idiotas*”.

“... Os tons violáceos que cobrem corpos quase atrofiados remetem às cores da morte, os terrosos à própria terra que os acolherá, os céus avermelhados à luz do ocaso; todas essas referências, como convenções, se fazem conhecidas e, ao estarem entrecruzadas, podem remeter ao momento extremo da vida e à solidão que lhe é inerente, um dado essencial na obra do artista”.¹³

Figura 42– Iberê, 1987



Nota: Óleo sobre tela. Dimensões: 78cm x 55cm. Localização: Acervo Fundação Iberê, Porto Alegre (RS).
Fonte: FUNDAÇÃO IBERÊ. **Iberê, 1987.** <<http://iberecamargo.org.br/obra/p188/>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

Fala de Iberê:

Como modelo me transmuta em forma. Sou, então, pintura. Ao me retratar, gravo minha imagem no vão desejo de permanecer, de fugir ao tempo que apaga os rastros. O autorretrato é uma introspecção, um olhar sobre si mesmo. É ainda interrogação, cuja resposta é também pergunta. Essa imagem que o pintor colhe na face do espelho, ou na superfície tranquila da água, – penso no Narciso de Caravaggio – revela como ele se vê e como olha o mundo. [...]

O autorretrato é ainda o encontro do pintor consigo mesmo. [...] Não tenho presente quantos autorretratos pinteí. Se retratar-se revela narcisismo, todos os pintores o são. Na sucessão de minha imagem no tempo, ela se deteriora como tudo que é vivo e flui. [...]"¹⁴

¹³ ZIELINSKY, Mônica. A inquietude da arte. In: ZIELINSKY, Mônica; DUARTE, Paulo Sergio; SALZSTEIN, Sônia. **Moderno no limite**. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2008. p. 26-28.

¹⁴ LAGNADO, Lisette. *Conversações com Iberê Camargo*. São Paulo: Iluminuras, 1994. p. 31-32. (Fala de Iberê Camargo).

Figura 43 – Contraste, 1982

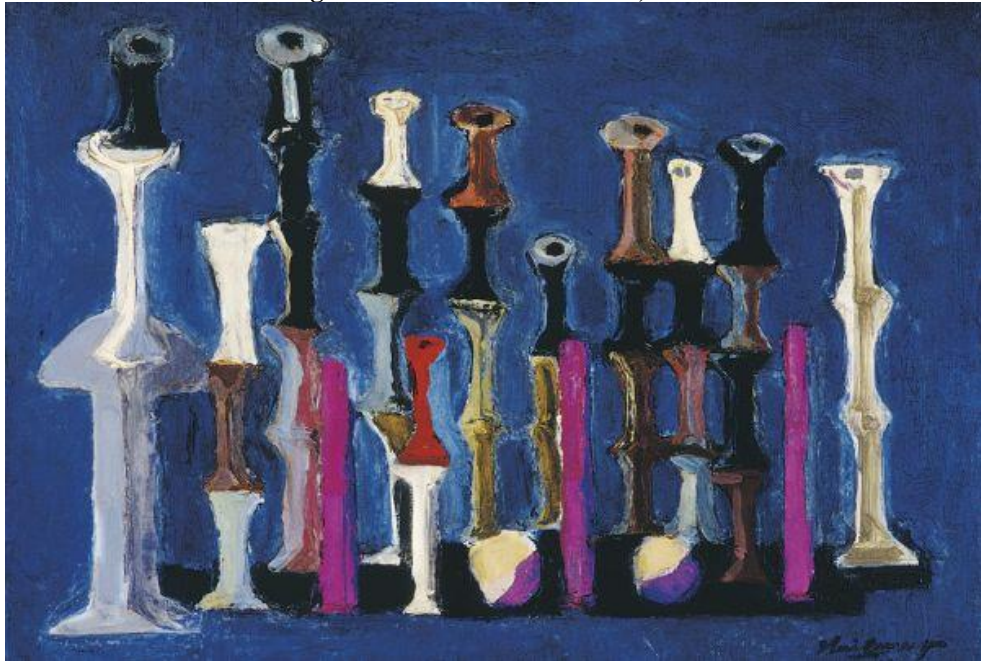


Nota: Óleo sobre madeira. Dimensões: 25cm x 34,5cm. Localização: Acervo Fundação Iberê, Porto Alegre (RS).
 Fonte: VEJA RIO. Iberê Camargo, **Exposições**, 15 set. 2015. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/wp-content/uploads/2016/12/contraste-1982-foto-romulo-fialdini-trat-sula.jpeg?quality=70&strip=info&w=856&w=636>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

Ao longo dos muitos anos durante os quais Iberê explorará esse tema [do carretel], a materialidade da pintura ganhará cada vez mais importância, fazendo da forma do objeto um elemento cada vez menos decisivo. O próprio título das obras muda, e a palavra ‘carretel’ é substituída por ‘brinquedo’, ‘figura’, ‘contraste’, ‘símbolos’ ou, ainda, ‘signos’. Desde então, o olho retém primeiramente a presença sensível da cor que praticamente adquire volume, como uma massa resplandecendo da própria matéria, profunda e sensual. É sobre esta matéria, que se torna matéria-prima, que o desenho vem então se superpor. Neste corpo a corpo com a cor, o traço do pincel torna-se cada vez mais visível, atestando a força dinâmica do gesto. Assim, abre-se um capítulo novo na pintura de Iberê que se libera pouco a pouco dos limites dos objetos para dar maior importância ao impulso do próprio gesto de pintar. Essa evolução para uma pintura por vezes fortemente gestual conduzirá Iberê às fronteiras da abstração através da exploração de formas muito simples como aquela do dado. [...]”¹⁵

¹⁵ LEENHARDT, Jacques. *Iberê Camargo: os meandros da memória*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2010, p. 32.

Figura 44 – Infância. Carretéis, 1958



Nota: Óleo sobre tela. Dimensões 65cm x 92cm. Localização: Coleção Alice Soares de Souza, Rio de Janeiro (RJ).
 Fonte: ALZUGARAY, Paula. Reflexos de Iberê. *Isto É*, São Paulo, 28 nov. 2014. Disponível em: https://istoe.com.br/394484_REFLEXOS+DE+IBERE/. Acesso: 23 jun. 2023.

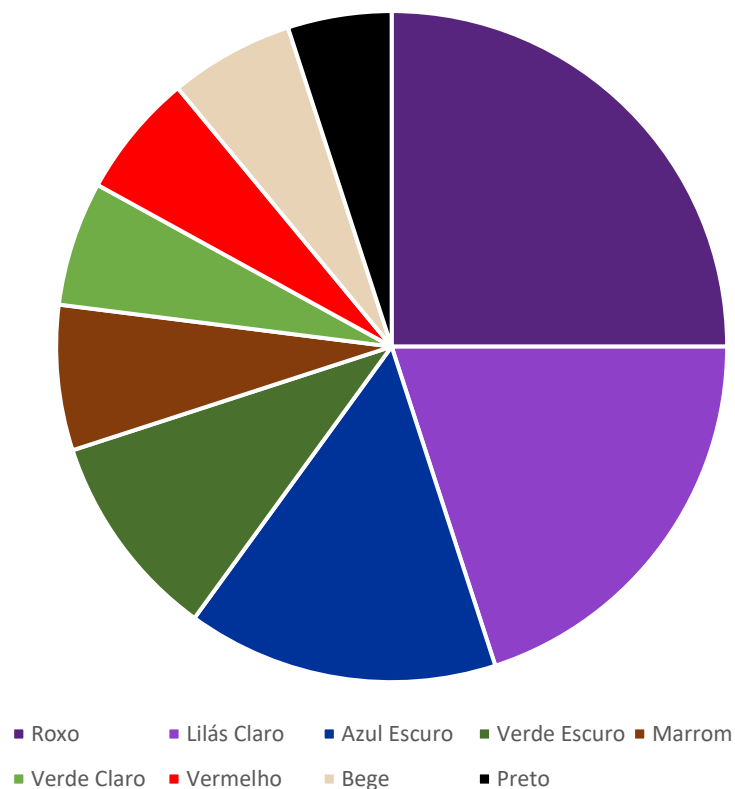
Iberê Camargo em sua carreira deu destaque a um objeto extremamente simples: o carretel de linha. Foi o tema mais recorrente em sua obra, o que permitiu aos críticos que tentaram interpretá-lo, calorosos debates. Seus primeiros “Carretéis” surgem em trabalhos no gênero da natureza-morta. São pintados sobre mesas, estáticos.

Mais adiante, Iberê abandona a perspectiva e coloca os carretéis cada vez mais alinhados com a superfície da tela. Embora o consenso entre os críticos seja de que o carretel foi um marco de sua maturidade artística, (Iberê trabalhou com o tema de maneira obsessiva por décadas, e isso teria feito com que alcançasse uma obra autônoma) há aqueles que preferem ver sua obra como um expressionista, o ser solitário e sobrecarregado pela dor da vida, e seus carretéis como metáforas para a perda da inocência.

4.4.3 Disco Das Cores –Iberê Camargo: conjunto da obra

A paleta de Iberê Camargo ganhou uma forte tendência ao seu escurecimento a partir de 1958. Acamado por uma hérnia de disco, não podia pintar paisagens e vistas externas e então, teve que pintar apenas dentro de seu ateliê, fixando-se em objetos ou em naturezas-mortas. Ao se observar suas obras a partir de então, percebe-se que predominam nelas o roxo, o violeta e o azul escuro.

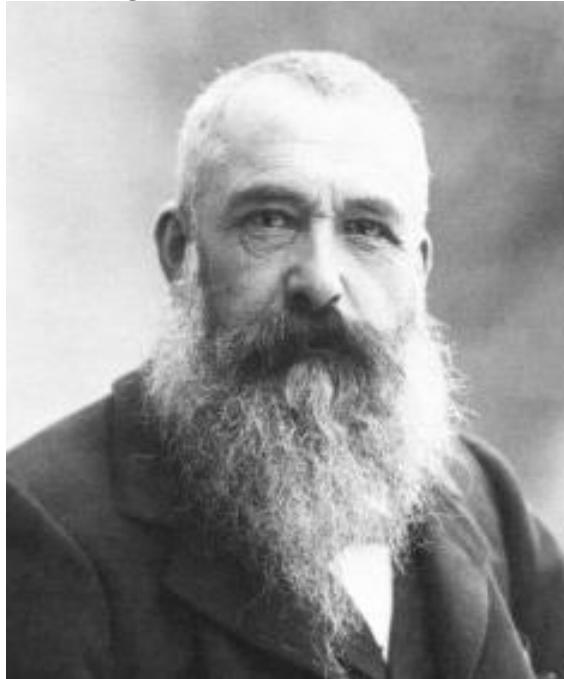
Figura 45 – Disco Das Cores – Iberê Camargo: conjunto da obra



Fonte: Elaborado pelo autor.

4.5 O VERDE NA PALETA DE CLAUDE MONET

Figura 46 – Oscar-Claude Monet



Nota: Fotografia de Félix Nadar, 1899.

Fonte: MIGALHAS. **Bau do Migalheiro**: em 14 de novembro de 1840, nasceu Oscar-Claude Monet. Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/pilulas/396896/bau-migalheiro>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

Meu jardim é minha obra-prima mais bela.
Claude Monet

OSCAR-CLAUDE MONET nasceu em 14 de novembro de 1840 em Paris, França e faleceu em 05 de dezembro de 1926, em Giverny, França.

É considerado o mais célebre do movimento Impressionista. O Impressionismo surge na pintura francesa, no século XIX. Os impressionistas deixaram de se preocupar com os preceitos do até então Realismo, da Academia ou mesmo em obterem um retrato fiel da realidade.

Interessante observar que o termo “impressionismo” surgiu na pintura francesa do século XIX, a partir de uma crítica a um dos seus primeiros quadros: “Impressão, nascer do sol”.

Monet sempre foi arrojado, atrevido, apaixonado, trabalhador incansável, amante da boa vida, aglutinador de talentos. Seus oitenta e seis anos de existência foram vividos com uma intensidade tal que parece ter vivido muitas vidas numa só¹⁶. Como os demais jovens pintores, passou por dificuldades econômicas, porém, mais tarde, pode desfrutar da riqueza pela sua

¹⁶ FOLHA DE S. PAULO (Org.). Claude Monet. Barueri: Editorial Sol, 2007, p. 90.

consagração como artista, bem como receber as mais altas honrarias cívicas da época em seu país.

No início de sua carreira, sofreu desdém e incompreensão, todavia gozou do máximo reconhecimento em vida. Monet desenvolveu certa paixão pela caricatura, mas quando voltou à Paris, em 1862, conheceu o pintor suíço Charles Gleyre e trabalhou com Alfred Sisley, Auguste Renoir e Frédéric Bazille, que se tornaram seus amigos.

Outro mestre, Eugène Boudin, também se tornou seu amigo. Dava-lhe orientação técnica e o incentivava. Não era raro ouvi-lo dizer: “Seu trabalho é muito bom para um principiante, mas você logo se cansará dele” ou “Estude, aprenda a ver e a pintar, a desenhar e a produzir paisagens”.¹⁷

Monet, porém, continuava desenhando caricaturas, até que finalmente acabou aceitando o conselho de Boudin e começou a pintar. A partir de então, Monet começou a considerar a cor como o mais importante elemento da pintura.

Disse certa vez: “Compreendi de fato a natureza e também aprendi a amá-la”. Para Monet a natureza e as cores estavam sempre em sintonia.

Alguns anos mais tarde, em 1872, parte daquilo que seria o “grupo dos impressionistas” – Monet, Manet e Renoir, se uniu em Argenteuil – França, surgindo daí a primeira tela desse movimento artístico: “*Impression, Soleil levant*” (Impressão, Nascer do Sol) que, como visto, deu nome ao movimento.

A pintura nasceu em *Le Havre*, porto francês na Normandia, representado na obra, com uma cerrada névoa sobre o estaleiro, os barcos e as chaminés no fundo. Está exposta no Museu Marmottan, em Paris.

Essa técnica impressionista traz sensações não antes experimentadas pelo expectador. As suaves e vibrantes pinceladas traz a impressão de que o público está imerso na obra e diante da superfície reflexiva do mar.

Em 1883, Monet mudou-se para Giverny, uma região que fica na Alta Normandia, na França e ali se sentiu num “porto de paz”! Sete anos mais tarde, comprou a casa em que havia morado naquela cidade e seus jardins o inspiraram a criar suas obras, quase todas voltadas para o verde!

Sua pintura, provavelmente a mais famosa, é a “Ponte Sobre uma Lagoa de Lírios de Água” – (fig. 47), óleo sobre tela, pintada em 1893, e que faz parte de uma série, foi inspirada numa lagoa que existia em sua propriedade, cujas águas provinham de um rio afluente do Sena.

¹⁷ OS IMPRESSIONISTAS. Claude Monet. São Paulo: Editora Globo S.A, 1991.

A ponte sobre a lagoa foi instalada pelo próprio Monet, assim que se mudou para lá. A série referida acima é composta de dezoito “óleo sobre tela”, variando apenas o ângulo de observação sobre a lagoa. Doze dessas obras receberam títulos parecidos, todas com grande ênfase nas cores verde claro e verde escuro.

Essas pinturas mostram uma sensação de tranquilidade e sossego, deixando clara a harmonia e plenitude da natureza.

Sobre essas obras, certa vez Monet disse: “Uma paisagem não fica sob a sua pele em um dia. E então, de repente, tive a revelação de quão encantadora minha lagoa era. Eu peguei minha paleta. Desde então, eu quase não tive nenhum outro assunto”.

O jardim de Giverny foi a realização de seu sonho, pois ali criou, desenhou e pintou, imortalizando sua arte.

Giverny, Paris, Le Havre, Argenteuil, Vétheuil e muitas outras, foram paisagens onde Monet desenvolveu sua vida e obra. É impossível compreender uma sem a outra, pois a cada mudança de domicílio era um motivo de busca de novos temas para suas pinturas.

Pode-se afirmar com segurança que Monet é o pintor da luz, da água, mas sobretudo do “instante”. Confessou certa vez ao seu negociante mais fiel, Durand-Ruel, que trabalhou muito para conseguir o que procurava: a instantaneidade.

Monet foi um dos pintores que mais contribuiu para libertar a pintura do modelo criado pela Escola de Belas Artes. Criou o seu universo de cores, em busca de contrastes, que seu olhar captava através da luz. A cada repetição, acrescentava um novo efeito à sua pintura, no entrosamento perfeito entre a luz e as cores.

A pintura de Monet se caracteriza por seu vivo interesse na cor e natureza. Suas obras retratam o mesmo tema, porém pintado em diferentes momentos e condições climáticas do dia.

O que caracteriza sua obra é o seu compromisso com o impressionismo e suas premissas básicas, destacando-se o foco nas pinceladas, na textura e na luz.

As obras de Monet, por terem sido pintadas quase sempre ao ar livre, na natureza, sua cor predominante foi o verde em todos os seus tons. A natureza está presente em suas obras, principalmente as últimas, quando realizou seu sonho nos jardins de Giverny.

Figura 47 – Ponte Sobre Uma Lagoa Azul de Lírios de Água, 1899



Nota: Óleo sobre tela. Dimensões: 92,7cm x 73,7cm. Localização: Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, Estados Unidos.

Fonte: CLAUDE MONET.COM. **The Japanese bridge the water lily pond**, 1899. Disponível em: <[https://www.claude-monet.com/complete-works-5.jsp#prettyPhoto\[paintings\]/54/](https://www.claude-monet.com/complete-works-5.jsp#prettyPhoto[paintings]/54/)>. Acesso em: 23 jun. 2023

4.5.1 Reflexão

A Ponte sobre uma Lagoa de Lírios d'Água (1899) é provavelmente, a mais famosa do artista, entretanto existem outras 18 pinturas relacionadas com a vista, sendo que 12 delas contam com o mesmo título.

Retratam a lagoa com a romântica ponte de madeira em estilo japonês, instalada nos jardins pelo próprio Monet em sua propriedade em Giverny, que havia comprado seis anos antes, realizando um desejo antigo.

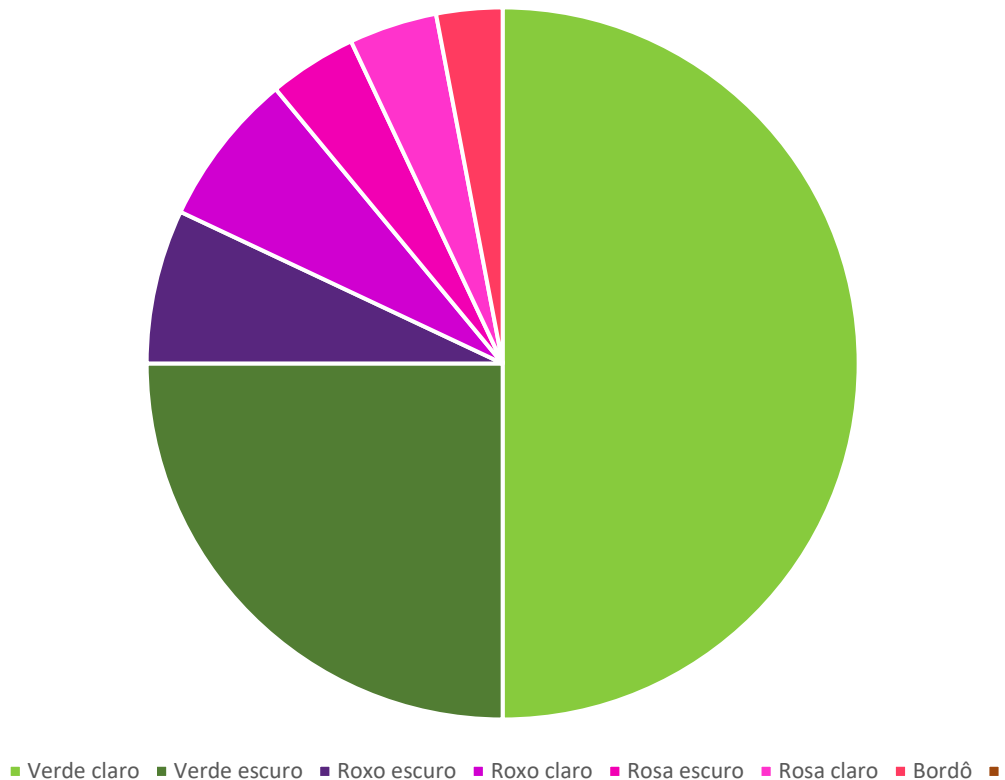
Esses jardins, constituídos por plantas aquáticas e exóticas que importou do Japão, o levaram a pintar uma série de obras chamadas Ninfeias ou Nenúfares, designação comum que se dá às plantas aquáticas, cultivadas em recipientes de água, devido às suas largas folhas

flutuantes e às suas flores de pétalas brancas, amarelas ou vermelhas, que se sobrepunham ao verde claro e escuro, paisagem de fundo da maioria de suas telas.

Monet pintava ao ar livre, na natureza e por essa razão, em suas telas predominam os tons de verde. Nos seus últimos trinta anos, os jardins e o lago de sua casa lhe serviram de inspiração para suas obras.

Esta é a única da série em que Monet fez na vertical e, atualmente, encontra-se no acervo do Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque.

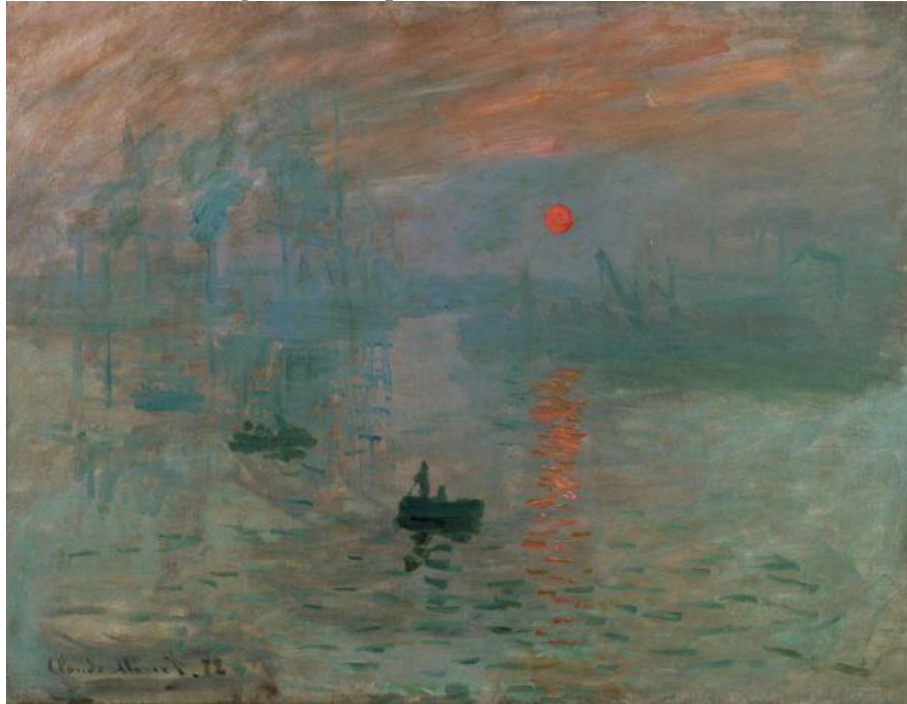
Figura 48 – Disco das Cores: Ponte Sobre Uma Lagoa Azul de Lírios de Água, 1899



Fonte: Elaborado pelo autor.

4.5.2 Galeria – Claude Monet

Figura 49 – Impressão, Nascer do Sol, 1872



Nota: Óleo sobre tela. Dimensões: 48cm x 63cm. Localização: Acervo do Museu Marmottan Monet, em Paris, França.

Fonte: SABIONI, Amanda. Obras de Claude Monet. **Info Escola**, 28 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/artes/obras-de-claude-monet/>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

O termo “Impressionismo” surgiu na pintura francesa do século XIX, a partir de uma crítica a essa obra: “Impressão, nascer do sol”, pelo fato de trazer sensações nunca experimentadas pelo expectador.

Figura 50 – Lírios D'Água, 1916



Notas: Óleo sobre tela. Dimensões: 200,5cm x 201cm. Localização: Museu Nacional de Arte Ocidental, Tóquio, Japão.

Fonte: CLAUDE MONET.COM. **Water Lilies 40**. Disponível em: <[https://www.claude-monet.com/complete-works-7.jsp#prettyPhoto\[paintings\]/5/](https://www.claude-monet.com/complete-works-7.jsp#prettyPhoto[paintings]/5/)>. Acesso em: 23 jun. 2023.

Pintura que retrata uma cena no lago de Monet, mostrando a luz refletida na água, com nenúfares na superfície.

Figura 51 – Litoral em Trouville, 1881



Nota: Óleo sobre tela. Dimensões: 60,7cm x 81,3cm. Localização: Museum of Fine Arts Boston, Estados Unidos. Fonte: CLAUDE MONET GALLERY. **Claude Monet On The Coast At Trouville Oil Painting Reproduction**. Disponível em: <<https://www.claudemonetgallery.org/On-The-Coast-At-Trouville.html>> Acesso em: 23 jun. 2023.

Uma árvore deformada pelos ventos é o motivo desta pintura de Monet. A linha do horizonte ao fundo é apagada em uma névoa de pinceladas azuis, o que não dá a sensação de recuo na distância. A forma da árvore domina a obra, mas ela em si é quase efêmera, pois mal se enraíza no solo. Essa pintura de Monet é mais um exercício de modelagem do que uma descrição naturalista do local.

Figura 52 – Bancos do Sena, Vetheuil, 1880



Nota: Óleo sobre tela. Dimensões: 100,5cm x 73,4. Localização: National Gallery of Art, Washington, Estados Unidos.

Fonte: MEISTERDRUCKE. **Bancos do Sena, Vetheuil, 1880**. Disponível em: <<https://www.meisterdrucke.pt/kunstwerke/1200w/Claude%20Monet%20-%20Bancos%20of%20the%20Seine%20Vetheuil%201880%20-%20-%20%28MeisterDrucke-138574%29.jpg>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

Essa obra de Claude Monet, “Bancos do Sena, *Vetheuil*, 1880” nos evidencia como o artista era hábil em captar a luz do sol e a atmosfera em suas obras. Em 1880, final do século XIX, houve considerável mudança na história da arte. O Impressionismo estava em ascensão, e desafiava o conceito de arte tradicional.

Nessa época, Monet já era considerado um mestre impressionista e já recebia o reconhecimento financeiro de suas obras, embora no início de sua carreira tenha enfrentado sérios problemas financeiros. Por outro lado, Monet passava por problemas familiares, pois no ano anterior havia falecido a sua esposa Camile, o que lhe trouxe dificuldades emocionais.

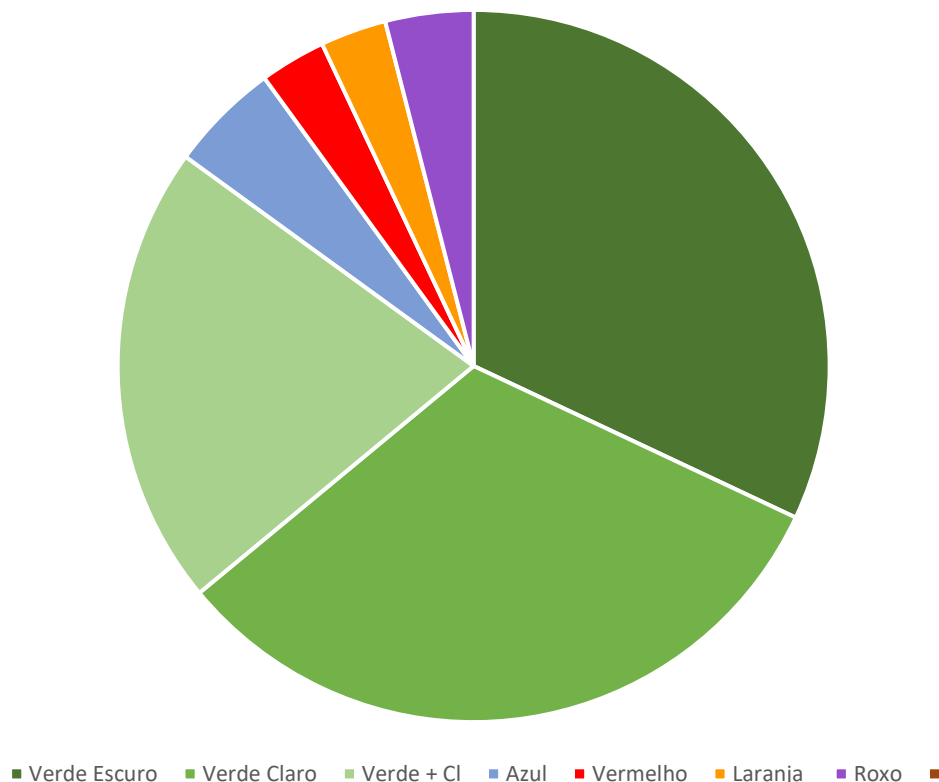
A obra retrata o Rio Sena na cidade de *Vetheuil*, onde ele residia. São pinceladas que trazem as cores vibrantes e que capturam a luz e o reflexo da água de forma extraordinária, o

que dá à obra a impressão de tranquilidade e calma. Nota-se que Monet quis manifestar, com a calma e tranquilidade das águas, a sua condição emocional, após a perda da esposa.

4.5.3 Disco das Cores – Claude Monet: conjunto da obra

No Disco das Cores de Claude Monet a grande predominância é do verde: verde escuro, verde claro e verde mais claro. Monet pintou nos jardins de sua casa em Giverny, grande parte de suas obras. Evidentemente predominam nelas o verde, cor em que o artista trabalhava de forma excepcional. Por ter sua obra voltada à natureza, Monet mostra ao expectador também outras cores da natureza, o azul, o vermelho, o laranja e o roxo, porém, em proporções muito menores do que seus tons de verde.

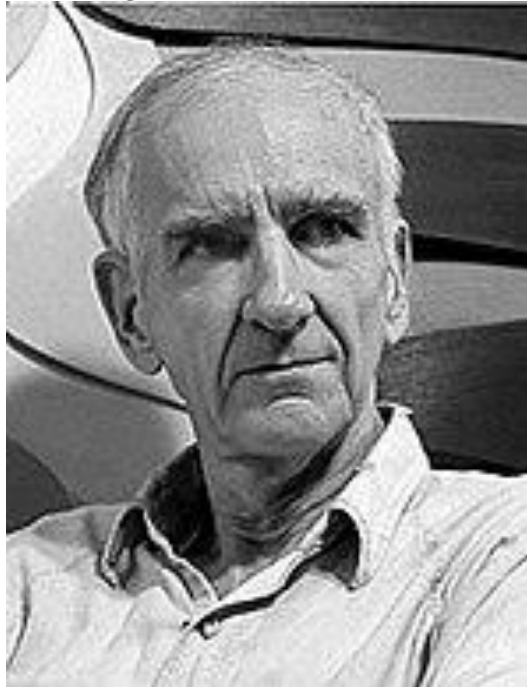
Figura 53 — Disco das Cores – Claude Monet: conjunto da obra



Fonte: Elaborado pelo autor.

4.6 A COR LARANJA DE TOM WESSELMANN

Figura 54 – Tom Wesselmann



Fonte: WIKIART. **Tom Wesselmann**. Disponível em: <<https://www.wikiart.org/pt/tom-wesselmann>>. Acesso em: 20 out. 2023.

THOMAS K. WESSELMANN, conhecido como TOM WESSELMANN, foi artista norte-americano que nasceu em 23 de fevereiro 1931, em Cincinnati, Ohio, e faleceu em Nova York, em 17 de dezembro 2004. Pertenceu aos movimentos *Pop Art* e Arte Moderna. Trabalhou com pintura, colagem, desenho e escultura. Suas obras exploravam temas da cultura popular, usava cores vivas e vibrantes, com prevalência da cor laranja.

Foi um mestre na combinação de cores. Utilizava, predominantemente a cor laranja de forma ousada e impactante nas suas pinturas. Incorporava o laranja em extensas áreas de seus quadros. Fazia isso com detalhes sutis, o que criava um contraste em suas composições.

Quando se estuda as cores, observa-se que a cor laranja é uma cor quente, energética e por isso chamava a atenção do espectador, mostrando vibração e intensidade às suas obras.

Os primeiros estudos de Tom Wesselmann foram no Hiram College em Ohio. Em 1951, inscreveu-se na *University of Cincinnati*, onde se formou em Psicologia. É também diplomado em belas artes pela *Cooper Union School* em Nova York.

Em 1952, foi chamado para o exército em razão dos Estados Unidos estarem envolvidos na Guerra da Coreia, tempo em que se dedicou a desenhos animados, que eram sátiras à vida

militar. Ainda no exército, Wesselmann casou-se com Dot Irish. Terminado o serviço militar voltou para a Universidade de Cincinnati, tendo concluído o curso de Psicologia em 1956.

Wesselmann estudou também na Academia das Belas Artes de Cincinnati, período em que desenhava histórias em quadrinhos, as quais vendia à diversos jornais. Influenciado por um de seus professores de desenho, inscreveu-se na *Cooper Union School* de Nova Iorque.

Segundo ele próprio, o artista que mais o influenciou foi Willem de Kooning (1904-1997), um pintor, escultor e desenhista neerlandês, naturalizado estadunidense. Nome importante do expressionismo abstrato.

No final dos anos 1950, Wesselmann começa a explorar a técnica de colagem, utilizando papel e brochuras publicitárias, obras que se constituem uma das primeiras expressões do mundo publicitário e que mais tarde, viria a ser muito utilizada pelos artistas “pop” norte-americanos.

No início dos anos 1960, inicia uma série que o definiria como um dos perfis mais interessantes da cena “pop”. Seus primeiros nus datam de 1959 e foram feitos com a técnica de colagem.

Utilizando cores intensas, como Matisse, mas usando uma paleta restrita, limitada as vezes a duas cores, Wesselmann representou suas primeiras figuras femininas com uma vocação quase fetichista e uma técnica próxima ao mundo dos quadrinhos.

As séries de nus tornaram-se uma constante na obra de Wesselmann, sendo tema recorrente em sua carreira artística, tratados tanto em pinturas como em esculturas.

Quando se formou na Cooper Union em 1959, Wesselmann separou-se de sua primeira esposa, Dot Irish. Nessa época começou a criar sua série de colagens. Continuando suas novas experiências, o artista incorporou imagens e materiais residuais a essas peças de pequeno formato, dando-lhes conteúdo figurativo.

Em 1960, finalmente chegou ao seu estilo: incluiu nus em suas colagens, quando seu caso de amor com Claire Selley, uma colega, evoluiu e com quem se casou em 1963. Ela ajudou-o a sair do estado de dúvida e desânimo em que o artista se encontrava nessa época.

Desde então, ele começou a definir seu estilo, baseado em um sonho onde apareciam as palavras vermelho, azul e branco. Decidiu ater-se a essa gama para resolver problemas de composição, nascendo daí a série intitulada “*Great American Nude*” (Grande Nú Americano) em 1961 e realiza sua primeira exposição individual na Galeria *Tanager* em Nova Iorque. Essa série tornou-se famosa. O uso da cor laranja nessas obras é claramente observado. A série explora a figura feminina em poses sensuais e provocantes. Combina cores brilhantes, laranja, vermelho e roxo.

O uso da cor laranja enfatizava a sensualidade e a presença impactante das modelos retratadas. Criava também um contraste com as outras cores, o que deixava a obra bastante atraente.

Em razão de rumores de que seu estilo havia sido copiado ou que alguns pintores tinham um semelhante, Wesselmann começa a refiná-lo para que pudesse se destacar dos demais, incluindo imagens publicitárias, integrando objetos tridimensionais e colagens em suas obras, enquanto seus nus assumem uma carga erótica que caracteriza grande parte do seu trabalho.

Seus temas então se diversificam e começa a se expressar fazendo naturezas-mortas, uma série denominada “*Still Lifes*” (Naturezas-mortas). Aqui, Wesselmann retrata objetos do cotidiano, como flores, garrafas, frutas, sempre se valendo de cores vivas e saturadas. Usava a cor laranja para representar frutas cítricas, tangerinas, laranjas...

Em sua obra, o contraste do laranja com o verde e o azul oferece uma sensação de harmonia visual e uma sensação de equilíbrio ao seu trabalho.

Para enfatizar suas mudanças de estilo, Wesselmann publicou uma monografia sobre sua obra em 1980, a qual escreveu na terceira pessoa, sob o pseudônimo de *Slim Stealingworth*.

A cor laranja foi grandemente valorizada na obra de Wesselmann pela sua abordagem vibrante e inovadora, contribuindo assim para que o laranja fosse um elemento expressivo e emocional em suas pinturas.

Em 1983, inovou seu trabalho e produziu os *Metal Works* (Trabalhos em Metal), em que este material é cortado a laser e depois pintado a acrílico.

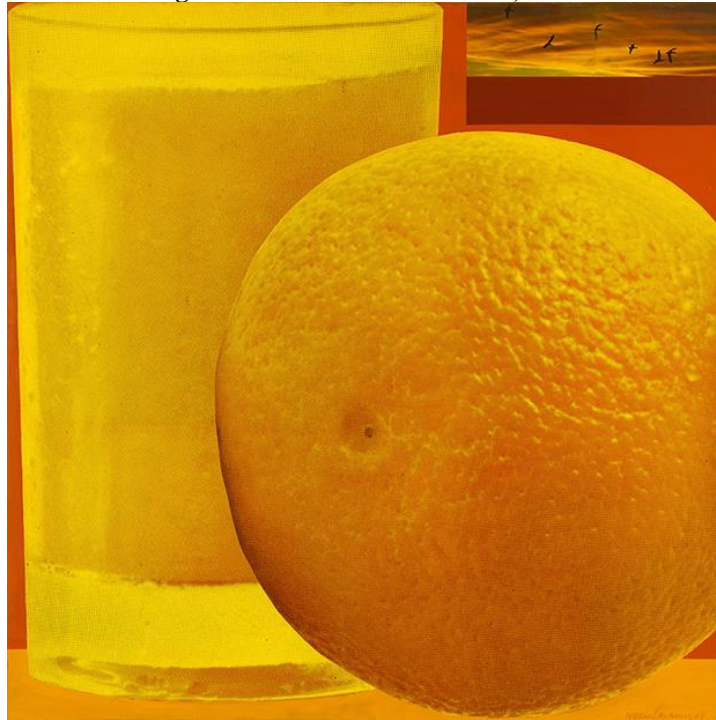
Com o passar do tempo, o erotismo de suas pinturas de nus intensificou-se, com detalhes ampliados da anatomia feminina e a integração de elementos reais como penugens, peles...

Em seus últimos anos, consagra-se aos “Blue Nudes” (Nus Azuis), em homenagem ao “*Nu Bleu*” de Henri Matisse, sua referência ao longo de toda a vida. Assim, retoma a técnica dos papéis recortados.

Um pouco antes de sua morte, em 2003, introduziu uma última referência a Matisse em “*Sunset Nude with Matisse Odalisque*” (Nu ao Pôr-do-Sol com Odalisca de Matisse).

Tom Wesselmann notabilizou-se por seus provocantes nus de mulheres e foi uma das maiores expressões do Movimento *Pop Art*.

Figura 55– Natureza Morta #44, 1964



Nota: Técnica mista e colagem a bordo com sobreposição de plexiglass. Dimensões: 121,9cm x 121,9cm. Espólio de Tom Wesselmann. Licenciado por VAGA, Nova York, NY, Estados Unidos. Crédito da foto: Jeffrey Sturges. Fonte: PHAIDON. **A Pop Art clássica de Tom Wesselmann.** Disponível em: <<https://www.phaidon.com/agenda/art/articles/2016/january/27/the-classical-pop-art-of-tom-wesselmann/>>.

4.6.1 Reflexão

A obra Natureza Morta #44 (1964) foi produzida por Wesselman em 1964, num período em que o artista buscava redefinir seu estilo, em razão dos fortes rumores que circulavam no meio artístico de que ele estava plagiando outros pintores. Decidiu então, refinar seu trabalho, visando se destacar dos demais pela sua criatividade.

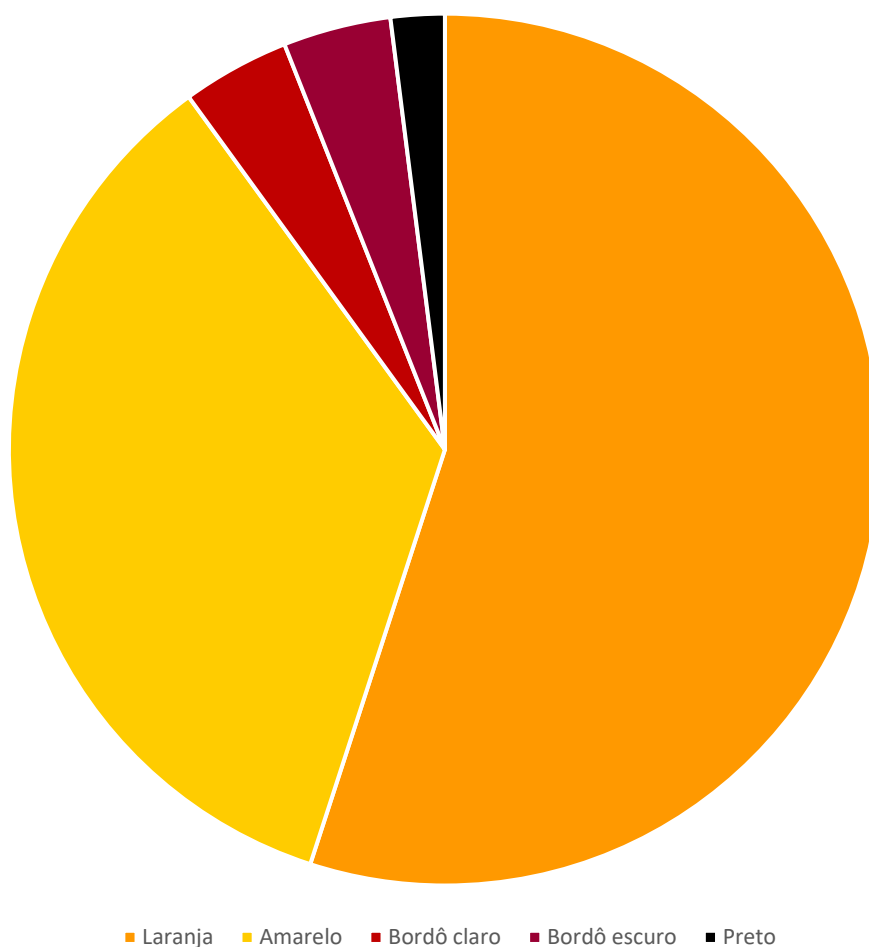
Por isso, passou a utilizar imagens publicitárias em suas colagens, inserindo em seu trabalho objetos tridimensionais. Nesse período, seus nus produzidos até então, assumem a dimensão erótica, que caracterizou e notabilizou seu trabalho no Movimento *Pop Art* e Arte Moderna.

Visando distanciar-se daqueles que o acusavam de plágio, Wesselmann começou a produzir quadros de natureza morta. Assim surgiu a série, que foi chamada de “*Still Lifes*”, onde o autor retrata o cotidiano, usando suas cores preferidas, com muita ênfase no laranja, cores vivas, saturadas, vibrantes, para representar flores, garrafas, frutas.

Na obra acima, observamos em primeiro plano uma laranja, tendo logo atrás um copo cheio, estando ambos sobre uma mesa, onde se vê ao fundo uma janela aberta mostrando o céu alaranjado com algumas aves em voo livre. A predominância das cores usadas por Wesselmann nesse trabalho é quase total voltada para o laranja.

A série “*Still Life #44, 1964*” foi produzida com a técnica mista e colagem a bordo com sobreposição de *plexiglass*, um tipo de acrílico transparente, forte e resistente.

Figura 56 – Disco Das Cores: Natureza Morta #44, 1964



Fonte: Elaborado pelo autor.

4.6.2 Galeria – Tom Wesselmann

Figura 57 – *Great American Nude 8*, 1967



Nota: cinco telas sobrepostas a três planos, 250cm x 380cm x 130 cm. Localização: Museum Ludwig, Colónia, Alemanha.

Fonte: ANTÓNIA. **Pop Art**, Blog Cores e Cheiros, Lisboa, 7 maio 2011. Disponível em: <<https://charcofrio.blogspot.com/2011/05/pop-art.html?m=1>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

As telas eróticas de Tom Wesselmann exibem partes do corpo feminino. Não é encontrar lábios vermelhos, mamilos eretos, mulheres reclinadas. Seu trabalho atraiu a lista A da *Pop Art* na década de 1960. Ele ficou muito conhecido pela sua série gigante “*Great American Nude*” nessa época. Seu trabalho era tão provocativo quanto controverso.

Figura 58 – *Bedroom Painting #4*, 1968



Nota: Óleo sobre tela. Dimensões: 91,4 cm x 152,4cm.

Fonte: GAGOSIAN. **Tom Wesselmann – Exhibitions**. Disponível em: <<https://gagosian.com/exhibitions/2017/tom-wesselmann-bedroom-paintings/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

As obras de Wesselmann da série “*Bedroom Paintings*” — realizadas entre 1968 e 1983 —, mostram partes dos corpos femininos ampliadas por um foco estreito, ao lado de objetos comuns ao quarto.

Lábios carnudos pintados, mamilos eretos, pés apoiados por interruptores de luz, cinzeiros e travesseiros. Usando sua ousada paleta de cores primárias, num estilo abstrato, parecido com uma colagem e fragmentando o corpo, não seria surpresa se Wesselmann fosse acusado de misoginia, ao equiparar as mulheres ao consumismo e a objetos mudos. Essas obras de Wesselmann, visivelmente arrebatadoras e ousadamente sexuais, dividiram opiniões à época.

Seus quadros pareciam terem sido preparados para a indignação. Em outras palavras, acreditava-se no ditado que “sexo vende”. Tom Wesselmann afirmara na época, que seu trabalho só “realmente começou” quando se aproximou do nu e quando trabalhou “com grandes formas” para enfatizar o seu tratamento da forma abstrata e da cor.

Figura 59 – *Great American Nude #53* (1964)



Nota: Óleo e colagem sobre tela. Dimensões: 259,1cm x 243,8cm. Localização: Haunch of Venison, London, UK. Fonte: AESTHETICA. **Gallery Update: Tom Wesselmann at Haunch of Venison, London**, 19 out. 2010. Disponível em: <<https://aestheticamagazine.com/gallery-update-tom-wesselmann-at-haunch-of-venison-london/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

O período da década de 1960 nos Estados Unidos foi marcado por significativas transformações culturais e sociais, notadamente catalisadas pelo Movimento *Pop Art*.

Este movimento artístico celebrava e reverenciava a cultura popular, estabelecendo um contraste nítido com os valores tradicionais que dominavam o cenário artístico até então.

É relevante observar que quatro anos antes da concepção da icônica obra “*Great American Nude #53 (1964)*”, Wesselmann já havia firmado sua exploração da representação da figura feminina, por meio da criação de composições que retratavam a nudez feminina.

A mencionada obra integra a série intitulada “*Great American Nude*”, sendo notável por apresentar uma representação de uma mulher desprovida de vestimenta, na qual se incorporam elementos que refletem a crescente influência da cultura de massa.

Estes elementos se materializam por meio do uso de cores vivas e intensas, que se amalgamam de maneira harmoniosa com os traços sensuais e eróticos, característicos nas criações de Wesselmann. O artista, de fato, se destaca por sua habilidade em fundir a estética da cultura popular com a exploração da figura humana em sua produção artística, contribuindo assim para a efervescência criativa do Movimento Pop Art na década de 1960.

Figura 60 – *Drawing for Great American Nude #78, 1966-1977*



Nota: Liquitex e grafite em ragboard. Dimensões: 20cm x 24,2cm. Localização: Coleção particular, New York. Fonte: MUTUAL ART. **Drawing for Great American Nude #78, 1966-1977**. Disponível em: <<https://www.mutualart.com/Artwork/Drawing-for-Great-American-Nude--78/63A5F5BE32ED2B18DE75764161465E08>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

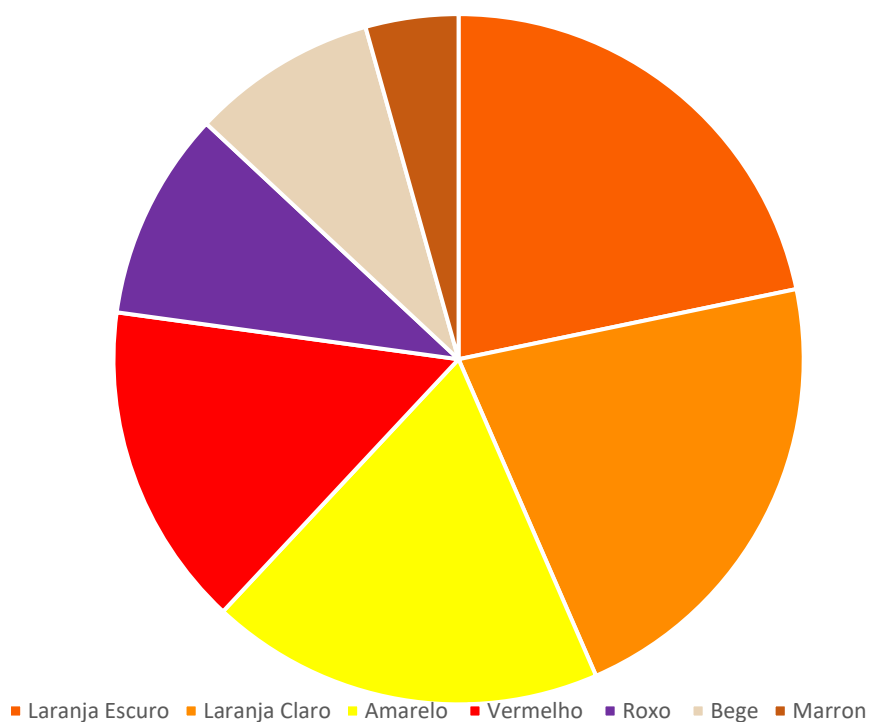
“*Drawing for Great American Nude #78*” pertencente à série “*Great American Nude*”, que representa mais uma notável manifestação artística de Tom Wesselmann, reconhecida por

sua natureza provocativa, desafiadora e audaciosa na representação de nus femininos. Tanto esta obra quanto outras pertencentes à mesma série, juntamente com criações de outros artistas do movimento *Pop Art* da mesma época, empenharam-se na busca por novas fronteiras artísticas ao incorporar elementos da cultura popular e da sociedade de consumo em suas composições.

4.6.3 Disco das Cores – Tom Wesselmann: conjunto da obra

Tom Wesselmann usou a cor laranja de forma notável em sua obra, seja no período em que produziu a série “*Great American Nude*” (Grande Nú Americano), seja quando começou a se expressar produzindo naturezas-mortas, numa série em que denominou de “*Still Lifes*” (Naturezas-mortas), onde usou fortemente as cores laranja para representar frutas cítricas como laranjas, tangerinas...

Figura 61 – Disco das Cores – Tom Wesselmann: conjunto da obra



Fonte: Elaborado pelo autor.

4.7 MARRON NA OBRA DE REMBRANDT

Figura 62 – Rembrandt Harmenszoon van Rijn. Autorretrato aos 34anos



Nota: Óleo em Tela. Dimensões: 91x75 cm. Datado de 1640. Localização: National Gallery, Londres, Inglaterra. Fonte: NATIONAL GALLERY. **Rembrandt:** self Portrait at the age of 34. Disponível em: <<https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/rembrandt-self-portrait-at-the-age-of-34>>. Acesso em: 15 dez. 2023.

REMBRANDT HARMENSZOOM VAN RIJN, pintor, gravurista e desenhista, nasceu em Leiden em 15 de julho de 1606, e faleceu em 04 de outubro de 1669, em Amsterdã, ambas na República Unida dos Países Baixos.

Um dos mais importantes nomes da história holandesa e da história da arte barroca europeia. Sua pintura, entretanto, só foi reconhecida a partir do século XIX. Trabalhou com métodos inovadores usando a luz e sombra, retratos, autorretratos, obras sacras e históricas. Suas obras são quase sempre em tons escuros, prevalecendo o marrom.

Rembrandt fez experimentos com relação à consistência da tinta e com o papel da luz, usando o *chiaroscuro* – a utilização da luz e da sombra para efeitos dramáticos. Essa técnica era famosa nas obras de Caravaggio.

O primeiro professor de Rembrandt aos sete anos, foi Jacob Isaacs van Swanenburgh, quando ingressou na Escola Latina de Leiden, na condição de aprendiz. Na época (século XVII), era necessário conhecer profundamente os materiais para ser um pintor. Era, portanto, comum ser aprendiz de um pintor já experiente, para aprender o ofício. O pintor ensinaria ao

aprendiz, não só os princípios básicos do desenho e pintura, mas também como preparar as telas e a tinta.

Em 1623, com dezessete anos, vai para Amsterdam, para estudar com o pintor romanista Pieter Lastman. Em 1627, volta para Leiden e instala seu próprio ateliê, com o pintor e amigo Jan Lievens.

Em 1631, após a morte de seu pai, mudou-se para Amsterdam, morando na casa do galerista Hendrick van Uylenburg e trabalhando na encomenda do Dr. Nicholas Tulp, um famoso cirurgião holandês, o quadro “A Lição de Anatomia do Dr. Tulp”, uma de suas obras mais famosas e revolucionárias.

Um ano depois, já era um pintor famoso, um dos mais caros e procurados da cidade, pois retratava ricos e bem-sucedidos burgueses. Na época, era comum enfeitar as paredes com seus próprios retratos.

Em 1634, com 28 anos, casou-se com Saskia van Uylenburgh, sua fonte de inspiração, filha do prefeito de Amsterdam, época em que atinge o auge da fama e prosperidade.

Em 1639 compra uma casa no centro de Amsterdam, e a transforma em centro de reunião social e em museu de objetos raros, móveis antigos e louças valiosas.

Seu ateliê era um dos maiores da Europa, com muitos alunos e uma clientela rica. Essa tranquilidade, entretanto, foi quebrada com a morte de três dos seus filhos num curto espaço de tempo. Só o seu quarto filho, Titus, chegou à idade adulta.

Em 1642, morre sua esposa, Saskia, que lhe deixa uma fortuna considerável.

Por volta de 1645, o artista contratou Hendricke Stoffels, vinte anos mais nova, para ser sua empregada e pajem de seu filho Titus. Ela era uma pessoa simples e gentil que ajudou a confortar o artista no seu período de viuvez. Entretanto, seu relacionamento com Rembrandt logo mudou de serviçal para modelo e depois de modelo para esposa. Esposa, em tudo, exceto no nome. Rembrandt não se casou oficialmente com Hendricke, para continuar se beneficiando da herança de Saskia. Ela permaneceu com ele até sua morte, aos 37 anos, em 1663.

Hendricke teve duas filhas com Rembrandt, uma que morreu quando criança e a mais nova, Cornelia, que era saudável. Rembrandt parecia apoiado por Hendricke e seu filho Titus, com quem estava encantado. A maturidade estava trazendo mais calma e sabedoria à sua vida e arte.

Vivendo nessa época, além de suas rendas e com as encomendas de suas obras rareando cada vez mais, Rembrandt entrou em grandes dificuldades financeiras, o que o levou à falência.

O estilo barroco de Rembrandt caiu lentamente em desgraça devido a uma mudança no gosto holandês pela arte. Uma predileção por drama, elegância, cores vivas e maneiras graciosas

se desenvolveu como visto no trabalho do elegante artista flamengo Anthony van Dyck. Embora ele precisasse desesperadamente de comissões, Rembrandt não comprometeria sua arte. Seu trabalho tornou-se mais silencioso e profundo. Outra razão para seu declínio na popularidade pode ter sido sua dedicação contínua a temas bíblicos. Em meados da década de 1640, ele era um dos poucos artistas holandeses ainda interpretando as escrituras.

O interesse de Rembrandt pela pintura de paisagem durou pelas próximas duas décadas. Uma série de desenhos e gravuras mostra sua observação aguçada da natureza, grande originalidade na composição e maravilhosa economia de formas.

Os estudiosos de arte do século XIX consideravam a pintura “O Moinho”, como uma das maiores criações do mestre. Os colecionadores e críticos celebraram a dramática composição do moinho contra um céu escuro e tempestuoso e atribuíram a atmosfera pesada ao estado de espírito de Rembrandt quando ele se encontrou em sérias dificuldades financeiras.

Em 1660, ocorre um caso inusitado na vida de Rembrandt. Ele fora procurado para transformar em pintura “A Conspiração de Claudius Civilis”, Quando, porém, a obra ficou pronta, o que se viu foi um grupo de bárbaros, um bando de assassinos e um rei caolho.

Para os burgueses isso foi um choque. A obra fora devolvida para modificações, mas Rembrandt se recusou modificá-la e pôe fogo no quadro, porém, logo se arrependeu e conseguiu salvar a cena central, que se encontra no museu de Estocolmo.

Rembrandt certamente viveu além de suas possibilidades, oferecendo seu próprio trabalho em vendas para aumentar seu lucro e comprando pinturas e gravuras, o que pode ter contribuído para um leilão organizado pela corte em 1657. Ele vendeu a maioria de seus bens mais valiosos, incluindo bustos romanos, armadura japonesa e objetos asiáticos, conjuntos de minerais, pinturas e uma grande coleção de outras antiguidades.

Mais tarde, ele vendeu sua casa para se mudar para uma residência mais modesta nos arredores de Amsterdã com Hendricke e Titus. A Associação de Pintores de Amsterdã havia introduzido uma nova decisão para estabelecer que ninguém na situação financeira de Rembrandt pudesse negociar como pintor. No entanto, Hendricke e Titus estabeleceram uma parceria para um novo negócio como negociantes de arte com Rembrandt como funcionário.

Rembrandt sobreviveu a Hendricke, que morreu em 1663, e ao seu filho Titus, que faleceu, cinco anos depois, em 1668. O artista faleceu no dia 4 de outubro de 1669, em Amsterdã, onde foi sepultado como um homem pobre, em um túmulo desconhecido. Depois de vinte anos, seus restos mortais foram levados e destruídos, o que era habitual com falecidos pobres.

Figura 63 – Autorretrato com boina levantada, 1659



Nota: Óleo sobre tela. Dimensões: 84,4cm c 66,0 cm. Localização: Galeria Nacional de Arte, Washington, Estados Unidos. Créditos: Andrew W Mellon Collection

Fonte: NATIONAL GALLERY OF ART. **Self-Portrait, 1659**. Disponível em: <<https://www.nga.gov/collection/art-object-page.79.html>>. Acesso em 22 out. 2022.

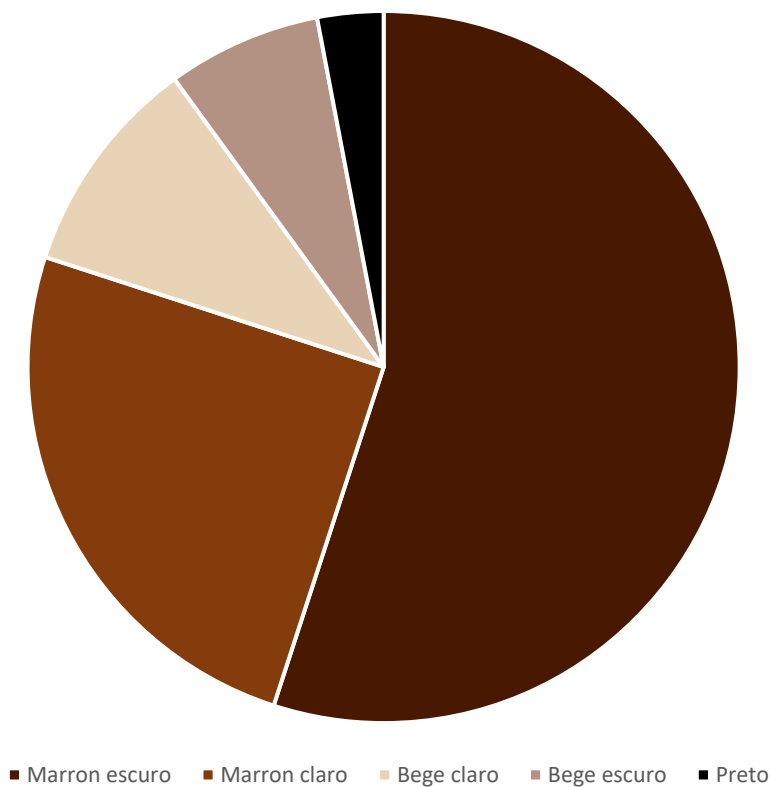
4.7.1 Reflexão

Não se tem notícia de outro artista que tenha deixado um testamento pessoal mais elevado e penetrante do que Rembrandt. São mais de noventa autorretratos que datam desde o início de sua carreira, na década de 1620 até sua morte, em 1669. Rembrandt fez uma verdadeira autobiografia, única e íntima, em arte, com seus autorretratos. Sua vida, marcada por muitas tragédias pessoais, incluindo a morte de sua esposa e três de seus filhos, afetaram profundamente sua arte, levando-o a retratar temas como mortalidade, fragilidade e conexões humanas.

Rembrandt era fascinado por autorretratos, que documentam sua própria evolução e reflexão. O pintá-los não queria apenas mostrar seu domínio técnico, mas também explorar a passagem do tempo e as mudanças interiores que a vida o fez experimentar. Em seus últimos anos de vida — de 1652 a 1669 —, Rembrandt pintou seus autorretratos mais reflexivos. O presente quadro, pintado em 1659 é um deles. Nele, observa-se um rico tratamento pictórico que mescla um *chiaroscuro* ao mesmo tempo vigoroso e suave.

O rosto do pintor parece banhar-se em uma luz interior, fazendo denotar uma vida espiritual, decorrente de suas experiências trágicas em vida, que lhe marcaram o rosto. Os músculos faciais estão flácidos, mas ainda evidenciam grande sensibilidade. Seus olhos, notadamente de um idoso, aparecem grandes e dominadores, mostrando um ser humano vulnerável.

Figura 64 – Disco das Cores: Autorretrato, 1659



Fonte: Elaborado pelo autor.

4.7.2 Galeria – Rembrandt

Figura 65 – A lição de anatomia do Dr. Nicolaes Tulp, 1632



Nota: Óleo sobre tela. Dimensões: 169,5cm x 216,5cm. Localização: Museu Mauritshuis, Haia, Holanda
Fonte: MAURITSHUIS GALLERY. A lição de anatomia do Dr. Nicolaes Tulp. Disponível em: <<https://www.mauritshuis.nl/pt/descobrir-a-colecao/descobrir-a-colecao/146-a-licao-de-anatomia-do-dr-nicolaes-tulp/#detail-data>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

“A Lição de Anatomia do Dr. Nicolaes Tulp”, pintada em 1632, é uma das obras mais famosas e revolucionárias de Rembrandt. Ela retrata uma aula de anatomia do Dr. Nicolaes Tulp, onde ele executa a dissecação da mão esquerda de Aris Kindt, um marginal que havia sido condenado à morte. A obra foi encomendada pela Associação de Cirurgiões de Amsterdã.

Era comum na época, a burguesia liberal pagar o que fosse preciso para ser eternizada em uma pintura que mostrasse sua riqueza, suas roupas, suas imagens. O artista usa a técnica do *chiaroscuro* para dar a sensação de volume. As cores se resumem a pontos mais iluminados e regiões escurecidas. Os efeitos de luz e sombra agregam à pintura a noção de perspectiva, dando ideia de realidade. Observa-se isso no corte feito para a dissecação do braço, além da luminosidade sobre o cadáver. Nota-se também um contraste entre a vida e a morte, pois o corpo encontra-se deitado, inerte, pálido, enquanto os personagens à sua volta dão ideia de dinamismo e movimento.

Figura 66 – A Ronda Noturna, 1642



Nota: Óleo sobre tela. Dimensões: 3,63 m x 4,67m. Localização: Rijksmuseum, Amsterdã, Holanda.

Fonte: RIJKSMUSEUM. **The Night Watch, Rembrandt van Rijn, 1642.** Disponível em: <https://www.rijksmuseum.nl/en/collection/SK-C-5>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Essa pintura de Rembrandt retrata uma patrulha, um grupo de guardas civis que guardavam os portões, policiavam as ruas, apagavam incêndios e mantinham a ordem na cidade.

Rembrandt utiliza de recursos para trazer um aspecto animado à pintura, como elementos “escondidos” que não pertencem ao contexto, além de retratar subjetivamente a expressão facial e corporal dos guardas.

Figura 67 – O copista

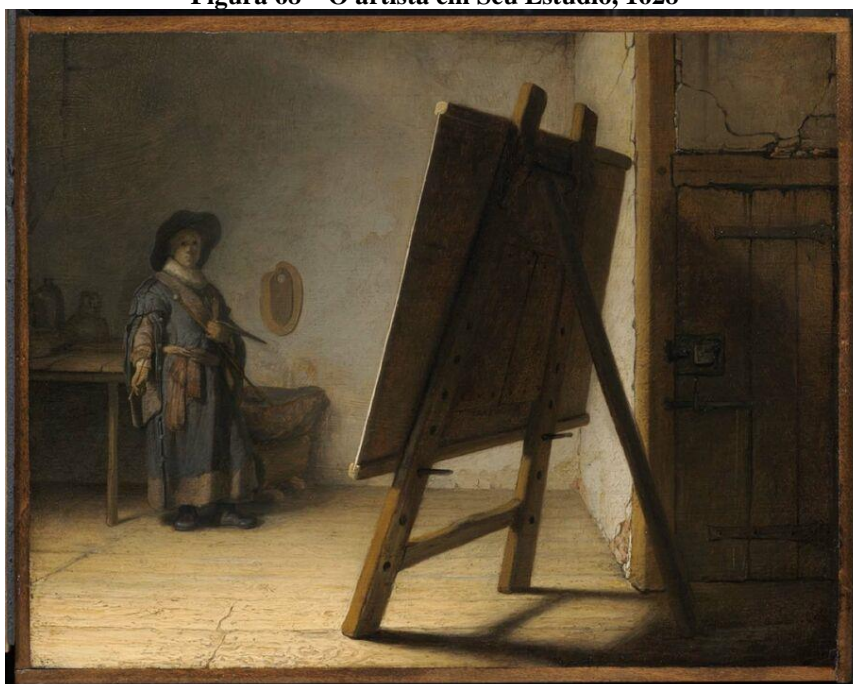
Nota: Óleo sobre madeira. Dimensões: 60cm x 48cm. Localização: Museu Nacional de Belas-Artes da Suécia, Estocolmo, Suécia.

Fonte: UNIVERSIDADE DE LISBOA. **Rembrandt:** a leitura e as idades. Disponível em: <<https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~ommartins/album/rembrandt.htm>> Acesso em: 15 nov. 2023.

O século XVII faz parte de um período considerado histórico para os Países Baixos, em razão de sua prosperidade intelectual, artística e econômica. Rembrandt pintou “O Copista” na década de 1630, em Amsterdã, quando estava no auge de sua carreira, sendo reconhecido como um dos artistas mais importantes daquele século.

Era muito respeitado pelos seus alunos e admiradores do seu trabalho, mas foi um período em que Rembrandt passou por problemas financeiros em razão da vida desregrada que levava. A obra mostra um ancião, envolto numa leitura, aproveitando a claridade do sol que entrava pela janela, num cômodo quase escuro. Nota-se na pintura a facilidade com que Rembrandt retratava a luz e a sombra, o que aliás, o caracterizou em toda sua obra.

Figura 68 – O artista em Seu Estúdio, 1628



Nota: Óleo em painel. Dimensões: 24,8cm x 31,7cm Museu de Belas Arte de Boston, Zoe Oliver Sherman Collection, Boston, Estados Unidos.

Fonte: ARTE|REF. **Rembrandt, um dos grandes contadores de história do mundo da arte**, 07 out. 2019. Disponível em: <<https://arteref.com/artes-tradicionais/rembrandt-um-dos-grandes-contadores-de-historia-do-mundo-da-arte/>>. Acesso em 15 nov. 2023.

No século XVII, o tema “o artista em seu estúdio” era comum entre os artistas holandeses. Rembrandt o fez por diversas vezes e em cada ocasião fazia algo original. Quando pintou esse quadro, o artista tinha apenas 22 anos. A pintura “O Artista em Seu Estúdio, 1628 é impressionante porque contrasta com a maioria dos pintores da época.

Estes fizeram do tema algo suntuoso, enquanto Rembrandt apresenta uma sala quase vazia, com o gesso da parede rachado, descascado e com uma grande tela no seu cavalete, com as costas voltadas para o espectador.

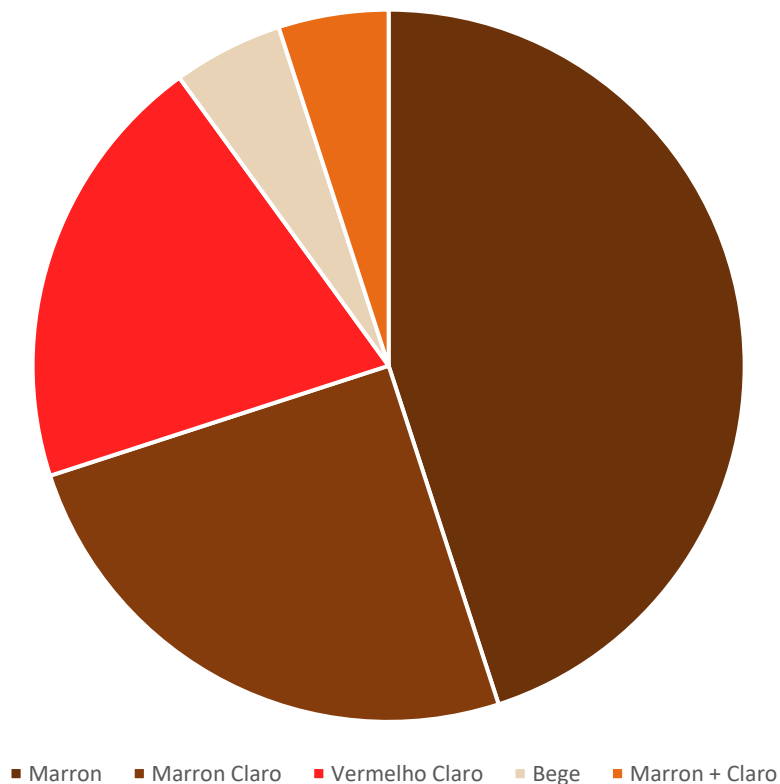
À distância, o artista em pé, veste um longo casaco de frio e um chapéu, parecendo que de fato estava posando para uma foto. Rembrandt parece, na foto, mostrar como um artista se sente diante de uma tela, momentos antes da concepção e decisão que são necessários para se criar sua obra.

Vê-se um cenário quase vazio, com apenas as ferramentas necessárias para o seu trabalho. Rembrandt retrata muito bem essa ênfase que é dada ao pensamento e não na ação, usando, como o faz com maestria, o efeito da luz e sombra. Observa-se finalmente, algo importante na obra: o pintor, distante, parece ter sua figura ofuscada pela grandiosidade de sua obra, em primeiro plano.

4.7.3 Disco das Cores – Rembrandt: conjunto da obra

O Disco das Cores do conjunto da obra de Rembrandt retrata sua preferência por cores escuras como os tons de marrom, tanto que setenta por cento da área do disco é composta por marrom escuro e marrom claro. Rembrandt foi um dos mestres do claro-escuro, uma técnica que herdou do mestre italiano Caravaggio, em que os efeitos de luz criam a forma e o espaço de suas obras. As outras cores que compõem seu disco são o vermelho em maior proporção, o bege e ainda o marrom claro.

Figura 69 – Disco das Cores – Rembrandt: conjunto da obra



Fonte: Elaborado pelo autor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou reafirmar a importância da Teoria das Cores, mostrando que a cor — que a todos encanta — é um dos elementos visuais, quase um protagonista da pintura.

Na presente pesquisa, estudou-se a cor como elemento visual, como teoria, como conhecimento, buscando a relação entre o elemento visual e o artista, no processo de humanização da própria linguagem, das peculiaridades de cada artista ao usar as cores em suas obras.

Estudou-se a Teoria das Cores desde Aristóteles, para quem as cores existiam na forma de raios enviados por Deus. Entendia o grande filósofo, que as cores eram propriedade dos objetos, bem como seu peso, material e textura. Para ele, os objetos também tinham cores e estas cores mais simples seriam as dos elementos: terra, ar, fogo e água.

Na sequência, tem-se Leonardo da Vinci, que afirmava que a cor era propriedade da luz e não dos objetos. Por fim, permeou-se aqueles que legaram seus discos das cores: Isaac Newton, que estudou a decomposição da luz solar em várias cores ao atravessar um prisma, percebendo então que a luz se decompunha em diversas cores e que variavam do violeta ao vermelho; Johann Wolfgang von Goethe, que descreveu suas impressões e estudos sobre a fenomenologia da cor; Michel Eugène Chevreul que ensinou que as cores, quando próximas umas das outras, “mudam” de tom, comparando quando são vistas em separado e finalmente, Johannes Itten que desenvolveu um disco de cores, ainda hoje usado para se combinar cores entre os sete contrastes da cor.

Esses teóricos das cores legaram conhecimentos importantíssimos, permitindo que até nos dias atuais, suas teorias sejam consideradas por artistas das cores.

Ao estudar a Teoria das Cores, foram selecionados entre os artistas, pintores de vários períodos da história e de diferentes países.

Assim, passaram pelas lentes desta pesquisa Van Gogh, Matisse, Yves Klein, Iberê Camargo, Monet, Tom Wesselmann e Rembrandt e pode-se constatar como, em suas obras, priorizaram determinadas cores e nuances. A harmonia das cores, presente nas obras analisadas, é conceito presente na Teoria das Cores. Essa harmonia estuda combinações entre as cores para entender quais associações são mais interessantes para o fim almejado. Esses artistas fizeram isso com maestria. O estudo de harmonia das cores é feito tendo como base o Disco das Cores, ou Círculo Cromático.

Os artistas e cores estudados, ao transportarem para o campo visual, em suas diferentes formas, cores e proporções, permitiram criar uma forma inédita de leitura, um Disco das Cores para cada pintor.

Esses discos individuais que aqui foram apresentados, fundamentam-se no “conjunto da obra” de cada um, buscando mostrar suas preferências cromáticas, para representarem as cores primárias, as secundárias e uma terciária, com o marrom representando-as.

Assim, o amarelo foi estudado na obra de Van Gogh, destacando como sua obra principal, seu quadro “Quatorze Girassóis em um Vaso”, onde os tons de amarelo e laranja são predominantes. Vemos o Disco das Cores dessa obra de Van Gogh com poucos tons de verde, marrom e vermelho, predominando o amarelo claro e o amarelo escuro.

Como dito nas Considerações Iniciais, para cada artista, escolheu-se quatro de suas obras, formando assim uma “galeria” para cada um, onde se destacou-se suas preferências cromáticas.

Começando pelas obras de Van Gogh e sua preferência pelo amarelo: sua obra principal, “Girassóis, 1888”, mostra seu disco das cores com grande predominância do amarelo, laranja, pouco verde, marrom e vermelho. Em sua galeria, no quadro “*Le Café de Nuit*”, o amarelo tem grande predominância, seguido pelo vermelho. O próprio Van Gogh disse que “a sala é de um vermelho sangrento e de um amarelo escuro... há quatro lâmpadas amarelo-limão com um brilho alaranjado e verde”

Em “Amoreira no Outono”, quadro que Van Gogh pintou já muito doente e próximo de sua morte, grande parte da tela é tomada pelo amarelo, seguido pelo azul do céu. Com cores brilhantes, essa obra mostra seu vivo interesse no impressionismo, deixando visível seu conhecimento sobre a Teoria das Cores.

O quadro “Campo de Trigo” foi pintado quando Van Gogh estava num hospital psiquiátrico para tratar seus problemas mentais. O campo de trigo, amarelo, toma grande parte da tela, seguido ao fundo pelo azul celeste. Impressiona como Van Gogh trabalha com as cores nesse quadro, fazendo o amarelo dos trigais contrastar com o azul do céu, o que dá à obra a sensação de equilíbrio e harmonia.

Em Marmelos, limões, peras e uvas, Van Gogh usou o amarelo e o laranja em grande parte da tela, empregando pouco o vermelho e o verde, o que dá a sensação de movimento e vida.

O Disco das Cores do “conjunto da obra” de Van Gogh tem o amarelo como cor predominante, seguido de azul e azul marinho, além de verde, preto e branco em menor escala.

O vermelho está representado pelas obras de Henri Matisse. Foi selecionada para ser sua obra principal o seu quadro “O Ateliê Vermelho”, onde a predominância dessa cor toma grande parte da tela e por isso seu disco das cores tem praticamente setenta por cento de vermelho seguido do bege claro e pouco rosa, tons de verde, azul, preto e violeta.

Na galeria de Matisse, suas obras são a tela “*Red Interior Scene with Tiger Painting and Ornate Sofa*”, onde os tons vibrantes de vermelho escarlate se entremeiam com rosa. Alguns Salpicos de ouro dão à obra um brilho especial.

Na tela “Sobremesa”, Matisse usa as três cores primárias – vermelho, amarelo e azul, que cumprem missões diferentes: o azul e o amarelo, e seu complementar o verde, definem conteúdos e formas, enquanto o vermelho, sua tendência constante e numa aventura cromática, harmoniza a obra.

A pintura “Odalisca em Jaqueta Vermelha”, tela em que a predominância do vermelho é evidente, foi concebida por Matisse quando seu estado de saúde era precário. Na época em que foi pintada — 1927, período pós-Primeira Guerra Mundial —, quando houve uma importante transformação entre os artistas, que se aventuraram, buscando novas e diferentes formas de expressão. O autor, já consagrado, um dos líderes do Fauvismo, mostrava sua tendência por cores vibrantes e uma arrojada abordagem da forma.

Sua quarta obra da galeria, “Peixe Dourado”, demonstra que Matisse inspirou-se possivelmente nas imagens orientais de peixes dourados que teria visto. Os peixes, em vermelho, em suas obras aparecem mais de dez vezes.

Dessa forma, o disco das cores de Henri Matisse é vermelho em quase metade, seguido do rosa, tons de verde, azul e bege.

Fechando as cores primárias, para representar o azul, não poderia ser outro artista senão Yves Klein, o artista dessa cor. O seu quadro “IKB 191”, foi selecionado como sua obra principal. Evidentemente que seu disco das cores é um círculo azul total, pois a obra também apresenta sua totalidade na cor azul.

Em sua galeria, não poderia deixar de constar sua obra “Antropologia do Período Azul” obra realizada em 1960, quando o autor contratou modelos que cobriram seus corpos com tinta azul e, no chão, como se fosse uma grande tela, imprimiram seus corpos.

A obra “Bárbara”, concebida no mesmo ano, mostra Yves Klein buscando novas abordagens para sua arte. Também impressas pelo corpo feminino como instrumento pictórico, numa representação simbólica de pincéis vivos.

Outra obra de Yves Klein que foi inserida em sua galeria é “Vênus de Alexandria”, também conhecida como “Vênus Azul”, que mostra o autor preocupado em transmitir uma

tomada de consciência sobre a sociedade consumista e suas consequências negativas. Vênus de Alexandria, símbolo de um corpo na antiguidade clássica, mantém a energia de um real absoluto para além do azul em direção ao universo.

Sua outra obra em nossa galeria é “Azul, 1960”, onde Klein explora o azul em sua plenitude, já que é considerado um artista de uma só cor, o azul! É considerado criador do vazio. À época da criação dessa obra, o autor estava envolvido com a espiritualidade e a filosofia, buscando algo além da materialidade. Klein tinha certeza de que o seu azul “IKB”, vibrante e profundo, trazia também qualidades espirituais e imateriais.

Dessa forma, seu disco das cores é ocupado em mais de oitenta por cento pelo azul, aparecendo no restante uma divisão entre o bege, dourado, rosa e vermelho.

A cor roxo/lilás vem representada pelo trabalho do brasileiro Iberê Camargo com a sua obra “As idiotas”.

O disco das cores dessa obra considera o roxo escuro e o claro tomando quase a totalidade do círculo, sendo completado pelo azul claro, bordô escuro, branco e preto.

Em sua galeria, observa-se sua clara tendência para o roxo/lilás em sua primeira obra: “Mulher e Manequim”. Sua segunda obra é um autorretrato, “Iberê, 1987”, um encontro consigo mesmo. Tons de roxo, azul e vermelho escuro com pouco branco, dão à obra o que Iberê pretendia: um olhar sobre si mesmo.

A obra “Contraste” explora um tema que Iberê perseguiu por vários anos, o do carretel. Carregado também de roxo/lilás, com fundo preto, deixa clara a opção do artista gaúcho por essa tonalidade em suas obras.

O carretel de linha sempre esteve em destaque nas obras de Iberê Camargo. Sua tela “Infância – Carretéis, 1958” mostra um fundo roxo, com carretéis empilhados. A predominância do roxo na obra é visível.

Assim, o disco das cores do “conjunto da obra” de Iberê Camargo mostra metade do círculo cromático com as cores roxo, lilás e azul escuro, seguido do verde escuro, verde claro, marrom, vermelho, bege e preto, em proporções bem menores.

Para representar o verde, nossa pesquisa trouxe as obras de Claude Monet.

Seu quadro “Ponte Sobre uma Lagoa de Lírios de Água” é a obra considerada nesta pesquisa como sua obra principal. Os tons de verde tomam 75% (setenta e cinco por cento) do seu disco de cores, seguido de tons de roxo, rosa e bordô.

Sua galeria é composta em primeiro lugar pela tela “Impressão, Nascer do Sol”, que aliás, deu origem ao termo “impressionismo”, que surgiu na pintura francesa do século XIX.

“Lírios d’Água” vem em seguida, onde percebe-se claramente a predominância dos tons de verde. “O Litoral em Trouville” outra obra em que metade da tela é ocupada pelos tons de verde, seguida ao fundo por tons do mar e o azul celeste.

A obra “Bancos do Sena, Vetheuil, 1880” mostra como Monet era hábil em captar a luz do sol e a atmosfera em seus quadros!

O disco das cores de Monet é evidenciado por uma presença quase total da cor verde, em seus diferentes tons, mais escuros e mais claros, seguido em partes bem menores pelo azul, vermelho, laranja e roxo.

Para fechar as cores secundárias, tem-se a cor laranja nas obras de Tom Wesselmann, um americano que foi um mestre na combinação de cores, usando preferencialmente a cor laranja.

Sua obra principal considerada em nossa pesquisa é seu quadro “Natureza Morta #44, 1964”. O uso intenso do laranja nessa tela deixa apenas uma pequena parte para tons avermelhados, tanto que seu respectivo disco das cores tem apenas poucos tons de bordô e preto, sendo o restante do círculo cromático nos tons de laranja e amarelo.

Sua galeria é composta por três de seus quadros da série gigante “*Great American Nude*”. O primeiro, “*Great American Nude 8, 1967*”, um trabalho em tom alaranjado, amarelo, rosa e vermelho em que Tom Wesselmann atraiu a lista A da *Pop Art* na década de 1960, além de ser, como os demais da série, provocativo e controverso. Outro é o “*Great American Nude #53*” e o “*Drawing for Great American Nude #78, 1966-1977*”,

O quadro “*Bedroom Painting #4, 1968*”, apresenta menos tons amarelados, contudo uma laranja no canto inferior direito chama a atenção pelo tom reluzente do amarelo.

O disco das cores do conjunto da obra de Tom Wesselmann demonstra claramente sua tendência em usar, sem economia, os tons amarelo e laranja, seguido em muito menor escala o vermelho, roxo, bege e marrom.

Finalmente, para representar as cores terciárias, optamos pelas obras de Rembrandt.

Sua obra principal escolhida foi o seu “Autorretrato com boina e gola levantada – 1659”, que nos leva a construir um disco das cores com pouquíssimos tons de bege claro, bege escuro e preto, tendo em quase toda a sua totalidade a predominância do marrom.

As quatro obras de Rembrandt são: “A Lição de Anatomia do Dr. Nicolaes Tulip”, “A Ronda Noturna – 1642”, “O Copista” e “O Artista em Seu Estúdio – 1628”, obras em que Rembrandt demonstrou extrema competência artística ao utilizar-se da luz e da sombra para efeitos dramáticos, o “*chiaroscuro*”.

O disco das cores do conjunto da obra de Rembrandt apresentado, contempla dois terços do círculo cromático com tons de marrom, ficando o vermelho claro, e o bege com proporções bem menores.

A importância do presente trabalho está no fato de relacionar a Teoria das Cores de Newton, Goethe, Chevreul e Itten, com as diferentes manifestações artísticas de sete pintores de diferentes épocas e lugares e como usaram preferencialmente determinadas cores em suas obras, cada um em seu tempo e no seu estilo.

Os discos das cores desses quatro teóricos da cor serviram como um método de análise, como uma ferramenta metodológica para criarmos analiticamente, criticamente, os discos das cores de cada um dos artistas pesquisados, discos estes que apresentamos de forma inédita neste trabalho.

Identificou-se, assim, suas relações de encantamento de cada um com suas respectivas cores: Van Gogh com o amarelo, Matisse com o vermelho, Yves Klein com o azul, Iberê Camargo com o roxo, Monet com o verde, Wesselmann com o laranja e Rembrandt com o marrom.

Para cada pintor, selecionou-se uma “obra capital”, que gerou um disco das cores, de forma inédita. Baseando no “conjunto da obra” de cada um, também foi gerado um disco das cores de suas carreiras artísticas, por meio de quatro obras selecionadas.

Quando se direciona o olhar para outro aspecto da presente pesquisa — a interdisciplinaridade — nota-se que Newton (1643/1727) era um físico inglês, Goethe (1749/1832), um filósofo alemão, Chevreul (1786/1889), um químico francês, e Itten (1888/1967) um pintor, professor e escritor suíço. O legado de cada um ao longo do tempo, num período de trezentos anos, permitiu que artistas e estudiosos das cores pudessem se apropriar de suas pesquisas em suas diferentes manifestações cromáticas.

Ao criar os discos das cores dos artistas contemporâneos, observa-se por meio de suas obras, o aspecto interdisciplinar, pois trata-se de um estudo de química, de física, de pintura, de pigmento, de linguagem.

Esse legado, tanto dos teóricos da cor, como dos artistas pesquisados com suas cores, trouxe a este pesquisador, a possibilidade de catalisar todo esse conhecimento, deixando aos futuros pesquisadores, um desafio: o de buscarem, em tantos outros artistas, a confecção de seus discos das cores, ampliando assim essa pesquisa cromática.

Pretende-se com esta pesquisa, deixar para os estudiosos da cor, um olhar diferenciado sobre o uso da cor na manifestação artística. Mostrar para artistas, pintores, estudantes da

História da Arte, professores de arte e demais interessados, os estudos de linguagem visual e levá-los a observar *como os artistas se encantam com as cores*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AESTHETICA. **Gallery Update: Tom Wesselmann at Haunch of Venison, London**, 19 out. 2010. Disponível em: <<https://aestheticamagazine.com/gallery-update-tom-wesselmann-at-haunch-of-venison-london/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ALZUGARAY, Paula. Reflexos de Iberê. **Isto É**, São Paulo, 28 nov. 2014. Disponível em: <https://istoe.com.br/394484_REFLEXOS+DE+IBERE/>. Acesso: 23 jun. 2023.

ANTÓNIA. Pop Art, **Blog Cores e Cheiros**, Lisboa, 7 maio 2011. Disponível em: <<https://charcofrio.blogspot.com/2011/05/pop-art.html?m=1>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ARTE|REF. **Rembrandt, um dos grandes contadores de história do mundo da arte**, 07 out. 2019. Disponível em: <<https://arteref.com/artes-tradicionais/rembrandt-um-dos-grandes-contadores-de-historia-do-mundo-da-arte/>>. Acesso em 15 nov. 2023.

ARTNET. **Barbara (ANT 113), 1960. Leilão**. Disponível: <<https://www.artnet.com/artists/yves-klein/barbara-ant-113-dWQ4PA1Cny9wr9h8UVw7A2>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

ARTSDOT.COM. **Azul**. Disponível em: <<https://pt.artsdot.com/@/8XZ7Q4-Yves-Klein-Azul>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

ARTSY. Yves Klein: **Antropometria do Período Azul (ANT 82), 1960**. Disponível em: <<https://www.artsy.net/artwork/yves-klein-anthropometry-of-the-blue-period-ant-82>>. Acesso em: 20 out. 2022.

ALBERS, Josef. **A interação da cor**. 2ª edição - São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2021.

ARTE & ARTISTAS. **Biografia do Pintor Barroco Rembrandt Van Rijn**, 03 dez. 2019. Disponível em <<https://arteartistas.com.br/biografia-do-pintor-barroco-rembrandt-van-rijn/>>. Acesso em 20 out. 2022.

BOERBOOM, Peter. **A Cor como Material e Recurso Visual**. Osasco: Editora Gustavo Gili, 2020.

BORGES, Gessica, Obras de Van Gogh para compreender melhor o pintor holandês, **Ebiografia**, 09 dez. 2022. Disponível em <https://www.ebiografia.com/breve_biografia_van_gogh_obras/>. Acesso em 24.08.2022.

BRITO, Ronaldo. **Iberê Camargo**. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1994.

CALANDRINI, Luisa Collyer Lima. **As cores na arte: uma experiência cromática**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual Design)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2018. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/7049/1/LCalandrini.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2023.

CAMARGO, Iberê. **No Andar do Tempo**. São Paulo: L&PM Editores, 1988.

CARVALHO, Lu Dias. Monet – A Vida Afetiva do Pintor, **Vírus da Arte & Cia**, 24 abr. 2013. Disponível em <virusdaarte.net/claude-monet-a-vida-afetiva-do-pintor/>. Acesso em 20 out. 2022.

CARTWRIGHT, Mark. Vincent van Gogh. Traduzido por Joana P. Silveira. **World History Encyclopedia**. Última modificação 17 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-20649/vincent-van-gogh/>>. Acesso em 15 nov. 2023.

CLAUDE MONET.COM. **The Japanese bridge the water lily pond**, 1899. Disponível em: <[https://www.claude-monet.com/complete-works-5.jsp#prettyPhoto\[paintings\]/54/](https://www.claude-monet.com/complete-works-5.jsp#prettyPhoto[paintings]/54/)>. Acesso em: 23 jun. 2023

_____. **Water Lilies 40**. Disponível em: <[https://www.claude-monet.com/complete-works-7.jsp#prettyPhoto\[paintings\]/5/](https://www.claude-monet.com/complete-works-7.jsp#prettyPhoto[paintings]/5/)>. Acesso em: 23 jun. 2023.

CLAUDE MONET GALLERY. **Claude Monet On The Coast At Trouville Oil Painting Reproduction**. Disponível em: <<https://www.claudemonetgallery.org/On-The-Coast-At-Trouville.html>> Acesso em: 23 jun. 2023.

COLORSYSTEM. **Johann Wolfgang von Goethe**. Disponível em: <https://www.colorsystem.com/?page_id=766&lang=en>. Acesso em 15 nov. 2023.

CONSIGLIO, Keka. 30 coisas que talvez você não sabia sobre Vincent van Gogh, **ISTOÉ**, 2021. Disponível em <<https://istoe.com.br/30-coisas-que-talvez-vocasao-saiba-sobre-vincent-van-gogh/>>. Acesso em 24 ago. 2022.

COLORSYSTEM. **Johann Wolfgang von Goethe** Disponível em <https://www.colorsystem.com/?page_id=766&lang=as>. Acesso em: 15 nov. 2023.

COLORSYSTEM. **Michel Eugène Chevreul**. Disponível em: <http://www.colorsystem.com/?page_id=792&lang=en>. Acesso em: 15 nov. 2023.

DANGER, Eric Paxton. P. **A Cor na Comunicação**. Rio de Janeiro: Fórum Editora, 1973.

DIANA, Daniela. **Rembrandt. Toda Matéria**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/rembrandt/>>. Acesso em 20 out. 2022.

DREAMS TIME. **Retrato antigo de Johann Wolfgang von Goethe**. Disponível em: <<https://pt.dreamstime.com/retrato-antigo-de-johann-wolfgang-von-goethe-foto-ch-as-antigas-letras-est%C3%A9ticas-do-livro-oeserrsq--publicado-por-friedrich-image210341514>>. Acesso em: 09 dez.2023.

DUBE, Wolf-Dieter. **O Expressionismo**. São Paulo: Verbo Editora, Universidade de São Paulo, 1976.

DUPRAT, Marcelo. Rembrandt – Pintura e Materiais, **Marcelo Duprat – Pinturas e Pesquisas**, 18 jun. 2017. Disponível em: <<https://marceloduprat.wordpress.com/2017/06/18/rembrandt-pintura-e-materiais/>>. Acesso em 20 out. 2022.

FEISNER, E. Color: **How to use colour in art and design**. King Publishing, 2006

FOLHA DE S. PAULO (Org.). **Claude Monet**. Barueri: Editorial Sol, 2007, p. 90.

FRASER, Tom; BANKS, Adam. **O Guia Completo da Cor**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

FRASES INSPIRADORAS.NET. Frases de Yves Klein. Disponível em <<https://frasesinspiradoras.net/frases-de-autores/yves-klein-55415>>. Acesso em 10 maio. 2022.

FRAZÃO, Dilva, Biografia de Henri Matisse. Disponível em <https://www.ebiografia.com/henri_matisse/>. Acesso em 10 maio 2022.

_____. Biografia de Vincent van Gogh. Disponível em <https://www.ebiografia.com/van_gogh/>. Acesso em 20 out. 2022.

FUKS, Rebeca. Dez obras-chave para compreender Claude Monet. **Cultura Genial**. Disponível em <culturagenial.com/obras-monet/>. Acesso em 20 out. 2022.

FUNDAÇÃO IBERÊ. **Iberê, 1987**. <<http://iberecamargo.org.br/obra/p188/>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

FUNDAÇÃO IBERÊ. **Mulher e manequim, 1991**. Disponível <<http://iberecamargo.org.br/obra/p186/>>.

GAGE, John. **A Cor na Arte**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

GENIOS da Pintura IV. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

GAGOSIAN. **Tom Wesselmann – Exhibitions**. Disponível em: <<https://gagosian.com/exhibitions/2017/tom-wesselmann-bedroom-paintings/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

GIANNOTTI, Marco. **Doutrina das Cores**. J.W. Goethe. 4. ed. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2013.

_____. (Org.). **Reflexões sobre a cor**. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021.

GOGH, Van. **Cartas à Théo**. São Paulo: Editora L&PM – 2002. Disponível em <https://amzn.to/34ikfBZ>. Acesso em 22.10.22.

GOOGLE ARTS & CULTURE. **As idiotas**. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/as-idiotas-the-idiotas-iber%C3%AA-camargo/EQHAp6jiGwYGfw?hl=pt-br>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

GRANDES MESTRES. **Vincent Van Gogh**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

GUIA DAS ARTES. **Iberê Camargo**. Disponível em: guiadasartes.com.br/ibere-camargo>. Acesso em: 20 out. 2022.

GUSTAVSEN, Denise. **A força do IKB**, o tom de azul criado por Yves Klein, 2016. Disponível em: <https://casa.abril.com.br/moveis-acessorios/a-forca-do-ikb-o-tom-de-azul-criado-por-yves-klein/>>. Acesso em 20 out. 2022.

HELERBROCK, Rafael. **Dispersão da luz branca**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/fisica/a-dispersao-luz-branca.htm>>. Acesso em 09 nov. 2023.

HENRI MATISSE.ORG. **L'Atelier Rouge**. Disponível em: <https://www.henrimatisse.org/the-red-studio.jsp>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

HENRI MATISSE.ORG. **Odalisque in red jacket**. Disponível em: <https://www.henrimatisse.org/images/works/odalisque-in-red-jacket-1937.jpg>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

HENRI MATISSE.ORG. **The dessert: Harmony in red, 1908**. Disponível em: <https://www.henrimatisse.org/the-dessert-harmony-in-red.jsp#prettyPhoto>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

HENRI MATISSE.ORG. **The Goldfish**. Disponível em: <https://www.henrimatisse.org/goldfish.jsp>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

HISOUR Arte Cultura Exposição. **Cor Azul na Cultura**. Disponível em <https://www.hisour.com/pt/blue-colour-in-culture-26630/>>. Acesso em 20 out. 2022.

_____. **Cor Azul na História e Arte**. Disponível em <https://www.hisour.com/pt/blue-colour-in-history-and-art-26626/>>. Acesso em 20 out. 2022.

_____. **Cor Verde na Ciência e na Natureza**. Disponível em: hisour.com/pt/green-color-in-science-and-nature-26634/>. Acesso em 20 out. 2022.

_____. Roxo em Cultura. Disponível em: <<https://www.hisour.com/pt/purple-in-culture-26731/>>. Acesso em 20 out. 2022.

IMBROISI, Margaret. Iberê Camargo. In: História das Artes, Caderno Prazer em Conhecer, 22 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/ibere-camargo/>>. Acesso em 15 dez. 2023.

INSTITUTO DE FÍSICA DA USP. **Disco de Newton**. Laboratório de Demonstrações. Disponível em: <<https://labdemo.if.usp.br/disco-de-newton-2/>>. Acesso em: 20 out. 2023.

ITTEN, Johannes. **Arte da cor. Experiência subjetiva e reconhecimento objetivo como caminhos para a arte**. Editora Ravensburg, 1973.

KUADROS. **Campo de trigo**. Disponível em: <<https://kuadros.com/pt-br/products/campo-de-trigo-vincent-van-gogh>>. Acesso em 15 nov. 2023.

KLEIN, Ives, O MANIFESTO DO HOTEL CHELSEA. Disponível em <<http://www.yvesklein.de/manifesto.html>>. Acesso em 27.06.2022.

LACY, Marie Louise. **Conhece-te Através das Cores**. 11. ed. São Paulo: Editora Pensamento Ltda., 1997.

LAGNADO, Lisette. **Conversações com Iberê Camargo**. São Paulo: Iluminuras, 1994.

LEENHARDT, Jacques. **Iberê Camargo: os meandros da memória**. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2010.

MARANHÃO, Romero de Albuquerque. História da teoria das cores: uma leitura filosófica, artística e física – de Pitágoras a Isaac Newton. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 7., 2021. **Anais...** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2021. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA117_ID3776_16092021183147.pdf>. Acesso em:

MARTINS, Simone, Girassóis, Van Gogh, 2017. Disponível em <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/girassois-van-gogh/>>. Acesso em 27 jun. 2022

MATISSE, Henri. **Henri Matisse**. Madrid: Ediciones Polígrafa, Globus Comunicación, 1994.

_____. **Henri Matisse**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

MAURITSHUIS GALLERY. A lição de anatomia do Dr. Nicolaes Tulp. Disponível em: <<https://www.mauritshuis.nl/pt/descobrir-a-colecao/descobrir-a-colecao/146-a-licao-de-anatomia-do-dr-nicolaes-tulp/#detail-data>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MEISTERDRUCKER. **Marmelos, limões, peras e uvas, 1887-1888.** (Quinces, lemons, pears and grapes, 1887-1888). Disponível em: <<https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Vincent-van-Gogh/784664/Marmelos,-lim%C3%B5es,-peras-e-uvas,-1887-1888.html>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MESTRE DAS ARTES. **Claude Monet.** Mike Venezia. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

MIGALHAS. **Bau do Migalheiro:** em 14 de novembro de 1840, nasceu Oscar-Claude Monet. Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/pilulas/396896/bau-migalheiro>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

MONET, Claude. **Biografia.** Paris City Vision. Disponível em: <<https://www.pariscityvision.com/pt/giverny/obras-claude-monet>>. Acesso em 20 out. 2022.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Newton e as Cores.** Disponível em <<https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/newton-as-cores.html>>. Acesso em 08.10.2022.

MUTUAL ART. **Drawing for Great American Nude #78, 1966-1977.** Disponível em: <<https://www.mutualart.com/Artwork/Drawing-for-Great-American-Nude--78/63A5F5BE32ED2B18DE75764161465E08>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

NAIFEH, Steven; SMITH, Gregory White, VAN GOGH. Grupo Companhia das Letras, 2012. Disponível em <<https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535921977/van-gogh>>. Acesso em 22 out.2022.

NATIONAL GALLERY. **Rembrandt: self Portrait at the age of 34.** Disponível em: <<https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/rembrandt-self-portrait-at-the-age-of-34>>. Acesso em: 15 dez. 2023.

NATIONAL GALLERY OF ART. **Self-Portrait, 1659.** Disponível em: <<https://www.nga.gov/collection/art-object-page.79.html>>. Acesso em 22 out. 2022.

OLEQUES, Liane Carvalho. Claude Monet, **InfoEscola.** Disponível em: <infoescola.com/biografias/claude-monet/>. Acesso em 20 out. 2022.

OS GRANDES Artistas. **Romantismo e Impressionismo:** Degas, Toulouse-Lautrec, Monet. Editora Nova Cultura LTDA, São Paulo, 1991.

PAISAGEM de Santa Tereza. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2254/paisagem-de-santa-tereza>>. Acesso em 10 maio 2022.

PAULA, Joy de. Cor, corpo e imaterial: Yves Klein. Disponível em: <<https://arteref.com/arte/cor-corpo-e-imaterial-yves-klein/>>. Acesso em 20 out. 2022.

PEDROSA, Israel. **Da Cor à Cor Inexistente**. 10. ed. 3. reimpr. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2014.

PENSADOR. **Biografia de Henri Matisse**. Disponível em: <https://www.pensador.com/autor/henri_matisse/biografia/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

PINTEREST. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/313915036522634816/>. Acesso em: 20 out. 2022.

REIFF, Robert F. Matisse and ‘The Red Studio’. **Art Journal**, v. 30, n. 2, p. 144–47, 1970. JSTOR, Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/775426>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

REMBRANDT, Hals, Vermeer. **Coleção de Arte**. São Paulo: Editora Globo, 1997.

PARASKEVAS, George; KOUTSOUFLIANIOTIS, Konstantinos; PATSIKAS, Michail; NOUSSIOS, George. What is the history of the term “azygos vein” in the anatomical terminology? **Surgical and Radiologic Anatomy**, v. 41, 2019. DOI: 10.1007/s00276-019-02238-3. Disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Aristotle-384-322-BC-The-ancient-Greek-philosopher-Public-domain_fig2_332685073>. Acesso em: 07 dez. 2023.

RIJSMUSEUM. **The Night Watch, Rembrandt van Rijn, 1642**. Disponível em: <<https://www.rijksmuseum.nl/en/collection/SK-C-5>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ROCHA, José Fernando M. **Origens e Evolução das Ideias da Física**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2002.

RODRIGUES, Cristiano. **A teoria da cor de Chevreul através de Seurat e Van Gogh**, LinkedIn, 15 mar. 2019. Disponível em <<https://www.linkedin.com/pulse/teoria-da-cor-de-chevreul-atrav%C3%A9s-seurat-e-van-gogh-rodriques/>>. Acesso em 20.10.22.

ROUSSEAU, René-Lucien. **A Linguagem das Cores**. 10ª edição, São Paulo: Editora Pensamento, 1995.

SAATCHI ART. **Red Interior Scene with Tiger Painting and Ornate Sofa**. Disponível em: <<https://www.saatchiart.com/art/Painting-Red-Interior-Scene-with-Tiger-Painting-and-Ornate-Sofa-after-Matisse/385295/3599478/view>>. Acesso em: 07 dez. 2023.

SABIONI, Amanda. Obras de Claude Monet. **Info Escola**, 28 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/artes/obras-de-claude-monet/>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SANTHATELA. **Amoreira no Outono**. Disponível em: <<https://santhatela.com.br/wp-content/uploads/2019/02/van-gogh-amoreira-outono-d.jpg>>. Acesso em 15 nov. 2023.

SANTHATELA. **Vincent Van Gogh**. Disponível em: https://santhatela.com.br/vincent_van_gogh/. Acesso em 22.10.2022.

SCIENCE MUSEUM. **Isaac Newton (1863)**. Disponível em: <<https://collection.sciencemuseumgroup.org.uk/objects/co65496/portrait-of-isaac-newton-oil-painting-portrait>>. Acesso em: 09 dez. 2023.

SILVA, Rogério da. **Yves Klein - o Azul e o Vazio, veículos de aproximação perceptiva**. Disponível em: <https://www.academia.edu/19534349/Yves_Klein_o_Azul_e_o_Vazio_ve%C3%ADculos_d_e_aproxima%C3%A7%C3%A3o_perceptiva>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SILVESTRINI, Narciso.; FISCHER, Ernst Peter. **Colour order systems in art and Science**, 2020. Disponível em <<https://www.colorsystem.com/?lang=en>>. Acesso em 20 out. 2022.

SOARES, Paulo Toledo. **O Mundo das Cores**. São Paulo: Editora Moderna, 1991.

TIPOGRAFOS.NET. **Johannes Itten**. Disponível em: <<http://tipografos.net/bauhaus/itten.html>>. Acesso em 15 nov.2023

TORRES, Fernanda Lopes – **O Monocromo por Yves Klein: O Pintor Demonstra o Vazio como “Valor Real” do Quadro** – IV Encontro de História da Arte – IFCH / UNICAMP – 2008.

UNIVERSIDADE DE LISBOA. **Rembrandt: a leitura e as idades**. Disponível em: <<https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~ommartins/album/rembrandt.htm>> Acesso em: 15 nov. 2023.

VAN GOGH MUSEUM. **Self-Portrait with Straw Hat**. Disponível em: <<https://www.vangoghmuseum.nl/en/collection/s0164V1962>>. Acesso em 15 nov. 2023.

VEJA RIO. Iberê Camargo, Exposições, 15 set. 2015. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/wp-content/uploads/2016/12/contraste-1982-foto-romulo-fialdini-trat-sula.jpeg?quality=70&strip=info&w=856&w=636>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

VENEZIA, Mike. **Coleção Mestre das Artes**. São Paulo: Moderna, 1996.

VIATOUR, Luc. **Vitruve: Da Vinci Bxl 11 Luc Viatour**. Disponível em: <<https://lucnix.be/picture.php?/113554/search/psk-20240314-GSDWuN46cZ>>. Acesso em 20 out. 2022.

WATKINS, Nicholas. Henri Matisse, **Grove Art Online**, Oxford University Press, 2003. DOI: <<https://doi.org/10.1093/gao/9781884446054.article.T055953>>.

WEITEMEIER, Hannah. **Yves Klein**. São Paulo: Paisagem Distribuidora de Livros, 2005.

WESSELMANN, Tom. **Gallerease**. Disponível em: <https://gallerease.com/pt/artistas/tom-wesselmann_bba219543355>. Acesso em: 20 out. 2022

_____, **Museu Coleção Berardo**. Disponível em: <pt.museuberardo.pt/colecao/artistas/617>. Acesso em 08 out.2022.

WIKIWEAND. **Tom Wesselmann**. Disponível em: <wikiwand.com/pt/Tom_Wesselmann>. Acesso em 20 out. 2022.

WIKIART. International Klein Blue. Disponível em: <<https://www.wikiart.org/pt/yves-klein/international-klein-blue>>. Acesso em: 20 out. 2023.

WIKIART. **Tom Wesselmann**. Disponível em: <<https://www.wikiart.org/pt/tom-wesselmann>>. Acesso em: 20 out. 2023.

YAN, Su; HUANG, Jun-Jie; VERINAZ-JADAN, Herman; DALY, Nathan; HIGGITT, Catherine; DRAGOTTI, Pier. A Fast Automatic Method for Deconvoluting Macro X-Ray Fluorescence Data Collected From Easel Paintings. **IEEE Transactions on Computational Imaging**, 2023, DOI: 10.1109/TCI.2023.3288343. Disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Vincent-van-Gogh-Sunflowers-NG3863-1888-Oil-on-canvas-38-39-CThe-National_fig5_371804585>. Acesso em: 15 nov. 2023.

YVES KLEIN. **Yves Klein Bio**. Disponível em: <<https://www.yvesklein.com/en/bio/>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

ZANINI, Raquel. Yves Klein, **Síntese Culturarte**, 11 out. 2014. Disponível em: <<http://raquelzanini.blogspot.com/2014/10/yves-klein.html>>. Acesso em 20 out.2022.

ZIELINSKY, Mônica. A inquietude da arte. In: ZIELINSKY, Mônica; DUARTE, Paulo Sergio; SALZSTEIN, Sônia. **Moderno no limite**. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2008. p. 26-28.